

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM LINGÜÍSTICA**

SOLANGE CARLOS DE CARVALHO

**ESTUDO VARIÁVEL DO APAGAMENTO DOS
DITONGOS DECRESCENTES ORAIS
NA FALA DO RECIFE**

Recife, 2007

SOLANGE CARLOS DE CARVALHO

**ESTUDO VARIÁVEL DO APAGAMENTO DOS
DITONGOS DECRESCENTES ORAIS
NA FALA DO RECIFE**

Dissertação de mestrado
apresentada ao programa de Pós-
graduação em Letras da
Universidade Federal de
Pernambuco, como requisito parcial
à obtenção do título de mestre em
lingüística.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Stella Telles
Co-orientador: Prof. Dr. Dermeval da Hora

Recife, 2007

Carvalho, Solange Carlos de

Estudo variável do apagamento dos ditongos
decrecentes orais em falares do Recife / Solange
Carlos de Carvalho. – Recife : O Autor, 2007.

102 folhas : il., fig., tab., quadros.

**Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de
Pernambuco. CAC. Letras, 2007.**

Inclui bibliografia.

**1. Língua Portuguesa – Português falado – Brasil.
2. Sociolinguística. 3. Variação linguística. 4. Ditongo
– Apagamento – Recife. 5. Fonologia. I.Título.**

**801
410**

**CDU (2.ed.)
CDD (22.ed.)**

**UFPE
CAC2007-
16**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM LETRAS E LINGÜÍSTICA
MESTRADO EM LINGÜÍSTICA

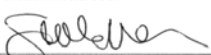
SOLANGE CARLOS DE CARVALHO

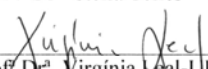
**ESTUDO VARIÁVEL DO APAGAMENTO DOS DITONGOS
DECRESCENTES ORAIS EM FALARES DO RECIFE**

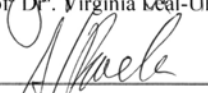
Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Pernambuco, para obtenção do título de mestre em lingüística

Data de aprovação: 15 / 02 / de 2007

Banca examinadora:


Prof.^a Dr.^a Stella Telles – UFPE (orientadora)


Prof.^a Dr.^a Virginia Leal-UFPE


Prof./Dr. Aldir Santos de Paula – UFAL

A Jefferson, meu amado adjuntor, que me deu o apoio de que precisava para a consecução dessa Dissertação; à minha família que sempre apostou no melhor de mim e a Adriana, minha filha única, a quem amo sem limite e a quem, além de amor e carinho, devo sempre dar exemplo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, antes de tudo, a Deus -- autor e consumidor da minha fé -- por sua presença nos momentos de angústias, pelo refrigério em minh'alma e por me iluminar nas horas mais difíceis ao longo deste trabalho.

A meu esposo, Jefferson Marques, cuja dedicação, apoio e paciência foram fundamentais para a realização deste estudo.

A minha filha, Adriana, pela compreensão quando de minhas ausências; pelas palavras de conforto na finalização de cada etapa deste mestrado.

A Stella Telles, mais do que orientadora, uma conselheira, por sua dedicação e amizade e, sobretudo, pela proficiência nos encaminhamentos desta pesquisa, sem esquecer do apoio técnico que me ofereceu durante todo o curso, sem o qual, a finalização desta dissertação se tornaria uma missão quase impossível.

À professora Dilma Luciano, pelo apoio espiritual nos momentos de desenganos, sempre com uma palavra de conforto e de incentivo ao fortalecimento de minha fé em Deus, instigando-me assim a descansar Nele.

Agradeço também à bibliotecária Ively Almeida, pelo auxílio na normalização deste trabalho.

Aos meus colegas de mestrado, pela convivência amigável durante o curso, em que compartilhamos alegrias e tristezas, torcendo uns pelos outros, em especial às amigas: Carla Carmelita, Edvânia, Flávia e Rosângela, sobretudo ao colega variacionista, Edmilson de Sá, o que esteve mais próximo a mim durante todo o segundo ano do mestrado, ajudando-me na organização dos meus dados, no uso do Programa Goldvarb2001, utilizado para auxílio de análise estatística dos dados coletados e pela companhia durante todos os congressos que participamos. Muito obrigada!

A Ricardo Dutra, pela prestação de serviços durante os últimos meses da entrega do trabalho, bem como a sua mãe, pelo apoio gástrico, no preparo de seus saborosos quitutes e lanches nos dias de digitação; a Mirian Paula, pelas mensagens de incentivo, no orkut, estimulando minha autoconfiança, enfim, a todos que, de certa forma, sempre estiveram próximos, torcendo por mim.

Agradeço ainda a Diva e à equipe da secretaria da Pós-graduação, pela atenção, disponibilidade no atendimento com que me atendiam, minimizando as burocracias; como também, às garotas da sala de leitura César Leal, que sempre me aturaram com

paciência; aos estagiários do laboratório de informática da graduação, que sempre davam “um jeitinho” para que eu ficasse mais tempo no computador, quando nas finalizações de meus artigos, e, não poderia esquecer da amiga Fátima, da secretaria do curso de Letras, que já vem me aturando desde a época da Especialização no ano de 2004, sempre solícita todas as vezes que dela precisei.

Não posso deixar de registrar aqui, meus sinceros agradecimentos aos professores do Mestrado, pela confiança que depositaram em mim: Marlos Pessoa, que me convidou a participar do projeto de publicação de um Manual de Línguas, tendo me enriquecido sobremaneira com os conhecimentos na história da língua, além de sua disponibilidade para revisar o capítulo em que faço a retrospectiva histórica; a professora Nelly Carvalho, cujas aulas interessantíssimas, serviram-me de bálsamo e me encheram de profundo prazer; ampliando-me os conhecimentos, em termos de visão de mundo, além de sempre ter nos incentivado a publicar nossos trabalhos; agradeço também ao professor Xavier, pelo bombardeio de textos científicos, o que nos levou a refletir sobre as verdades científicas nas perspectivas de Kunh e Popper, cuja leitura me rendeu um artigo publicado.

Por fim, e, não menos importante, agradeço a todos os entrevistados, pela colaboração neste estudo, pela atenção dispensada e pelas informações prestadas. Muito Obrigada a todos!

“Quem põe a mão no arado e olha para traz não é digno do reino de Deus”
Lucas, 9: 61

RESUMO

Este estudo trata da descrição e análise do apagamento dos *glides* que compõem os ditongos orais /aj/, /ej/, /oj/, /aw/, /ew/, /ow/ em falares do Recife, a partir de uma perspectiva variacionista. Os dados foram coletados seguindo a metodologia laboviana da "Teoria da Variação" (LABOV, 1972) por ser considerada pertinente para delimitação de uma amostra representativa, válida para o estabelecimento de generalizações. Como se trata de uma análise também da variação interna da norma culta, dentre os fatores extralingüísticos comumente selecionados, como: sexo, faixa etária, incluímos mais um, referente ao bairro de origem do informante. Com essa variável poderemos controlar a variação lingüística x origem social do entrevistado. Quanto aos fatores lingüísticos, consideramos os contextos segmental, prosódico e posicional de ocorrência do ditongo, assim como a categoria gramatical em que o mesmo é encontrado. Para a interpretação dos resultados, controlamos os dados quantitativos com uma avaliação qualitativa do *corpus*, em que 1135 ocorrências dos ditongos, 659 foram formados com o *glide* /j/ e 445, com o *glide* /w/. Os resultados alcançados na pesquisa nos levam a uma constatação de que o apagamento dos ditongos decrescentes orais evidenciam uma mudança, uma vez que os *glides* quando em contextos específicos foram praticamente categóricos diante de palatal e tepe.

Palavras-chave: Ditongo decrescente. Variação lingüística. Mudança lingüística, Sociolingüística. *Glide*.

ABSTRACT

This study is about the description and analysis of the deletion of the glides that compose the oral diphthongs /aj /, /ej /, /oj /, /aw /, /ew /, /ow / at the speech from Recife, starting from a variacionist perspective. The data were collected following the labovian methodology of the " Theory of Variation"(LABOV, 1966; 1972) for being considered pertinent for the delimitation of a representative sample, valid for the establishment of generalizations. As it is also an analysis of the internal variation of the standard form, among the extralinguistics factors commonly selected, as sex, age group, we included another one, regarding the district of origin of the informer. With that variable we can control the linguistic variation x the interviewee's social origin. Concerning the linguistic factors, we considered the segmental, prosodic and positional contexts of occurrence of the diphthong, as well as the grammatical category in which the same is found. For the interpretation of the results, we controlled the quantitative data with a qualitative evaluation of the corpus, in that 1135 occurrences of the diphthongs, 659 were formed with the glide /j/ and 445, with the glide /w/. The reached results in the research take us to a verification that the deletion of the oral falling diphthongs evidences a change, once the glides were practically categorical before palatal and taps when in specific contexts.

Word key: Falling diphthongs. Linguistic variation, Linguistic Change, Sociolinguistic. Glide.

LISTA DE TABELAS

- Tabela 1 – População residente, área e densidade demográfica, segundo os bairros do Recife.
- Tabela 2 – Variável sexo – *glide /j/*
- Tabela 3 – Variável escolaridade – *glide /j/*
- Tabela 4 – Variável escolaridade – *glide /w/*
- Tabela 5 – Variável faixa etária – *glide /j/*
- Tabela 6 – Variável faixa etária – *glide /w/*
- Tabela 7 – Variável localização de moradia – *glide /w/*
- Tabela 8 – Cruzamento faixa etária X escolaridade
- Tabela 9 – Cruzamento faixa etária X localização
- Tabela 10 – Cruzamento escolaridade X localização
- Tabela 11 – Variável posição do ditongo – *glide /j/*
- Tabela 12 – Variável contexto fonológico seguinte – *glide /j/*
- Tabela 13 – Variável classe gramatical – *glide /j/*
- Tabela 14 – Variável tonicidade – *glide /w/*
- Tabela 15 – Variável contexto fonológico precedente – *glide /w/*
- Tabela 16 – Variável contexto fonológico seguinte – *glide /w/*

LISTA DE QUADROS

- Quadro 1 – Regiões Político-Administrativas do Recife
- Quadro 2 – Contraste de ocorrências entrevista X leitura
- Quadro 3 – Contraste de ocorrências em mesmo ambiente fonológico
- Quadro 4 – Contraste com flexões do verbo Querer
- Quadro 5 – /ow/ em mesmo ambiente fonológico
- Quadro 6 – Ditongos falsos e ditongos verdadeiros
- Quadro 7 – As variáveis sociais
- Quadro 8 – As variáveis estruturais
- Quadro 9 – Variáveis selecionadas – *glide /j/*
- Quadro 10 – Variáveis selecionadas – *glide /w/*

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 – Estrutura silábica (SELKIRK, 1982)
- Figura 2 – Representações das estruturas subjacentes dos ditongos pesados e leves por Bisol (1989)
- Figura 3 – Representação de consoante velar no *glide* posterior como unidade monofonemática
- Figura 4 – Representação das estruturas subjacentes dos ditongos leves e Pesados por Collischonn (2005)
- Figura 5 – Representação do /s/ pela geometria de traços (CLEMMENTS E HUMME) 1995
- Figura 6 – Ocorrência de ditongos no *corpus*

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 APORTE TEÓRICO	20
2.1 A Sociolingüística variacionista	21
2.1.1 <i>A pesquisa de Labov</i>	22
2.1.2 <i>A Sociolingüística e seus estudos no Brasil</i>	24
2.2 Apresentação teórica sobre o ditongo	27
I- <i>A perspectiva de Joaquim Mattoso Câmara Jr.</i>	29
II- <i>A perspectiva de Leda Bisol</i>	30
III- <i>A perspectiva de Gisela Collischonn</i>	33
2.3 Os estudos sociolingüísticos sobre o ditongo em outras localizades do Brasil	35
I- Fabiana Silva: <i>O processo de monotongação em João Pessoa</i>	36
II- Raquel Lopes: <i>A realização variável dos ditongos [ow] e [ey] em Altamira-PA</i>	37
III- Gerusa Pereira: <i>Monotongação dos ditongos /aj/, /ej/ e /ow/ no português falado em Tubarão-SC – Estudo de casos</i>	39
3 DADOS GERAIS SOBRE A FORMAÇÃO DA CIDADE DO RECIFE	42
3.1 As migrações e suas conseqüências	44
3.2 Processo de evolução urbana	46
4 ABORDAGEM METODOLÓGICA	53
4.1 Procedimentos segundo a metodologia variacionista	54
4.2 Utilização das redes de relacionamentos na escolha dos entrevistados	57
4.3 Procedimento para a coleta de dados	58
4.4 As variáveis	62
4.4.1 <i>As variáveis dependentes</i>	62
4.4.2 <i>As variáveis independentes</i>	62
4.4.2.1 <i>As variáveis sociais</i>	64

4.4.2.2 <i>As variáveis estruturais</i>	65
5 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	66
5.1 Discussão preliminar	67
5.2 <i>Análise estatística e discussão dos resultados</i>	69
5.2.1 As variáveis controladas	69
5.2.1.1 Restrições sociais	70
5.2.1.1.1 <i>Interação dos dados das restrições sociais</i>	74
I – Faixa etária <i>versus</i> escolaridade	74
II – Faixa etária <i>versus</i> localização	75
III – Escolaridade <i>versus</i> localização	75
5.2.2 Restrições estruturais	76
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	84
REFERÊNCIAS	88
APÊNDICES	
ANEXOS	

1. INTRODUÇÃO

Linguists have never been unconscious of the problem of stylistic variation. The normal practice is to set such variants aside – not because they are considered unimportant, but because the techniques of linguistics are thought to be unsuitable or inadequate to handle them.

William Labov

Este estudo trata da descrição e análise da realização variável dos ditongos decrescentes orais (aj, ej, oj, aw, ew, ow) no português falado na cidade do Recife-PE, a partir de amostras de fala recolhidas de 48 informantes, todos nativos, estratificados de acordo com as variáveis sexo, idade, escolaridade e localização de moradia, donde se infere o provável nível socioeconômico do entrevistado. Os dados foram coletados em forma de narrativas pessoais, ou entrevistas sociolingüísticas, devidamente registradas em fita cassete, das quais foram retiradas 1135 ocorrências, em que 659 eram de ocorrências com o *glide* /j/ e 445, com o *glide* /w/. O tratamento e a análise dispensados a tais dados seguem os pressupostos teórico-metodológicos da sociolingüística variacionista laboviana (1972, 1994). Para um estudo fonético-fonológico, o enfoque que damos ao fenômeno é sincrônico.

O objetivo precípua deste trabalho é verificar, a partir dos recortes de fala espontânea, o apagamento dos *glides* que compõem os ditongos decrescentes orais acima referidos, a exemplo de: *caixa, faixa, peixe, feixe, outro, ouvir, ouvinte*.

O ditongo no Português é suscetível a regras variáveis de epêntese, de apagamento. Nosso estudo está centrado na regra variável de apagamento do ditongo. (Cf. seção 2.2, p.27). Nosso propósito é verificar até onde se sustenta a aplicação dessa regra variável no uso da língua entre os recifenses. Feita essa observação pela análise exploratória dos dados coletados, fomos impelidos a investigar as razões que estariam influenciando a realização e o apagamento dos *glides* formadores do ditongo. Durante o processo investigatório, inquiríamo-nos sobre a origem desses ditongos: o porquê de seu uso variável, quando esta regra variável se aplica? Os imigrantes rurais tiveram maior influência sobre os falantes recifenses ou não teriam esses recifenses, maior influência do que os estrangeiros? Quem apaga mais os homens ou as mulheres? Os mais jovens ou os mais velhos? Só os menos escolarizados apagam, ou os falantes de nível superior também aplicam essa regra variável? Não seria a influência da localização de moradia a mais relevante das variáveis sociais? Este fenômeno de apagamento obedece a uma ordem social ou não seria apenas uma questão estrutural? E, por fim, ainda nos inquiríamos sobre o grau de importância dessas respostas para os estudos lingüísticos.

Considerando nosso conhecimento empírico da fala recifense e do contexto socioeconômico de seus falantes, de um lado, e, de outro, nossa reflexão teórica acerca do fenômeno da monotongação, levantamos as hipóteses abaixo apresentadas:

- a) O contexto social tem forte influência na aplicação de regra variável, por isso a localização de moradia do falante foi uma das restrições sociais que decidimos controlar para verificar a motivação na aplicação da regra variável em estudo, com a qual identificaríamos o *status* socioeconômico do entrevistado e pesáramos, por conseguinte, o grau de sua influência no condicionamento do fenômeno.
- b) Das restrições lingüísticas que decidimos controlar, temos a hipótese de que o contexto precedente é fundamental para atestar o apagamento do ditongo, uma vez que são os componentes essenciais para a formação dos ditongos: [aj], [ej], [oj], [aw], [ew], [ow].
- c) Os ditongos formados com o *glide* /w/ são mais recorrentes na língua e seu apagamento é mais perceptível, quando precedido pela vogal posterior /o/, formando o ditongo [ow], pela questão da saliência fônica.

Desde o ano de 2004, à época de nossa especialização em Linguística Aplicada ao Ensino da Língua Portuguesa/UFPE, quando atualizávamos nossos conhecimentos lingüísticos então adormecidos desde o ano de 1991, passamos a nos interessar profundamente por assuntos relacionados aos processos fonológicos por que passa uma língua, pela condição natural de mudança, tema bastante em pauta nos últimos anos. A partir das aulas de fonologia, começamos a atentar para as diferenças existentes entre a pronúncia das pessoas, coexistentes ou não de mesmo espaço geográfico. Naquela ocasião, a pronúncia de duas colegas nos chamava a atenção, ambas coincidentemente chamadas Maria Helena, uma delas, também colega de trabalho, natural do Recife, cuja pronúncia dos gerúndios, por mais espontânea que fosse, não permitia a síncope da oclusiva sonora /d/, diferente de nossa própria pronúncia que, mesmo em situações formais, apagávamos o referido fonema; passamos também a observar a pronúncia muito sibilada do arquifonema /S/ da outra Maria Helena, esta paraibana, fizemos comparação com a pronúncia dos recifenses, percebemos que indistintamente os recifenses “chiavam” e “sibilavam”. Foi daí que surgiu o interesse em pesquisar empiricamente a variedade lingüística do Recife, e em buscar explicações fonológicas para sua ocorrência. Pesquisamos, por ocasião da monografia, realizada para a avaliação final da especialização, o *glide epentético antes de sibilante*, uma vez que a inserção do *glide* /j/ antes da pronúncia palatalizada era natural em muitas outras cidades, entretanto, sua ocorrência antes de sibilantes era um fenômeno variável particular do recifense. Ao ingressar na Pós-graduação, ano seguinte ao da especialização (2005), sentimo-nos instigadas a continuar as pesquisas empíricas no Recife, em busca de registros para compor o quadro fonético-fonológico do Recife. Resolvemos, dessa vez, pesquisar mais um fenômeno variável, agora sobre o apagamento dos *glides* que compõem os ditongos decrescentes orais na fala do Recife, cuja representação na escrita se tem afastado sensivelmente da fala.

As pesquisas realizadas sobre os empregos lingüísticos variantes assumem importância peculiar, dada a complexidade dos diversos aspectos abordados. O Brasil é um país que possui grandes diferenças dialetais e também variáveis geográficas dentro de uma mesma comunidade de fala. Em que pese a crescente demanda de profissionais qualificados no campo da pesquisa sociolingüística, o estudo variacionista na fala recifense não tem sido objeto de prioridade entre os sociolingüistas, o que pode ser comprovado pelos poucos estudos de variação realizados na comunidade do Recife. Tal fato justifica um reinvestimento na proposta da pesquisa sociolingüística ora apresentada.

Embora reconhecendo que os ditongos são relevantes para a compreensão de alguns pontos da fonologia do Português, nossa preocupação neste estudo não esteve centrada no nível fonológico, o que propomos é uma abordagem mais fonética dos ditongos decrescentes, como mencionamos no início, em que descrevemos a realização variável desses ditongos a partir do corpus já estabelecido (Cf. cap. 4). Consideramos, por conseguinte, o aspecto fonético-fonológico, como um instrumento metodológico, não havendo assim necessidade de um recorte no binômio (fonética-fonologia). Entendemos a relevância de apresentar as discussões levantadas por alguns autores (Cf. cap. 2) e deixamos para um outro momento, as considerações sobre as implicações fonológicas do apagamento dos *glides* que compõem os ditongos decrescentes orais em estudo.

Desta forma, apresentamos à comunidade científica e a todos estudiosos da sociolingüística, bem como aos estudantes de lingüística em geral, um estudo em sociolingüística variacionista, como trabalho final do curso de mestrado em Lingüística, mediante o qual procuramos atender a expectativa gerada pelas questões levantadas anteriormente.

O texto está dividido em seis capítulos. Iniciamos nosso estudo apresentando nossos objetivos e nossas hipóteses sobre o fenômeno em análise.

No Capítulo 2, apresentamos os pressupostos teóricos em três subseções, ocasião em que traçamos um apanhado geral sobre a Sociolingüística, discorrendo então sobre o fenômeno *mudança e variação lingüística*. Abrimos uma subseção, em que tecemos algumas considerações sobre a pesquisa de Labov em Martha's Vineyard, uma pequena ilha em Massachussets, nos Estados Unidos, que tanto inspirou outros estudos de base empírica, inclusive este. Revisitando o estudo sobre o ditongo, apresentamos o fenômeno da monotongação no Português do Brasil, as perspectivas de Joaquim Mattoso Câmara Jr., Leda Bisol e Giselle Collischonn., na terceira subseção, comentamos os resultados de outros estudos sobre a monotongação, também na perspectiva variacionista, realizados em outras localidades do País.

No Capítulo 3, em um recorte histórico do Recife, traçamos o panorama do processo de formação e urbanização da comunidade de fala recifense. Este capítulo servirá de base para o estudo sociolingüístico dos entrevistados (na análise dos dados), e, com um rápido olhar nos estudos de redes, a partir do que observaremos em que medida as redes de relacionamento podem afetar sensivelmente os falantes dos diversos bairros e das diversificadas posições sociais.

No Capítulo 4, apresentamos a abordagem metodológica, mediante a qual detalhamos como se deu os procedimentos da coleta de dados, que programa utilizamos para a análise quantitativa, o que foi considerado relevante pelo Programa, quais as variáveis descartadas e o porquê, enfim, quais os passos seguidos para a consecução da pesquisa empírica.

O Capítulo 5 trata da descrição e análise dos resultados da pesquisa. Nesta parte da dissertação, depois da análise dos dados probabilísticos dos gráficos e tabelas, discutiremos os resultados, ao tempo em que daremos um tratamento qualitativo à pesquisa.

2. APORTE TEÓRICO

Concebendo a língua como instrumento social e sujeita a variações e mudanças, é de suma importância o conhecimento da realidade local, sem perder de vista o geral, para que a partir dele sejam feitas reflexões que contribuam para algum posicionamento diante do que é dito, quando é dito e como é dito.

Dermeval da Hora

Neste Capítulo, abrimos três seções a título de revisão de literatura sobre nosso objeto de estudo. Na primeira seção, trataremos da sociolingüística variacionista, em que apresentaremos as contribuições dos estudos sociolingüísticos, com destaque para Labov, o criador da Teoria da Variação. Em seguida, na segunda seção, faremos uma apresentação teórica do ditongo nas perspectivas de Joaquim Mattoso Câmara Jr., Leda Bisol e Gisela Collischonn, por intermédio dos quais, teremos o entendimento do ditongo no Português para compreender o fenômeno variável em estudo; na terceira seção, apresentaremos alguns estudos sociolingüísticos já realizados sobre o ditongo, a partir dos quais possibilitamos uma análise comparativa com os resultados de nossa pesquisa.

2.1 A Sociolingüística variacionista

Várias foram as contribuições dos estudos sociolingüísticos desenvolvidos desde a Conferência de Lake Arrowhead realizada na Califórnia, no ano de 1964, entre as

quais se destacaram os estudos realizados por Willian Labov, voltados para a relação língua-sociedade com finalidade de sistematizar a variação da fala.

Em 1968, Uriel Weinreich, William Labov e Marvin Herzog apresentaram ao mundo um modelo teórico metodológico, ao qual chamaram Teoria da Variação ou Sociolingüística variacionista, cujo objetivo era a descrição de uma língua e seus determinantes. Para esses estudiosos da língua, muito importava descrever os processos fonológicos das estruturas lingüísticas na fluência temporal, provar a sistematicidade da “variação”, fundamentando-as e contextualizando-as. Esse modelo reagia à homogeneidade da língua e considerá-la homogênea seria o mesmo que desprezar o componente social. O que provavelmente não era a intenção de Labov. A partir da aceitação do “axioma da heterogeneidade ordenada” Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 29) definiram os caminhos para o estudo da mudança lingüística.

A variação e a heterogeneidade da língua é um processo intrinsecamente ligado à mudança lingüística, uma vez que antes de ocorrer a mudança, o fenômeno passa pelo processo de variação. Um modelo teórico que não leve em consideração a variação e, por conseguinte, a heterogeneidade, é incapaz de dar conta do problema da mudança. Desta feita, o estruturalismo não é suficiente, e mesmo, operante no tratamento da variação e mudança lingüística.

Entende-se por mudança, o processo de substituição, não o resultado desse processo. Nestes termos, podemos dizer que a mudança lingüística também é variação, uma vez que se confronta com o caráter heterogêneo do sistema lingüístico. Mediante uma teoria da mudança lingüística, Weinrech, Labov e Herzog (2006) contribuem para a teoria geral da linguagem.

A língua tem papel fundamental nas relações humanas, uma vez que já nascemos cercados pelos signos lingüísticos, e, desde então, passamos por processos de aprendizados que nos possibilitam a comunicação. Toda a nossa vida em sociedade se realiza através da língua que viabiliza a comunicação, as relações entre os membros das comunidades. Essa dinâmica social compreende a vida cultural, científica ou literária de uma determinada comunidade. Assim a língua atua em prol da interação comunicativa entre o indivíduo e a sociedade.

A sociedade é objeto de interesse da Sociologia, à Lingüística interessa a língua em uso, ou seja, a manifestação da vida em sociedade, ligando-se assim à Sociologia, e, nas décadas de 1950 e 1960, desenvolveu-se a Sociolingüística, cujo interesse está

essencialmente voltado para as relações entre as variações lingüísticas e as variações sociológicas.

À Sociolingüística interessa a importância social da linguagem, desde pequenos grupos socioculturais a grandes comunidades (MOLICA; BRAGA, 2004).

Dos temas de investigação da Sociolingüística, o que optamos por focar para atender às necessidades deste estudo é “variação e mudança”, cujo papel é fundamental para os estudos sociolingüísticos. Devemos, portanto, compreender bem os processos fonológicos para daí concluirmos a descrição fonético-fonológica de uma dada comunidade de fala para a análise quantitativa.

A Sociolingüística variacionista tem por objetivo a descrição estatística de fenômenos variáveis, pela qual se calcula a interferência de fatores lingüísticos e não lingüísticos na realização de variantes. Esse modelo teórico-metodológico considera a língua em seu contexto sociocultural, uma vez que as explicações para os fenômenos variáveis advêm não só de fatores internos ao sistema lingüístico, mas também de fatores externos a ele.

Idade, sexo, nível socioeconômico, grau de escolaridade são as principais variantes relacionadas ao falante. O ambiente, o tema, o estado emocional do falante, bem como o grau de intimidade entre dois falantes estão relacionados à situação, ao contexto. São influências extraverbais que estão presentes no ato de fala.

Cabe, pois, à Sociolingüística investigar o grau de estabilidade da variação, prever o comportamento regular e sistemático das variáveis e definir se o caso em estudo é de variação estável ou mudança em progresso.

2.1.1 *A pesquisa de Labov*

A tese defendida por William Labov, em 1963, discutia um fenômeno de mudança fonética na fala dos moradores de Martha's Vineyard, uma ilha situada perto da costa do Estado de Massachussetts, nos Estados Unidos. Labov realizou sua pesquisa sob a orientação do Professor Uriel Weinreich. Sua investigação instigou o desenvolvimento de outros estudos com análises empíricas que solidificaram a Teoria da Variação, inclusive esta dissertação que estuda um fenômeno variacionista bastante difundido na língua falada do Português do Brasil: *O apagamento dos ditongos decrescentes na fala do Recife*.

Em 1982, com a publicação da tese de doutorado, a pesquisa de Labov tornara-se mais conhecida. Tratava-se da análise da variação sonora dos ditongos /aj/ e /aw/. A escolha da comunidade se deveu ao fato de ser ela uma comunidade auto-suficiente, separada do continente norte-americano por três milhas do Oceano Atlântico, e também porque a ilha tinha 320 anos de história de povoamento contínuo, cuja resistência lingüística foi considerada, uma vez que em sua língua eles conservavam algumas características do sudeste da Nova Inglaterra antes do século XVIII. A ilha de Martha's Vineyard ainda preservava registro de entrevistas com alguns membros de antigas famílias da ilha no Atlas Lingüístico da Nova Inglaterra de 1933. Tais registros serviram de base para uma comparação de dados.

A Ilha tinha uma parte rural, ocupada por veranistas em casas isoladas e por 103 índios nativos, vivendo em aldeia, além de uma imensa área central despovoada, utilizada apenas para a criação de bezerros. Outra parte da Ilha era constituída de três cidadezinhas, onde viviam aproximadamente 3/4 (três quartos) da população total.

Labov, numa contribuição sem precedentes para a compreensão do processo de mudança lingüística, estudou uma característica lingüística marcante na fala espontânea e com uma distribuição fortemente estratificada: a centralização dos ditongos /aj/ e /aw/. Ainda nos séculos XVI e XVII o “a” do ditongo /aj/ era uma vogal meio-central, e continuou sendo a forma preferencial até o século XIX. Diferentemente do /aj/ o ditongo /aw/ não era centralizado, mas Labov atribuiu à herança fonética dos yankees da ilha do século XVII. Para o estudo acurado e sistemático dessa característica, o variacionista elaborou entrevistas, em que exemplos desses ditongos deveriam surgir tanto na fala espontânea, quanto na fala monitorada e na leitura. Ele Já observara previamente que o ditongo /aj/ era mais recorrente que o /aw/, e, por isso, tomou algumas providências: 1) Elaborou um questionário lexical, em que surgiam palavras que continham os dois ditongos; 2) Fez perguntas relacionadas a juízo de valor, com a intenção de gerar frases que motivassem o aparecimento dos ditongos em estudo, além de explorar a orientação social do informante; 3) Providenciou que os entrevistados fizessem uma leitura (especial), usada como um teste para verificar a habilidade de ler uma história naturalmente, contendo os referidos ditongos e, além das entrevistas, fez muitas observações por todos os locais que freqüentava (bares, restaurantes, lojas, ou mesmo nas ruas das cidades e em diversos outros locais). Todas as pistas disponíveis foram utilizadas por Labov com intenção de descobrir o que direcionava a distribuição da centralização desses ditongos.

Antes de considerar os fatores sociais que poderiam influenciar a variação, Labov considerou a influência do ambiente lingüístico no condicionamento fonético, procedendo a uma análise estrutural do fenômeno.¹

Embora os veranistas tivessem se tornado necessários à sobrevivência da Ilha, os pescadores de Chilmark, segundo Labov (1972), não viam com bons olhos sua presença na Ilha, acreditando que tais veranistas perturbavam o equilíbrio da comunidade local. Ainda assim, quarenta anos depois, os nativos (Chilmarkers) tratam os veranistas com desdém, ou melhor com indiferença, uma vez que precisavam deles para seus negócios, e sentem que perderam o espaço para aqueles que, por sua vez, se sentiam “os donos do lugar”. Os jovens perderam até o interesse em pescar, e mesmo de permanecer na Ilha. Com o passar dos anos, foi constatada uma mudança em progresso² na centralização do ditongo /ay/ e a explicação para isso é a influência do novo tipo de economia (turística) instalado ao longo dos anos, corroborando a hipótese de Labov de que as mudanças sonoras são motivadas socialmente.

Assim como Labov, tentamos seguir os mesmos procedimentos em nossa pesquisa empírica, diferenciando apenas o fenômeno variável. Enquanto ele observara a centralização de dois ditongos, nós observamos o apagamento dos *glides* que compõem o ditongo na comunidade de fala recifense.

2.1.2 A Sociolingüística e seus estudos no Brasil

A língua, como se sabe, tem estreitas relações com o social e está, por conseguinte, sujeita à variação e à mudança. A variação, como objeto central de investigação, faz parte do cotidiano das pessoas. O conhecimento sobre os processos fonológicos por que passa uma língua deve ser do interesse de qualquer falante, sobretudo, para aqueles que trabalham com a linguagem no processo ensino-aprendizagem. Os que exercem a função de ensino da Língua precisam ter consciência

da realidade lingüística local, como adverte Hora (2004, p. 9). Essa realidade variável é refletida a partir de experiências empíricas. A “alienação” alimenta preconceitos em relação a falares locais que retratam uma realidade específica.

¹ Em nossa pesquisa, consideramos primeiro a análise social, por acreditarmos inicialmente na sobrelevância das variáveis sociais sobre as variáveis estruturais.

² O grau de variação estável ou em progresso é medido pela variável *faixa etária* (Cf. NARO, 2004, p. 47)

Do ponto de vista dos critérios de definições das variedades da língua para a análise sociolingüística, os estudos dialetológicos realizados no Brasil, nos primeiros anos do século XX, atribuíam aos diversos falares do Português denominações como “culto”, “popular” “dialetal” (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 39), entretanto, se conheciam as características inerentes às variedades e, segundo essa autora, “misturavam critérios analíticos, não se fazendo distinção entre as variedades regionais, socioletais ou até mesmo, funcionais”.

Valendo-se dos avanços teóricos da Sociolingüística, Bortoni-Ricardo (2005, p. 39) apresenta as diferenças entre a heterogeneidade relacionados a fatores estruturais (a dicotomia rural/urbano; região geográfica; redes de relações sociais etc). A autora compreende a ecologia do Português do Brasil como “um *continuum* de urbanização” que vai desde o “dialeto caipira” à variedade urbana culta. Ela apresenta dois tipos de regras:

regras que definem uma estratificação ‘descontínua’ e que caracteriza maior grau de estigmatização na sociedade urbana hegemônica, e regras graduais, que definem uma estratificação contínua e estão presentes no repertório de praticamente todos os brasileiros, dependendo apenas do grau de formalidades que eles conferem à própria fala. (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 40),

Quanto aos encaminhamentos dos estudos de base sociolingüística, podemos retomar a Sociolingüística brasileira dos anos 1960, a qual encontrou um fórum de debate aberto na Abralin, que permitiu seu amadurecimento e expansão, devido à necessidade de se compreender a realidade lingüística do Brasil, em que as dimensões sociais distintas configuram um quadro sociolingüístico complexo. A partir da academização da Lingüística no Brasil, as especificidades do Português falado no País tornaram-se acentuadas, fato que o distanciou ainda mais do Português europeu. O contato lingüístico entre as diversas regiões, a heterogeneidade dialetal também foram questões de destaque entre os estudiosos da língua. Daí germinaram trabalhos pioneiros de descrição da língua falada no Brasil, tais quais os de: Marroquin (1934), no Nordeste; Nascentes (1953), Amaral (1955), em São Paulo e Mattoso Câmara Jr.(1975), cujo trabalho de pesquisa tomou como base a fala do Rio de Janeiro. Este último expoente da Lingüística serviu de norte para o estudo dos ditongos decrescentes orais na fala

recifense, objeto de estudo desta pesquisa, além da perspectiva de Bisol (1991) e de Collischonn (2005). (Ver seção 2.2, p.27)

Uma diversidade de projetos que contemplam realidades locais e regionais serviu de apoio para o desenvolvimento de inúmeras pesquisas sociovariacionistas no Brasil, a saber: o VARSUL (contém a fala do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná); o NURC³ (contém a fala de cinco cidades do Brasil: Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre; o VALPB⁴. Devemos lembrar ainda o projeto *Competências básicas do português* (LEMLE & NARO, 1977), o LUAL – *A língua usada em Alagoas* (MOURA, 1997), o projeto de estudos da confluência dialetal na nova capital brasileira de Stella Bortoni-Ricardo, em 1984, a Gramática do português falado do Professor Dr. Ataliba Teixeira de Castilho, em 1990 – todos voltados para análise lingüística dos grandes centros urbanos. Destacamos também as pesquisas sobre os dialetos rurais (RODRIGUES, 1974); as relevantes pesquisas do grupo coordenado por Fernando Tarallo (1983), com a proposta de uma Sociolingüística Paramétrica, continuada por vários pesquisadores, os quais contribuíram para o conhecimento das características do português brasileiro e das mudanças em curso nessa variedade. Todas as pesquisas foram relevantes para a aquisição de conhecimento sobre a sistematicidade de uso lingüístico e dos processos de mudança na variedade do Português do Brasil.

Outro nome que podemos citar, devido à relevância de seus trabalhos para o desenvolvimento dos estudos variacionistas no Brasil, inclusive este que ora apresentamos, é o de Hora (2004, p.13-28), que faz uma retrospectiva dos estudos sociolingüísticos, desde os neogramáticos, passando pelos estruturalistas e gerativistas, até o desenvolvimento da Teoria da Variação.

De cada perspectiva teórica apresentada, o autor supracitado pontua os aspectos mais relevantes, bem como apresenta os seus precursores e a visão que têm da língua. Numa linguagem clara e concisa o autor discorre sobre as teorias fonológicas, contribuindo assim para os avanços dos estudos lingüísticos no Brasil.

2.2 Apresentação teórica sobre o ditongo e as perspectivas de Joaquim Mattoso Câmara Jr., Leda Bisol e Giselle Collischonn

³ O critério para a escolha das cidades que compõem o Projeto NURC-Norma Urbana Culta, foi: a cidade ter 100 anos de fundação e a concentração demográfica ser de 1.000.000 habitantes. (SÁ, 2005, p.11)

⁴ Os falantes que compõem a amostra do VALPB – Projeto de Variação Lingüística no Estado da Paraíba são todos naturais de João Pessoa e nunca dela se ausentaram. (DA HORA, 2004, p.10)

O ditongo é uma seqüência de segmentos vocálicos no interior de uma sílaba, em que um dos segmentos é compreendido como uma vogal propriamente dita (a que constitui o pico da sílaba) e o outro é interpretado como semivogal ou *glide*, ou seja, vogal sem proeminência acentual no ditongo (SILVA, 2002, p. 94).

Para caracterizar o *glide* faz-se uso dos símbolos [j] e [w] como é generalizado na Língua Portuguesa. Os *glides* [j] e [w] são diferentes das vogais [i] e [u] porque são levemente acentuados sem esforço muscular, essas vogais são denominadas “vogais frouxas” e não constituem sílabas independentes. No ditongo, a vogal e o *glide* se encontram na mesma sílaba, com já dissemos, o que não acontece com o que se convencionou chamar de hiato, o qual consiste em uma seqüência de vogais pronunciadas em sílabas distintas: [I.ta.ˈu], “Itaú”. Existem dois tipos de ditongos: crescente e decrescente, entretanto alguns autores consideram apenas a existência dos ditongos decrescentes na língua, o que discutiremos mediante o ponto de vista de Joaquim Mattoso Câmara Jr., Bisol e Collischonn, como veremos mais adiante.

Quanto às origens dos ditongos, dizemos apenas que o fenômeno de redução do ditongo já vem do latim, cujos ditongos (ae, oe, au, eu) eram reduzidos a vogais simples, inclusive o [ow] que era um ditongo mais raro no Latim, foi também reduzido a [o]. Coutinho (1976) afirma que a tendência à redução vem do latim vulgar, como o *ei* do latim falado *ai*. Segundo ele, a mudança pode ter-se originado por diversos motivos: a) queda de um fonema interno (amai > amai > amei; b) transposição do –i– (metátese) para uma sílaba anterior (< *aria* > *area* > *eira*; *baijo* (< *basiu* > *beijo*); c) vocalização do c antes de t e s (lacte > leite; laixar < laxare > leixar (arcaico); c) O ditongo [ow] advém do [aw] latino: *thesauro* > *tesouro* (ficando *tesoro* na fala), *paucu* > pouco, *lauru* > louro etc. pode se originar também de: a) síncope de um fonema medial: *amavit* > amou; b) metátese do –u– para a sílaba precedente: *houve* < *habui* > *houve*; *soube* < *sapui* > *soube*; c) vocalização da lateral /l/ antes das consoantes c, p, t: *paupar* < *palpare* > poupar; *antro* < *alt(e)ru* > outro.

Nosso propósito, entretanto, não é adentrar numa análise diacrônica dos ditongos⁵, apenas mostramos que a retrospectiva histórica nos ajuda a compreender melhor a sistematicidade com que a língua está organizada hoje.

⁵ Sobre a redução dos ditongos aconselhamos ver o artigo de: Carvalho, (2005) *Estudos contrastivos dos ditongos decrescentes orais em português e espanhol*, artigo apresentado em Pôster no CIPLA, em que se faz uma retrospectiva do ditongo desde o latim clássico.

A diversidade de estudos realizados em torno do ditongo é bastante significativa: Mattoso Câmara Jr (1985); Bisol (1994, 1996, 2006); Collischonn (2005); Paiva (1986, 2003), entre tantos outros. Para esses autores, incluímos também Lopez (1979), a Língua Portuguesa não possui ditongos crescentes, uma vez que na sequência GV, o *glide* geralmente está em variação livre com a vogal homorgânica (BISOL, 1991, p.56). Apresentamos aqui as perspectivas de algumas autoridades linguísticas no que respeita à estrutura silábica e ao ditongo. Para Mattoso Câmara Jr.(1992)⁶, se considerarmos as vogais assilábicas como fonemas consonânticos, aumentamos o número de consoantes no Português, e por conseguinte, diminuimos os tipos de sílabas. Se, porém, as interpretamos como alofones posicionais vocálicos dar-se-á o contrário. Ele se mostra tendencioso a considerá-las alofones vocálicos. Argumenta que o /r/ brando só existe depois do ditongo, e se assim o é, só existindo depois de vogal, criando assim uma oposição ao /r/ forte, então a sua presença entre ditongo e vogal força a interpretação favorável à vogal assilábica, mesmo em se tratando de termos fonêmicos, como vogal e não consoante.

Os ditongos são uma peça fundamental para compreendermos questões fonológicas da língua portuguesa. Nossa abordagem neste estudo, volta-se para análise fonético-fonológica dos ditongos decrescentes orais: /aj/, /aw/, /ej/, /ew/, /oj/, /ow/, descrevendo seu apagamento mediante análise de um *corpus* já definido (ver cap. IV – Metodologia). Acreditamos que o recorte fonético-fonológico é tão-somente um instrumento metodológico e não análise linguística isolada. Desta feita, consideramos as reflexões de Joaquim Mattoso Câmara, Leda Bisol e Giselle Collischonn, vistas com mais detalhes no tópico a seguir. Em momento posterior, esperamos poder discutir as possíveis implicações fonológicas do fenômeno variável em estudo.

I - O Ditongo na perspectiva de Joaquim Mattoso Câmara Jr.

Como o estudo dos ditongos relaciona-se com a compreensão da sílaba, principiamos a discussão revisitando os pressupostos de Mattoso Câmara Jr. quanto à estrutura silábica.

⁶ Mattoso Câmara Jr. (1992, p. 55), embora pondo em cheque a existência de tais ditongos, aceita as duas possibilidades de descrições (hiato ou ditongo crescente). Já Bisol (1989, p. 56) é mais categórica quando diz que a língua portuguesa não tem ditongos crescentes, seu principal argumento é que “o *glide* na sequência GV está em variação livre com a vogal homorgânica”. Trataremos desse assunto com mais detalhe mais adiante.

Para Mattoso Câmara Jr. (1985, p. 53), a sílaba é uma divisão espontânea, percebida na segunda articulação⁷ e deve ser percebida como “a estrutura fonêmica elementar”. Em que pese esta compreensão, este autor não se detém no estudo do molde silábico do Português, como o fizeram outros. Para ele, quer se trate do efeito da audição, da força expiratória ou muscular (SAUSSURE, 1973), a sílaba, como já observado anteriormente, é formada a partir de um movimento crescente até um ponto culminante (ápice) e de um movimento decrescente. Sugere que o símbolo V para o centro da sílaba e C como elemento que ocuparia a margem da sílaba, em que V seria uma *sílaba simples* e CV, uma *sílaba complexa crescente*, já VC seria a *sílaba crescente-decrescente*. A sílaba aberta (livre) seria a composta por V ou CV e a fechada (travada), VC e CVC.

Em Português, a parte decrescente da sílaba é ocupada pela vibrante /r/, pela lateral /l/, pelo arquifonema fricativo labial /S/ ou o arquifonema nasal /N/, apenas um desses elementos pode constituir a coda silábica (*par-te*, *pers-pectiva*, *sol-to*, *pas-ta*, *can-to*). Mattoso Câmara Jr. registra também a presença das vogais altas, em Português, como alofones assilábicos (*pei-to*, *pau-ta*). Essas vogais altas (i, u) podem funcionar como C e terem a natureza de V, podendo assim ser representadas como CVC ou CVV⁸, em que a primeira pressupõe uma sílaba travada e essa última está em variação livre. Eis porque temos no Português a passagem do ditongo ao monotongo (o caso do apagamento dos *glides* /j / e /w/ e a variação livre também da divisão silábica na sequência átona, a exemplo de *vai.da.de* ou *va.i.da.de*, segundo o autor, pode-se optar pela primeira divisão considerando a contagem em uma única sílaba métrica de um ditongo seguido de outra vogal como *cai.a.do* ~ *caia.do*⁹.

A interpretação da vogal assilábica como V no final do centro silábico aponta para uma questão de transição fonêmica, em que a vogal assilábica é emitida reduzidamente, por isso chamada de semivogal e deve ser indicada por uma letra exponencial¹⁰ /peⁱtu/, /pa^uta/. (MATTOSO CÂMARA Jr., 1985, p.54).

Outra questão para a descrição da estrutura silábica no Português apontada por Mattoso Câmara Jr. (1985, p. 55) é sobre a real existência de ditongos na língua, sugerindo este autor que o que chamamos – ditongo – muitas vezes não passa de hiato

⁷ Mattoso Câmara Jr. faz referência à dupla articulação da linguagem, segundo a qual a enunciação lingüística é composta de seqüências vocais (MATTOSO Câmara Jr., 1970, 23). A primeira articulação está intrinsecamente relacionada à comunicação, como base da língua.

⁸ Matoso já analisou as sílabas com ditongo como travadas.

⁹ Vale dizer que no NE esta última divisão (em que a vogal posterior é unida ao ditongo) não faz nenhum sentido, uma vez que a prolação de ar para essa vogal é outra.

¹⁰ Em referência à semivogal, optamos por usar, neste estudo, a terminologia *glide*.

(duas vogais silábicas contíguas), e que, por conseguinte, a solução esteja na existência ou não de pares opositivos mínimos, como por exemplo: a vogal tônica seguida de vogal átona (sai, pais) ou a vogal átona seguida da tônica (saí, país), sendo a seqüência acentual idêntica nos dois exemplos do par.

Mattoso Câmara Jr. chama atenção para o dialeto falado no Rio de Janeiro (base da sua descrição), no seguinte exemplo: rio/riu (substantivo ou 1ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo rir e riu, 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do mesmo verbo).¹¹

Para finalizar a proposta de Mattoso Câmara Jr. para os ditongos, temos que, para o autor, o Português somente os aceita quando um dos segmentos vocálicos éônico, uma vez que dois segmentos átonos criam a chamada “variação livre”. Registra então onze ditongos decrescentes orais na língua e apenas um crescente: /aⁱ/, /a^u/, /éi/, /êi/ /éu/, /êu/, /i^u/, /ôⁱ/, /ô^u/, /uⁱ/.¹² A vogal assilábica /u/ após a plosiva labial diante de vogal silábica: /k, g/ (a, é, ê, i ó, ô), a exemplo de : qual e de seu plural quais /k^u ais/ em que um ditongo crescente mais um decrescente com única vogal assilábica forma o que tradicionalmente chamamos *tritongo*.

II - O ditongo na perspectiva de Leda Bisol

Ainda discutiremos a questão da posição ocupada pela vogal assilábica, recordando que para Mattoso Câmara Jr., os ditongos podem ser vistos como uma estrutura VC, constituindo, por conseguinte, uma sílaba travada, ou como VV, em que faz parte de uma sílaba aberta, dando preferência a estrutura VV para análise em Português.¹³

Para Bisol (1989), a vogal assilábica nos ditongos decrescentes ocupa a posição da consoante, ou seja, fica na coda silábica. Os *glides* /j/ e /w/ comutam com consoante (mar, mau). Para a autora, todas as semivogais são vogais altas que se tornam *glides* durante o processo de silabação.

Como Mattoso Câmara Jr. (1985) e Collischonn (2005), Bisol também afirma que não há, de fato, ditongos crescentes, uma vez que o *glide* está em variação livre com

¹¹ A tempo, lembra Câmara Jr., que esse ditongo do Rio de Janeiro (e em tantas outras áreas do Brasil) não é sentido no Rio Grande do Sul, como não o é em Lisboa-Portugal.

¹² Para Mattoso Câmara Jr. o ditongo /ów/ só existe na vocalização do /l/ pós-vocálico sol /sów/.

¹³ Para melhor compreensão da visão auto-segmental no estudo dos ditongos decrescentes, aconselhamos rever os pressupostos da teoria fonológica não-linear (GOLDISMITH, 1976) no que respeita à teoria da sílaba e aos ditongos.

a vogal homorgâmica (BISOL, 1991, p. 56), a exemplo de quiabo [*ki.a.bu* ~ *kia.bu*], iate [*i.'a.ti* ~ *'ia.ti*], suar [*sw'ar* ~ *'swar*] os únicos ditongos que não permutam com hiatos são qual [*'kwaw*], quando [*'kwãⁿ du*] e quociente [*kwosieⁿti*], constam porém do dicionário, lexemas como forma alternativa quociente ~ cociente, quatorze ~ catorze, quotidiano, cotidiano. A sequência consoante velar/*glide* posterior vem do grupo [*k^w*] / [*g^w*] vem do latim e a língua portuguesa demonstra tendência de apagar como os exemplos supracitados (COLLISCHONN, 2005). Segundo esta autora, a consoante velar e o *glide* posterior, seguidos de a/o formam uma única unidade fonológica (um segmento complexo).

- O falso e o verdadeiro ditongo

De acordo com Bisol (1991, p.51), dois são os tipos de ditongos existentes na Língua Portuguesa: o fonológico e o fonético, ou seja, o verdadeiro e o falso ditongo. O verdadeiro, invariante (Reitor, Paula), está representado na estrutura subjacente da língua por duas vogais, como um autêntico ditongo (o decrescente em que a segunda vogal é o *glide*), já o apenas fonético (o falso), ou seja, que, vez por outra, se manifesta (*peixe* – *pexe*), possui, na estrutura subjacente, apenas uma vogal, estando o *glide* em nível mais próximo à superfície. Ambos se configuram de acordo com a estrutura silábica. Ditongos que possuem duas posições na rima são preservados na língua (*boi*, *pai*, *céu*); os de única posição no esqueleto prosódico são suscetíveis de monotongar (*caixa*, *feira*, *peixe*). Os primeiros, argumenta a autora, são pesados e criam pares mínimos com a vogal simples, se forem “apagados”,¹⁴ alteram o significado da palavra (*pauta/pata*; *teima/tema*), já os de única posição, os ditongos leves (ligados a um único V) alternam com a vogal e não ocorre mudança de significado [*fejra/fera*], [*fajša/faša*]. Vejamos uma representação dos ditongos pesados e leves em Bisol (1994, p.):

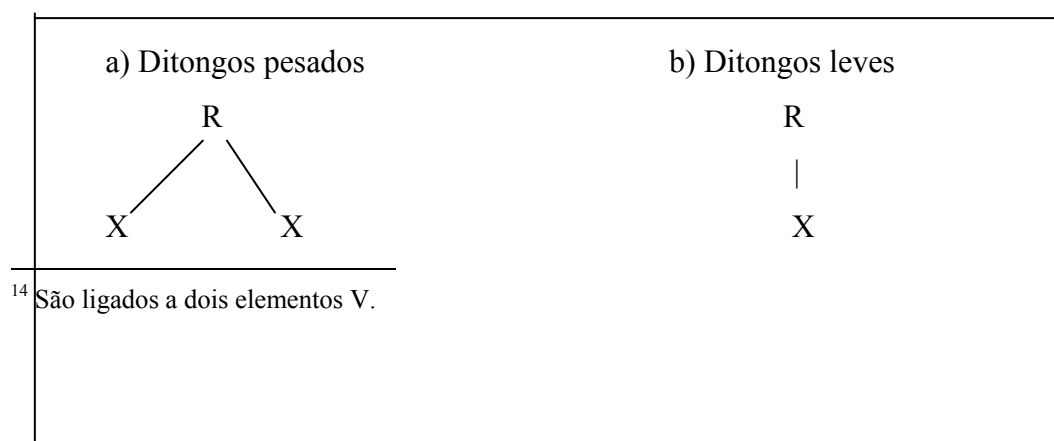




Fig. 2 Representações das estruturas subjacentes dos ditongos pesados e leves (Bisol, 1989, p.190)

Recordamos aqui a abordagem teórica de Bisol, quando toma a sílaba como “objeto multidimensional de seqüência de segmentos” (BISOL, 1989, p. 186). Os constituintes da sílaba são organizados hierarquicamente em camadas (*tier* da sílaba, da rima, prosomelódico) e podem ser também representados por C e V, mas estão na linha prosódica ligados ao *onset* e à rima. O X da árvore representa o tempo correspondente aos elementos da sílaba.

Os pesados são fonológicos e os leves são fonéticos. A autora parte do pressuposto de que o verdadeiro ditongo possui duas vogais na forma subjacente, a segunda por sua vez irá se consonantizar por silabação. (a formação do *glide* faz parte do processo de silabação). Já o falso ditongo ocupa uma só representação no nível prosódico e, portanto, apresenta variação com a vogal simples. É comum esse tipo de ditongo ocorrer antes de palatais e vibrante. Vejamos a representação do verdadeiro e do falso ditongo:

Outro argumento de Bisol (1991) diz respeito ao acento primário, em que as palavras finalizadas por ditongos fonológicos (verdadeiros ditongos) como as palavras que terminam em consoantes, atraem o acento.

Segundo Bisol, o *glide* ocupa a posição de consoante, ficando assim, na coda da sílaba. Logo, elementos como /j / e /w/, comutam com consoantes também em posição de coda, a exemplo do par opositivo *mar e mau*.

Bisol (1991, p. 52) propõe que o ditongo /ej/, no ambiente de tepe /l/, alterna livremente com a vogal simples, sem mudar o sentido, ou seja, este contexto favorece o apagamento do ditongo.

III - O ditongo na perspectiva de Gisela Collischonn

Collischonn (2005) retoma o ditongo em Mattoso Câmara Jr. e em Leda Bisol, para os quais os reais ditongos no Português são os decrescentes. Para Bisol a seqüência VV (*glide*-vogal) resulta da ressilabação pós-lexical, isto é, o ditongo crescente não faz

parte do inventário fonológico da língua portuguesa, surgindo da fusão de rimas de duas sílabas diferentes. Segundo a autora o que ocorre é que a sequência *glide*-vogal está em variação livre com a vogal alta correspondente.

Collischonn (2005, p. 121) registra, entretanto, a existência de um ditongo decrescente que não comuta com o hiato, (qual, quando, quociente), este último como outros já estão dicionarizados como forma alternativa (cociente, cotidiano, catorze).

Na proposta de Collischonn, a consoante velar mais o *glide* posterior são indicados no léxico como unidade monofonemática /k^w e /g^w/. O *glide* situado no ataque não ramificado forma com a vogal seguinte um ditongo crescente em nível pós-lexical (e somente neste nível).

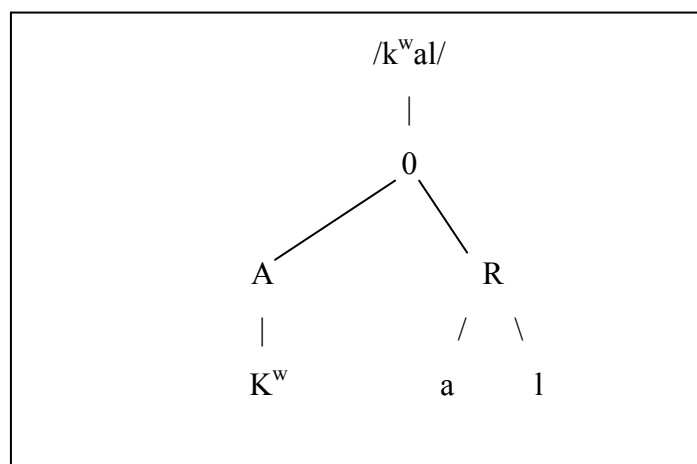


Fig. 3 - Representação da consoante velar mais *glide* como unidade monofonemática

Como observado no esquema acima, temos um segmento complexo, em que a consoante velar /k/ e o *glide* posterior/w/, seguido de a/o, formam uma única unidade fonológica (um segmento consonantal com articulação secundária vocálica).

Para Collischonn (2005, p. 105), rimas constituídas apenas por uma V são consideradas leves, enquanto rimas que contém CC, VC, VV, esta última longa, são consideradas pesadas.¹⁵

Collischonn (2005, p. 124), apresenta um esquema que representa os falsos e os verdadeiros ditongos:

a) verdadeiro ditongo	b) falsos ditongo

¹⁵ Cabe dizer que o ataque não é relevante para o peso da sílaba. Há, entretanto, uma proposta (Hyman, 1985) que menciona uma unidade de peso na sílaba que se chama *mora*, de acordo com essa proposta, uma sílaba pesada teria duas moras e uma sílaba leve, uma mora apenas.

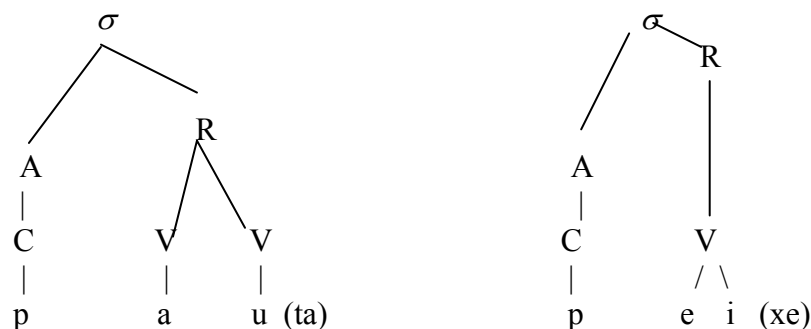


Fig. 4. Representação dos falsos e verdadeiros ditongos

O que Collischonn observa é que o falso ditongo surge diante de uma palatal. Alega que a palatal é consoante com articulação secundária, segundo a Geometria de traços de Clements (1985) e, como tal, possui traços consonantais e traços vocálicos. Esses últimos podem se espriar em contexto específico, como /e/ ou /a/.

Vejamos ainda a representação que faz do /S/ pela geometria de traços de Clements e Humme (1995 apud BISOL, 1994, p. 128).

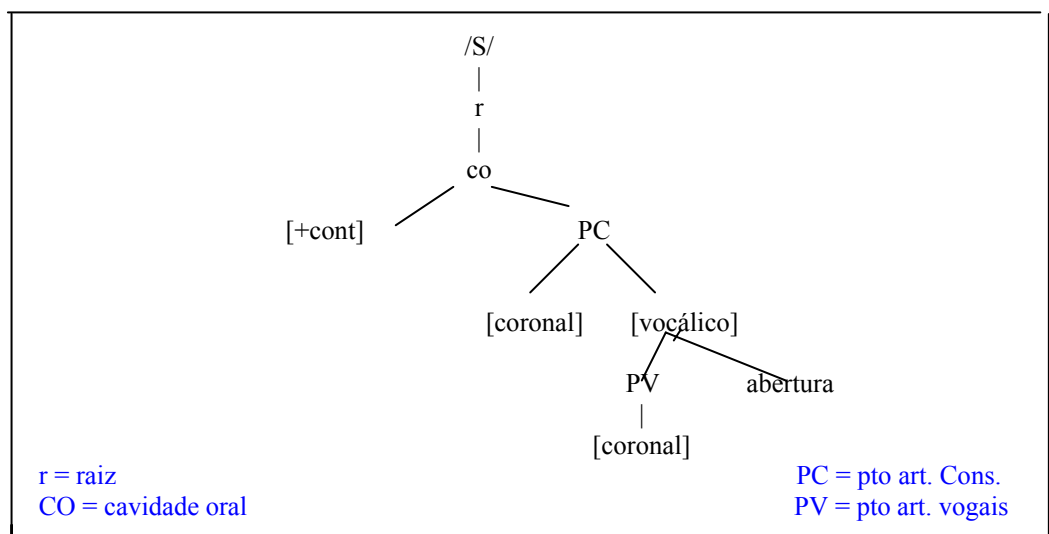


Fig. 5. Representação do /S/ pela Geometria dos traços (Clemments e Hume)

Como visualizado acima, na representação de /S/ o nó vocálico de /S/ espriai-se para a esquerda unindo-se ao nó de ponto de C da vogal.

Por fim, uma vez apresentado a perspectiva de alguns estudiosos sobre o objeto de estudo dessa pesquisa, ou seja, o ditongo, cujo conhecimento favorece a interpretação e análise deste estudo sociolinguístico, apresentamos agora o resultado de outros estudos sociolinguísticos sobre a monotongação, já realizados em outras localidades no País.

2.3 Estudos sociolingüísticos sobre o ditongo em outras localidades do Brasil

O apagamento dos *glides* que compõem os ditongos decrescentes orais é um fenômeno corrente no Português falado no Brasil. A tendência ao apagamento de ditongos não é só exclusividade do falante recifense; o processo de monotongação vem sendo objeto de estudo de outras regiões, a saber, no sul do país (CABREIRA, 1996), em que se reconhece o apagamento do ditongo /ow/ como categórico na fala espontânea do Português do Brasil, atestados em todos os contextos nas cidades de Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre); na mesorregião do Pará, onde se realizou o estudo do ditongo /ow/ e /ej,/ em 2002, por Farias; Moraes (2002); Yonne Leite (2003, p. 235) refere-se ao ditongo ow como “virtualmente desaparecido na fala”, em que cita exemplo de vocalização do l ao lado de exemplo de apagamento do *glide* (w). Em que pese o registro que faz a referida autora do desaparecimento deste ditongo, necessário se faz que tais processos fonológicos sejam descritos, uma vez que o Brasil convive com uma vasta diversidade lingüística, seja ela *diatópica* (responsável pelos regionalismos oriundos de falares locais, onde se encontra a diferença entre a linguagem urbana e a linguagem rural), ou *diastrática*, ou seja, sociocultural, que ocorre dentro da linguagem de uma determinada comunidade.

Ressaltamos a relevância dos estudos que descrevam os processos fonológicos nas diversas regiões do Brasil. Por conseguinte, a falta de estudos sistemáticos da fala recifense, como é o caso do apagamento dos ditongos decrescentes orais (até onde sabemos, nenhum acervo registra sua ocorrência), justifica uma análise descritiva quantitativa e uma interpretação qualitativa dos dados.

Nesta terceira seção, apresentaremos os resultados de alguns trabalhos que já foram realizados sobre a monotongação numa perspectiva variacionista, como os de Silva (2004), em João Pessoa; Lopes (2002), em Altamira/PA; Pereira (2004) em Tubarão-SC.

- FABIANA SILVA – O PROCESSO DE MONOTONGAÇÃO EM JOÃO PESSOA

Silva (2004) apresenta os resultados de sua pesquisa sobre a monotongação de: [aj], [ej] e [ow], os quais foram obtidos pela análise individual de cada ditongo nos seguintes fatores: *contexto fonológico seguinte, escolaridade e tonicidade*.

a) O ditongo [aj] – O resultado da pesquisa para este ditongo apontou que o índice de apagamento foi muito alto antes de palatal (0.89). Quando o contexto seguinte não se tratava de uma palatal, não havia apagamento, pois, na maioria dos casos, eram ditongos verdadeiros formadores de pares mínimos, assim, o *glide* se encontra na estrutura subjacente, sendo por isso preservado (SILVA, 2004, p. 33). Quanto ao fator *tonicidade*, o [aj] pretônico mostrou-se favorecedor da regra de apagamento (0.93). Em relação à *escolaridade*, deu-se que os menos escolarizados foram mais suscetíveis à aplicação da regra variável de apagamento do ditongo, por exemplo, 0.85 para os falantes sem escolaridade, 0.70 para os falantes com até quatro anos de escolaridade; já os falantes com mais de onze anos, tiveram baixo índice de monotongação (0.35).

b) O ditongo [ej] – Para este ditongo, os segmentos condicionantes de apagamento foram: vibrante [0.99], fricativa [š] (0.93) e [ž] (0.69). Novamente temos que o tepe e as palatais apresentaram-se como condicionantes do apagamento quando em contexto seguinte.

Tais resultados corroboram os de Paiva (1996), Cabreira (1996) e os de Lopes (2002). Como o ditongo [aj], o [ej], também quando pretônico, mostrou-se favorecedor da monotongação (0.67), o que não aconteceu com o ditongo [ow], cuja sílaba tônica foi a condicionante do apagamento (0.52), enquanto em sílaba pretônica o índice foi de apenas (0.17).

Quanto à escolaridade, a escola de fato exerce influência sobre o comportamento lingüístico dos falantes, os quais demonstram conhecimento da forma chamada “padrão” os falantes da língua “cult”; os falantes com menos grau de escolarização são os mais inovadores, enquanto os mais escolarizados resistem ao processo de mudança.

c) O ditongo [ow] – Para a autora, a tendência de redução do [ow] a [o] data de muitos anos, desde o século XVII, em Portugal. A redução desse ditongo no Brasil acontece em palavras derivadas e não derivadas. Segundo ela, a informação de que a monotongação do [ow] é condicionada quando este ditongo se encontra em sílaba tônica (0.52), diferente do que ocorreu com os ditongos [aj] e [ej], cuja monotongação foi favorável em sílabas pretônicas. O contexto fonológico seguinte foi a segunda restrição estrutural mais relevante para a monotongação do ditongo [ow], cujos segmentos mais favoráveis à aplicação da regra foram: vogal (0.64) e nasal (0.63). O programa selecionou, dentre as restrições sociais, apenas a escolaridade, segundo a qual, os falantes menos

escolarizados monotongaram mais (0.66) e os falantes com mais de onze anos de escolaridade aplicaram menos a regra variável (0.26).

A autora conclui que o ditongo [aj] é o que menos apaga, o [ej], quando tônico final nunca é apagado e o [ow] monotonga-se em quaisquer contextos. A probabilidade, de acordo com os índices de redução, é que estamos provavelmente diante de um estado de mudança consumado.

- RAQUEL LOPES – *A REALIZAÇÃO VARIÁVEL DOS DITONGOS [ow] e [ej] NO PORTUGUÊS FALADO EM ALTAMIRA-PA*

Lopes (2002) apresenta um estudo variável dos ditongos [ow] e [ej], com o propósito de analisar o apagamento dos *glides* [w] e [j] nos referidos ditongos. Constatando que os ditongos /ow/ e /ej/ se realizam de forma bastante variável entre os falantes de Altamira, em sua fala espontânea. As variáveis selecionadas foram oito estruturais e quatro sociais. As estruturais foram: *classe morfológica do vocábulo em que ocorre o ditongo, posição, localização do ditongo na estrutura morfológica da palavra, tonicidade, contexto fonético seguinte e contexto fonético precedente, natureza de origem/uso do vocábulo e status fonológico do ditongo*. Para variáveis sociais foram escolhidas as seguintes: *sexo, faixa etária, escolaridade e renda*.

Já podemos perceber, pela quantidade de variáveis selecionadas, que a autora foi bastante minuciosa em sua seleção. Para efeito comparativo, e, de certa forma, didático, comentaremos os resultados de algumas.

Os resultados de sua pesquisa foram apresentados separadamente para os ditongos [ow] e para [ej], em que primeiramente se discute os resultados das variáveis lingüísticas para o ditongo [ow], em seguida, se discute as mesmas variáveis para o ditongo [ej]. Logo após apresentação dos resultados das variáveis lingüísticas, apresenta os resultados das variáveis sociais. Por fim, apresenta as variáveis que foram descartadas pelo programa, porque não demonstraram relevância para a aplicação da regra de monotongação de acordo com a análise probabilística realizada. Sua pesquisa obteve os seguintes resultados:

I- Ditongo [ow]

- a) Posição – O resultado para a posição do ditongo no vocábulo apontou que, em *posição final* (.77), o ditongo [ow] se apresentou favorável à monotongação. O

expressivo peso relativo dessa posição revela o forte condicionamento que essa variável exerceu no apagamento desse ditongo.

- b) Contexto seguinte – Os resultados para o *contexto seguinte* apontaram que os segmentos velares [k, g] (.87), bilabiais [p, b] (.86) e labiodentais [f, v] (.58) favoreceram o apagamento do *glide* [w], mas o tepe (.40), as dentais [t, d] (.25), as alveolares [s, z] (.19), não. Contudo, Lopes (2003) alerta que “tais segmentos não retêm o ditongo, apenas favorecem menos a monotongação do que aqueles elencados no primeiro grupo”. Segundo Paiva (1996, p. 232), esse processo independe de restrições contextuais.
- c) Contexto precedente – Essa variável se mostrou altamente condicionante da monotongação, quando se trata de tepe (.83), como em *melhorou*. Pausa (.70), velar (.66), vogal (.66), dental (.65), alveolar (.59).

II- Ditongo [ej]

Para o ditongo [ej], foram selecionadas as seguintes variáveis *contexto seguinte*, *natureza morfológica do ditongo*, *escolaridade*, *tonicidade* e *valor fonético do ditongo*. Os segmentos seguintes que influenciaram a monotongação do [ej] foram: tepe [.98], fricativas palato-alveolares [š] (.93) e [ž] (.89). Diante dos resultados apresentados, podemos confirmar que para esta variável *contexto seguinte*, em que o fator tepe (0.99), (*cadeira* > *cadera*), seguido em grau elevado de apagamento das palatais (0.64) (*feijão* > *fejão*; *deixa* > *dexa*), foi condicionante do apagamento do referido ditongo.

Segundo Lopes (2003), o apagamento deste ditongo está relacionado aos contextos seguintes (tepe, fricativa, palato-alveolares), sugerindo que seja por causa da presença de seu traço [+ alto] das palatais que é compartilhado pela vogal; no caso do tepe /t/, cujo traço é (+ soante) e + cont. é assimilado pela vogal que sofre a queda.

- GERUSA PEREIRA – *MONOTONGAÇÃO DOS DITONGOS /aj/, /ej/ e /ow/ NO PORTUGUÊS FALADO EM TUBARÃO-SC: ESTUDO DE CASOS*

Pereira (1996) realiza um estudo de casos para analisar o apagamento dos ditongos /aj/, /ej/ e /ow/ na fala dos habitantes de Tubarão, em Santa Catarina. A autora discute os resultados de sua pesquisa em quatro seções. Na primeira, analisa os dados dos *corpora* 1 (textos orais de 14 informantes do projeto PROCOTEXTO/UNISUL, Na segunda seção, faz a análise dos resultados dos *corpora* 2 (textos orais extraídos de duas

telenovelas da Rede Globo: “Coração de Estudante” (2002) e “Mulheres Apaixonadas” (2003); na terceira seção, os dados analisados estão reunidos nos *corpora* 3 (textos orais de publicidade, retirados de comerciais de TV (2002), e, por último, os dados dos *corpora* 4 (textos escritos por pessoas da primeira série do ensino fundamental).

Para atender ao propósito desta dissertação, cujos textos são recolhidos da fala espontânea, por meio de entrevistas sociolinguísticas, apresentaremos os resultados apenas dos *corpora* 1. As variáveis linguísticas escolhidas foram: a) *classe de palavra*; b) *tipo de vogal do ditongo* (a, e, o, c); *contexto anterior* (anterior ao ditongo); d) *contexto posterior* (ou contexto seguinte aos *glides* /j/ e /w/). As variáveis extralingüísticas controladas foram: a) localização geográfica; b) idade (12-16, 25-49 e mais de 50); e) escolaridade.

Foram consideradas excluídas as formas verbais da terceira conjugação na terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo (destruiu); os verbos em terceira pessoa do singular do pretérito perfeito, cuja desinência termina com *glide* /j/ (foi), o verbos da primeira conjugação, no mesmo tempo referido acima, em primeira pessoa (fiquei) que não se apagam. Os resultados, dispostos em tabelas (5,6,7), apontam que houve apagamento categórico (100%) quando o contexto seguinte é uma palatal. Na tabela 6, controlou-se a idade e a escolaridade dos informantes, e o resultado foi que, nos contextos posteriores, palatais, labiais, alveolares também foram favoráveis à supressão dos *glides* (100%), configurando um resultado categórico. A tabela 7 confirma que antes de velares, alveolares e palatais, o ambiente (contexto posterior) é favorável ao apagamento. As tabelas 8, 9, 10 apresentam o resultado segundo os *corpora* 1, considerando a semivogal como o contexto posterior e o contexto anterior antes da vogal do ditongo (a, e, o). Para melhor visualizar os dados estatísticos, vejamos a tabela 8 a seguir:

Contexto posterior à semivogal	
	palatal
ocorrências	75/75
%	100%
Total de ocorrências	75

Na tabela 9 abaixo, verificamos o apagamento da semivogal do ditongo:

Contexto posterior à semivogal		
	palatal	tepe
ocorrências	164/164	401/401
%	100%	100%
	labial	alveolar
ocorrências	3/3	5/5
%	100%	100%
Total	573	573

Como podemos observar nos quadros acima, os resultados do apagamento das semivogais em contexto posterior (palatal, tepe, labial e alveolar) deram categórico (100%), ou seja, todos os falantes entrevistados pela autora, em Tubarão/SC, aplicam a regra variável de apagamento.

Quanto às restrições sociais, a escolaridade, quando elevada, favorece a supressão dos *glides*. A variável sexo aponta as mulheres como mais conservadoras, ou seja, apagam menos que os homens. Segundo a autora, as mulheres “são mais sensíveis aos valores sociais que condicionam o uso da língua” (PEREIRA, 1996, p. 68).

Por conseguinte, podemos resumir a discussão dos resultados dos *corpora* 1 da pesquisa em Tubarão/SC, dizendo que as restrições sociais não foram condicionantes da supressão dos *glides* nos ditongos decrescentes orais. Os fatores lingüísticos, por sua vez, motivaram o apagamento dos ditongos /aj/, /ej/ e /ew/. O *contexto posterior* que se mostrou o fator mais condicionante da supressão dos *glides* foram: palatal, tepe, labial e alveolares, enquanto que os fatores mais condicionantes do apagamento dos *glides* foram apenas a palatal e o tepe.

Para finalizar esta seção, em que quisemos apenas pontuar historicamente aspectos que nos ajudam na compreensão da regularidade da língua hoje. Entendemos que os ditongos são peça fundamental para compreendermos questões da fonologia do Português, por conseguinte, nossa proposta considera o binômio fonética-fonologia como instrumento metodológico, pois consideramos necessário discutir os resultados a que chegaram outros autores para, em momento posterior, discutir as implicações fonológicas do apagamento dos ditongos orais decrescentes que ora apresentamos. Cada estudo vem contribuir para a consciência mais ampla da existência de quadros variáveis no Brasil

3. DADOS GERAIS SOBRE A FORMAÇÃO DA CIDADE DO RECIFE: Breve retrospectiva

Grande parte das pesquisas contribuem para o entendimento mais aprofundado sobre processos de mudança, lançando mão de dados históricos e de dados de diferentes lados da língua.

Cecília Molicca e Cláudia Roncarati

O Recife, capital de Pernambuco, representa o núcleo da região metropolitana do Nordeste e está situado no litoral nordestino. Possui uma área de 219,493km (IBGE, 2006). Desde os áureos tempos da exportação do açúcar, à época em que era intermediário comercial de Portugal, o setor terciário do Recife sempre foi o grande responsável pelo desenvolvimento econômico da cidade. Constanam desse setor atividades comerciais e de prestação de serviços¹⁶.

A configuração físico-territorial do Recife apresenta as diferenças provocadas pelo quadro sócio-econômico que se consolidaram ao longo de sua história. A cidade exhibe a convivência de seus habitantes: próximos territorialmente, mas separados pelas enormes diferenças sociais.¹⁷

Para a compreensão da variedade lingüística atual da comunidade em estudo, faz-se necessário uma descrição das raízes sócio-históricas das primeiras redes sociais desta comunidade de fala. Assim levamos em consideração a dimensão histórica da comunidade, ou seja, sua história regional e sociocultural que, segundo Dittmas (1982, apud Tarallo, 1985, p. 221) “entra de maneira complexa nas suas interações”.

¹⁶ site: <http://www.recife.pe.gov.br/pr/secplanejamento/infocec/cidade.php>, onde se pode obter maiores informações sobre o aspecto histórico, econômico e cultural do Recife.

¹⁷ O município do Recife reconhece a existência de 66 Zonas Especiais de Interesse Social – ZEIS (áreas de assentamentos habitacionais surgidos espontaneamente), disseminadas pelo espaço urbano. Frente à existência de perto de 490 favelas, representando 15% da área total do município e 25% da área ocupada, as ZEIS agregam cerca de 80% delas. Revelam, então, o esforço governamental de encarar o problema social

O povoamento do Recife data do final do século XVI, contudo sua emancipação política se deu no ano de 1823, quando da sua elevação à categoria de cidade.¹⁸

A cidade do Recife originou-se a partir de um pequeno porto que impulsionava a população às atividades comerciais. Cortado entre rios, o Recife está localizado no litoral oriental da Região Nordeste do Brasil. Seu patrimônio histórico é resultante da colonização portuguesa e de influências estrangeiras, marcadamente a influência holandesa. Desde 1630 até os anos de 1654, dá-se a tomada do Recife pelos holandeses que a transformaram num centro cosmopolita como diz Freyre (1978, p. 45) e corrobora a informação de que, por essa época, a população européia somam em “cerca de dez mil habitantes” (PESSOA, 2003, p. 84) acrescentando que tendo sido o Recife – na origem ocupado por simples pescadores – nascido imerso na exploração da cana-de-açúcar, é sem dúvida “fruto dessa ruralidade” que tão bem caracteriza o Brasil colônia.¹⁹ Antes de sua expulsão, depois de 24 anos de governo, Nassau criou as pontes que fazem da cidade a Veneza Brasileira. Podem-se observar as construções de diferentes estilos arquitetônicos, datadas dos séculos XVII e XVIII, muitas delas já restauradas, resultado da mistura das várias influências sofridas nos períodos de dominação holandesa, francesa e portuguesa.

3.1 As migrações e suas conseqüências

A feição étnica do Recife se constituiu de índios, portugueses, africanos, e, evidentemente, imigrantes do interior. Antes mesmo de o Recife deixar a condição de vila, estrangeiros europeus e africanos imigravam no Recife, aumentando o índice populacional. Em final do século XVIII, foi a vez dos fluxos ultra-regionais, como os imigrantes do interior. De acordo com os dados informacionais contidos em Andrade (1979, p. 72), o número de nascidos no Recife (entre 1790 e 1849) representava 65% a 72% da população total e fins do século XIX e começo do século XX. Este número desceu para 54% e 57%. A entrada de estrangeiros portugueses se deu no período de 1790-1806 a 20% até o início do século XX (3% a 5%), enquanto o número de

¹⁸ Recife era Vila desde 3/3/1710 e elevou-se à categoria de cidade em 5/12/1823, pelas honras advindas da carta imperial, cumprida a 52/1824. (KOSTER, 2002)

¹⁹ As marcas da presença dos holandeses podem ser notadas ainda hoje na arquitetura da cidade – em construções como Forte do Brum – e no legado de pintores como Franz Post e Albert Eckhout, que retrataram o Recife do século XVII.

imigrantes do interior de Pernambuco, bem como de outras províncias do nordeste, aumentou de 16% a 39% nas duas primeiras décadas do século XX. Durante os anos sessenta, a população do Recife cresceu com 58% de imigrantes.

Fato que não se pode deixar dar relevância é que o fluxo migratório do interior para o Recife não se deu por uma atração representada pela “expansão das atividades urbanas” ou mesmo por “uma dinâmica funcional intensa” (ANDRADE, 1979, p. 78), e sim, devido à precariedade da economia interiorana. Segundo o referido autor, uma das razões que pesava na saída do lugar de origem era o desejo de melhores condições financeiras e também razões de ordem familiar.

O Projeto Nurc apresenta recortes da norma urbana culta oral dos habitantes de cinco cidades que foram escolhidas como as mais representativas, do falar brasileiro²⁰: Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre. A variação lingüística mais prestigiada até o início do século XIX, de acordo com Pessoa (2003, p. 81), foi a variedade urbana mais próxima ao modelo lingüístico de Portugal, e a variação menos prestigiada foi a de origem rural, mais influenciada pelo Português do século XV e XVI.

Consideram-se dois tipos de migração para a formação de centros urbanos: a migração campo-cidade e a elevada corrente migratória de Portugueses. Esses dois tipos de migração foram as mais contundentes para a formação da variedade lingüística urbana do Recife (PESSOA, 2003, p. 103).

Em 1850, pode-se dizer que a maioria dos brasileiros dominava uma variedade de natureza rural, com os fluxos migratórios do campo e de Portugal, segundo o

supracitado autor, houve uma espécie de “nivelamento” lingüístico para uma língua com traços urbanos, porém de base européia. Sabemos que a língua em contato varia, conforma-se, modifica-se. As pessoas advindas de outras regiões, com sua variedade cultural e traços lingüísticos específicos, entraram por processos fonológicos, morfológicos e lexicais de maneira que se foi modificando o comportamento lingüístico do recifense. Foi de fundamental importância para o Recife o processo migratório. Houve, sem dúvidas, um crescimento que elevou a cidade a um verdadeiro processo de urbanização, chegando a se constituir (século XVIII) como a terceira cidade em destaque no Brasil, só perdendo para o Rio de Janeiro e Salvador (PESSOA, 2003, p. 104).

²⁰ Para a escolha das cidades mais representativas do falar brasileiro, o Projeto Nurc tomou os seguintes critérios: As cidades deveriam ter 100 anos de existência, uma concentração demográfica de um milhão de habitantes. Para mais informações sobre o Projeto Nurc, recomendamos a leitura de SÁ et al (org), *A língua Falada culta na cidade do Recife*, 2005.

A mobilidade geográfica é um dos fenômenos responsáveis pelas transformações na vida e na cultura do País, afetando sensivelmente a língua, ou melhor, os dialetos. É um processo sociolingüístico de transformação dos dialetos rurais nas variedades urbanas, de acordo com Bortoni-Ricardo (1989, p. 167). No Recife não foi diferente.

O fluxo migratório dos caixeiros viajantes, e de muitos portugueses, contribuiu para a “europeização” do Português falado no Recife. Segundo (COWELL, 1975 apud PESSOA, 2003 p. 48), no século XIX, ocorre um processo de crescente fluxo migratório de pessoas de fala rural, dá-se então o fenômeno de Koineização²¹ no processo de formação de uma variedade urbana, devido à influência que, provavelmente, os negros exerciam sobre as elites coloniais e imperiais, na medida em que muitos indivíduos, de origem negra, ascenderam socialmente. Daí as elites que foram surgindo tinham origem popular. Com a faculdade de Direito, as elites passam a se formar aqui, a exemplo de Machado de Assis (mulato), o poeta Luiz Gama (negro), o jornalista do Recife Antônio Pedro de Figueiredo, entre outros.²² A fala do povo passou a ser influenciada pelas diferentes origens, criando uma nova maneira de falar, que devia se distanciar da fala portuguesa.

Em que pese a presença de caboclos descendentes indígenas, a miscigenação que constituiu a população do Recife deu-se fortemente com os africanos, uma vez que o Recife, como centro de relevância econômica e cultural, importava muitos escravos. Além do mais, como disse Pessoa (in pers.com, 2007)²³, segundo os historiadores, muitos índios, por esse tempo, já estavam mortos ou viviam refugiados no interior, o que havia eram caboclos emigrados do interior, descendentes de índios, no meio urbano havia mais africanos que índios. Sem negar a influência indígena para o Português do Brasil, em se tratando do Recife, a influência africana²⁴ foi marcante para a fala recifense, uma vez que os negros estavam sempre em situação de contato lingüístico mediante variadas profissões que ocupavam na sociedade (vendedores, ferreiros, impressores, sapateiros e muitas outras, constituíam assim o operariado urbano).²⁵

²¹ *Koiné* significa "comum", e designa a língua única, comum a todos, por conseguinte estamos nos referindo ao uso da língua geral que era falada na mistura dos dialetos.

²² Cf. capítulo sobre a ascensão do negro em Sobrados e Mucambo de Gilberto Freyre.

²³ Marlos Pessoa é professor de Lingüística Histórica pela Universidade Federal de Pernambuco.

²⁴ Recomendamos para um aprofundamento sobre a influência lingüística dos africanos no português do Brasil a leitura de Cunha-Henckel (2005).

²⁵ Para uma melhor compreensão da constituição lingüística e, mais precisamente, ético-social, recomendamos a leitura dos escritos deixados pelos viajantes que visitaram o Recife no século XIX, a exemplo de Koster (2002).

3.2 Processo de evolução urbana

Um conjunto de estreitas ilhas e Camboas, originárias de depósito trazidos pelos rios e pelas correntes marítimas e do aterro de manguezais, deu origem à cidade do Recife. Foi a partir de seu Porto que o Recife se desenvolveu. A ocupação se limitava a uma pequena povoação (marinheiros, carregadores e pescadores), que moravam em casas de palha na extremidade sul da península. Até a chegada dos holandeses, o Recife dependia de Olinda - local de moradia da aristocracia do açúcar. Os holandeses se estabeleceram nas terras baixas do Recife, talvez porque o sítio de Olinda não servia aos seus propósitos comerciais e militares, ou quem sabe não fora a semelhança do sítio do Recife com as terras da Holanda? O fato é que a ocupação foi feita por soldados, colonos, habitantes de Olinda (por ocasião em que a cidade havia sido incendiada pelos holandeses) e por imigrantes judeus.

A invasão dos holandeses foi decisiva para o direcionamento dos três eixos de urbanização da parte central do Recife, com a construção de fortes e redutos para impedir os ataques por terra e, também, através da intervenção planejada de Maurício de Nassau. O primeiro eixo seguiu em direção ao norte do Bairro do Recife, no caminho para Olinda, onde atualmente, encontra-se o Forte do Brum (Cf. foto no Anexo III) e a fábrica de biscoitos Pilar. O segundo eixo atravessou o rio Capibaribe e ocupou a ilha de Antônio Vaz, atuais bairros de Santo Antônio e São José. Ainda durante o século XVII, construiu-se a Fortaleza das Cinco Pontas e a ligação por dique, deste forte ao "Aterro dos Afogados", atual rua Imperial. O terceiro, configurou-se nos meados do século XVIII, a partir da implantação do aterro da Boa Vista, na margem esquerda do

Capibaribe, contornado a rua da Imperatriz e, na parte mais firme, o bairro da Boa Vista. Vale lembrar que, em paralelo aos eixos, os aterros contribuíram para ampliar a área construída das ilhas do Recife e de Antônio Vaz; dos arredores do Cabanga, da Boa Vista, dos Coelhos e da Ilha do Leite; bem como dos dois lados da bacia do Pina e nas imediações da área portuária.

Devemos ressaltar a importância das intervenções públicas, que modificaram as paisagens, nos séculos passados. Não podemos esquecer a pioneira intervenção planejada a partir do plano Pieter Post encomendada por Nassau e parcialmente executada na Ilha de Antônio Vaz (bairro de São José). Em meados do século XIX, foram as reformas do Conde da Boa Vista; no início do século XX, Sigismundo Gonçalves, no bairro do Recife. Estenderam-se estas intervenções, nas décadas de 40-

50, com a abertura das avenidas Guararapes e Conde da Boa Vista, chegando ao prolongamento da abertura da avenida Dantas Barreto nos bairros de São José e Santo Antônio ocorrida na década de 70.²⁶

O crescimento urbano do Recife se dá em dois momentos: O primeiro, pode-se dizer que foi praticamente nos quatro primeiros séculos com as conquistas gradualmente de terras secas, segundo Menezes (1988, p. 45), “aproveitando os assoreamentos e ampliando o arruamento primitivo com novas ruas”. O segundo momento, após 1907, dá-se quando da conclusão do mapeamento da cidade por Douglas Fox²⁷, e, em Londres, registra-se o mapa litogravado e colorido do Recife. A partir de então as avenidas são construídas e começa a construção do Porto do Recife, para usar as palavras de Menezes (op cit), o Recife é mutilado com a “destruição” do Recife mais antigo, abrindo espaço para as avenidas Rio Branco e Marquês de Olinda, seguindo-se da avenida Guararapes, no Bairro de Santo Antônio e, por fim, Avenida Dantas Barreto, no bairro de São José.

A cidade do Recife, mais especificamente, o bairro do Recife foi se especializando, a partir dos holandeses, como centro comercial, intermediando a circulação de mercadorias em função da presença do porto e dos judeus, comerciantes por excelência. Surgiram sobrados com o comércio localizado no térreo e a moradia nos andares superiores. Com a especialização cada vez maior do centro (setor de serviços e bancário) a população foi deixando o centro como lugar de moradia; São José que era habitado pela classe média na década de 30-40, passa pela deterioração das habitações, surgimento de cortiços e pensões e depois, estabelecimentos comerciais; o bairro do Recife, no início do século XX, já apresentava alto grau de especialização, como local portuário e entreposto comercial. Nos outros bairros, continuou a predominância da função residencial, inclusive para a população de baixa renda - os mocambos se faziam presentes em toda cidade.

A mudança de uso, de habitação para comércio e serviços, iniciada no começo do século XX, no Bairro do Recife, continua em meados do século, em São José e Santo Antônio, se intensifica na década de 1960 na Boa Vista e Santo Amaro e agora, mais recentemente, na Ilha do Leite.

²⁶ Para se ter uma idéia panorâmica dos bairros São José, Santo Antônio e Boa Vista, recomendamos o *Atlas Histórico Cartográfico do Recife*, que reuni mapas em que se pode perceber graficamente o crescimento urbano do Recife, através de mapas e fotografias, um verdadeiro resgate dos registros que compõem a história do desenvolvimento urbano dessa cidade. (MENEZES, (org), 1988).

²⁷ Cartógrafo que fez o mapa em tela “planta da cidade do Recife” em 1906-07 (MENEZES, 1985, p. 45)

A cidade hoje apresenta um ambiente natural diversificado de planícies, morros, mangues, rios e praias. O conjunto de ilhas, formadas pelos rios que entrecortam a cidade a tornou conhecida no país como “Veneza Brasileira”. Segundo Freyre (1978, p.4) os que dela se aproximaram não mais a quiseram deixar, a exemplo de Tobias Barreto. Franceses, ingleses, cariocas, paulistanos, gaúchos, mineiros, que trouxeram suas “ingresias” e foram marcados pelo contato. Vejamos o texto abaixo, em que o sociólogo expressa, quase que poeticamente, esse contagiante apego ao Recife:

O Recife (...) delicia-se em converter não-recifenses em recifenses. Recifenses por adoção que, depois de algum tempo de residência no Recife, passam só a dizer “o Recife” e não “Recife”; e se dizem gente “do Recife” e não “de Recife”. O que tem havido e continua a haver. Foi o caso até de um Tobias Barreto. Chegou, viu e recifensizou-se. (FREYRE, 1978).²⁸

Um dos primeiros europeus a se encantar pelo Recife fora o comandante das tropas holandesas e governador-geral da então Nova Holanda, Maurício de Nassau que, ao pisar na misteriosa cidade, não quisera mais voltar.²⁹

Havia, ao longo do Capibaribe, muitos engenhos onde se concentravam a população (cerca de 100 a 200 moradores em cada engenho). Graças a esses engenhos, por ocasião da urbanização, formaram-se os bairros no Século XIX, à moda de antigos sítios do século XIX (PESSOA, 2003, p. 84).

A partir da urbanização do Recife, podemos caracterizar sua área em núcleos, dentre eles o núcleo dos engenhos localizados às margens do rio Capibaribe, a saber: o da Madalena, Torre, Casa Forte, Apipucos, esses núcleos passaram a denominar bairros, muito arborizados até hoje. São bairros de alto poder aquisitivo, como classificou (BEZERRA, 1995, p. 11), pesquisadora da Fundação Joaquim Nabuco, ao tempo em que registra a divisão do Recife em seis Regiões Político-Administrativas-RPAs para especificar as áreas, em que para cada RPA identificava o número de domicílios

²⁸ Gilberto Freyre, na mesma obra, continua mencionando as gentes de notória relevância social que se “converteram” ao Recife: generais, almirantes, brigadeiros e até grandes missionários protestantes, gerentes de bancos, de organizações americanas, de companhias européias, cônsules, entre outros. Pessoas que depois de conhecer o Recife, quiseram nele permanecer. O Recife havia recebido em seu desenvolvimento urbano, engenheiros de diversos países como o francês Louis Léger Vauthier, que construiu o Teatro Santa Isabel, e o Cemitério Santo Amaro.

²⁹ O recifense hoje tem o instinto de preservação da cultura local, ao ponto de o governador decretar que os trios elétricos toquem apenas ritmos locais. Na arte, o Recife tem alguns expoentes como Manuel Bandeira e João Cabral de Melo Neto, na Literatura; Cícero Dias, Vicente do Rego Monteiro, nas artes plásticas e Chico Science, o criador do Manguê *Beat*, que deixou seus ritmos (mistura de melodias locais com a música eletrônica

carentes, com necessidade de atenção nas áreas de *infra-estrutura, saúde, educação e economia*. Para visualização da distribuição dos bairros por RPA (ver Quadro I a seguir).

Quadro 1 - Regiões Político-Administrativa do Recife

Especificações das Áreas	Quant.	BAIRROS
RPA – 01	11	Recife, Santo Amaro, Boa Vista, Cabanga, Ilha do Leite, Paissandu, Santo Antônio, São José, Soledade, Coelhos, Ilha Joana Bezerra.
RPA – 02	18	Arruda, Campina do Barreto, Campo Grande, Encruzilhada, Hipódromo, Peixinhos Ponto de Parada, Rosarinho, Torreão, Água Fria, Alto Santa Terezinha, Bomba do Hemetério, Cajueiro, Fundão, Porto da Madeira, Beberibe, Dois Unidos, Linha do Tiro.
RPA – 03	29	Aflitos, Alto do Mandu, Alto José Bonifácio, Alto José do Pinho, Apipucos, Brejo da Guabiraba, Brejo do Beberibe, Casa Amarela, Casa Forte, Córrego do Jenipapo, Derby, Dois Irmãos, Espinheiro, Graças, Guabiraba, Jaqueira, Macaxeira, Monteiro, Nova Descoberta, Parnamirim, Passarinho, Pau Ferro, Poço, Santana, Sítio dos Pintos, Tamarineira, Mangabeira, Morro da Conceição, Vasco da Gama
RPA – 04	12	Cordeiro, Ilha do Retiro, Iputinga, Madalena, Prado, Torre, Zumbi, Engenho do Meio, Torrões, Caxangá, Cidade Universitária, Várzea.
RPA – 05	16	Afogados, Areias, Barro, Bongü, Caçote, Coqueiral, Curado, Estância, Jardim São Paulo, Jiquiá, Mangueira, Mustardinha, San Martin, Sancho, Tejipiô, Totó.
RPA – 06	8	Boa Viagem, Brasília Teimosa, Imbiribeira, Ipsep, Pina, Ibura, Jordão, Cohab.

Fonte: Prefeitura da Cidade do Recife 2006

De acordo com seu estudo, como mostra o quadro acima, a RPA-01 constitui-se dos bairros centrais do Recife³⁰. A principal atividade econômica desta RPA está relacionada ao setor informal, com atividades de microproduções e serviços. A RPA-03, com 29 bairros, de todas as regiões, é a que possui o maior número de bairros, metade dos quais são bairros de mais alta renda da cidade. Consta dessa RPA, grande quantidade de centros comerciais de pequeno e médio portes. Essa região apresenta situação de serviços urbanos e de infra-estrutura em boas condições. A RPA-04 apresenta ampla expansão territorial e demográfica. Nela estão situados a Cidade

³⁰ Os bairros que consideramos centrais, neste estudo, constam da RPA-03: Apipucos, Casa Forte, Espinheiro; apenas Boa Vista consta da RPA-01 e Torre da RPA-04. Os critérios que usamos foi o fato de serem considerados bairros de alto poder aquisitivo. (Cf. Cap. 4)

Universitária e os Bairros da Torre, Madalena, Prado, Cordeiro, cuja população tem perfil de classe média. Entretanto, há nessa RPA, bairros cuja infra-estrutura deixa a desejar, localizados na microrregião da Caxangá tais quais os bairros Cidade Universitária e Várzea. A RPA-05 envolve 16 bairros, nos quais se concentram várias indústrias com sede no Recife, no Distrito Industrial do Curado. Nessa RPA, estão o bairro de Afogados, com tendência comercial e algumas Zeis³¹ (Cavaleiro-Areias-Caçote; Jiquiá entre outros). Essa RPA apresenta grande carência de serviços urbanos e de infra-estrutura. Por fim, Bezerra (1995, p. 12) apresenta a RPA-06, que envolve a zona Sul do Recife, com apenas 8 bairros, de alta densidade demográfica e vasta área privilegiada, devido a presença da orla marítima do Recife, onde se encontra o bairro de Boa Viagem³², caracterizado por uma população de alto poder aquisitivo, de comércio sofisticado e responde por mais de um terço do IPTU arrecadado no Recife. Sua estrutura garante a atividade turística, além obviamente do atrativo natural. Essa RPA não está livre dos “bolsões de pobreza urbana”, a saber, as favelas e os bairros de Brasília Teimosa³³ e Ibura-Jordão. (ver Tabela 2, para conferir a densidade demográfica, área e a população residente dos anos de 1991 e 2000).

Tabela 1 - População residente, área e densidade demográfica, segundo os bairros
Recife – 2000

RM/Município, Microrregião	Bairro	População residente 2000 (1)		População Residente 1991		Área (ha)	Densidade Demográfica	
		Total	% sobre	Total	% sobre		(hab/ha)	
			Recife		Recife		2000	1991
RM -RECIFE		3.337.565	42,63	2.919.979		276.600	12,07	10,56
RECIFE		1.422.905	100,00	1.298.229		21.949	64,83	59,15
RPA 1	Recife	925	0,07	565	0,04	468	1,98	1,21
RPA 1	Boa Vista	14.033	0,99	17.059	1,31	181	77,36	94,04
RPA 3	Apipucos	3.467	0,24	3.014	0,23	123	28,21	24,52
RPA 3	C. Amarela	25.543	1,80	25.533	1,97	185	138,07	138,02
RPA 3	Casa Forte	4.475	0,31	4.432	0,34	57	78,37	77,62

³¹ Zonas Especiais de Interesse Social-Zeis são áreas de assentamentos habitacionais surgidos espontaneamente. Ver sobre isso BEZERRA, 1995.

³² Cabe ressaltar que este bairro foi preterido para constar do nosso *corpus*, em que pese ser bairro de altíssimo poder aquisitivo, devido à falta de tradição, uma vez que para este estudo deu-se preferência aos bairros que nasceram com o Recife, ou que vieram à existência mediante a sua primeira urbanização.

³³ Hoje já visitada pelo Prefeito João Paulo, que deu início a um projeto de urbanização no ano de 2005.

RPA 3	Espinheiro	8.902	0,63	8.491	0,65	70	126,81	120,95
RPA 3	Graças	16.877	1,19	15.678	1,21	149	113,42	105,36
RPA 4	Madalena	19.786	1,39	19.071	1,47	171	115,57	111,40
RPA 4	Torre	16.931	1,19	16.000	1,23	119	142,52	134,68
RPA 4	Várzea	64.512	4,53	53.765	4,14	2.264	28,49	23,75
RPA 5	Afogados	36.146	2,54	36.770	2,83	350	103,42	105,21
RPA 5	Areias	30.365	2,13	29.578	2,28	243	125,16	121,92
RPA 5	Estância	8.934	0,63	10.828	0,83	81	110,16	133,51
RPA 5	Barro	31.111	2,19	19.828	1,53	454	68,48	43,65
RPA 5	J. S.Paulo	29.614	2,08	30.772	2,37	255	116,32	120,86
RPA 5	Tejipió	8.486	0,60	7.803	0,60	104	81,36	74,81
RPA 6	B. Viagem	100.388	7,06	89.684	6,91	738	136,01	121,51
RPA 6	Imbiribeira	46.471	3,27	39.247	3,02	656	70,88	59,86

Fonte: IBGE, Censo Demográfico - 2000. Agregado por Setores Censitários dos Resultados do Universo - 2ª Edição. e PCR/EMPREL.

Rio de Janeiro: IBGE, 2003

(1) A população residente constituiu-se pelos moradores em domicílios na data de referência (01/08/2000).

(2) Cada hectare (ha) corresponde a 10.000 m²

Elaboração: PCR/SEPLAM - Projeto PNUD A/01/032
(adaptação nossa)

Os habitantes das suntuosas propriedades às margens do Capibaribe eram gente abastada que podiam dar-se ao luxo de passar férias de final de ano banhando-se em suas águas, tornando o “rio” um espaço de interação entre os grupos sociais que o freqüentavam. A partir daí já se pode perceber a formação de redes sociais, em que pessoas de mesmo *status* socioeconômico compartilham de mesmo ambiente, compondo o que hoje chamamos de rede de relacionamento. Posteriormente tais propriedades foram divididas em chácaras. Nessas áreas, até hoje, concentram-se pessoas economicamente privilegiadas.

Para a consecução deste estudo, selecionamos alguns bairros das diversas RPAS; entretanto, para efeito metodológico, subdividimos os bairros em dois grupos: *centrais* e *suburbanos*; enquadrámos nos bairros centrais os de posição geográfica privilegiados, com elevado grau de urbanização. Portanto, Apipucos e Casa Forte são considerados centrais neste trabalho. (Cf. cap.4, p.56).

O Recife se ressentia de suas tradições. O costume de se pôr nas calçadas para contar histórias, brincar de rodas, deu lugar à reclusão, devido ao elevado grau de violência. As praças, antes cenários de passeios de jovens, cederam espaço para o medo de assaltos; as crianças não brincam mais com outras crianças; a comunicação se fez escassa devido ao avanço tecnológico. Em plena era da comunicação as pessoas vivem isoladas, interagindo preferencialmente pela internet, em *networks*, onde o contato é virtual e sem calor humano.

Em que pese tanto distanciamento, tanta violência, a cidade do Recife, ainda guarda muito de seu mistério, e seu encanto ainda seduz o mais distante estrangeiro.

No próximo capítulo discorreremos sobre os procedimentos metodológicos que usamos para a construção desse estudo dissertativo, cuja pesquisa, segundo aos pressupostos variacionistas, é feita em bairros tradicionais do Recife com entrevistados de diversas faixas etárias e com alto e baixo graus de escolaridade.

4. ABORDAGEM METODOLÓGICA

We see rapid and anonymous observations as the most important experimental method in a linguistic program which takes as its primary object the language used by ordinary people in their everyday affairs.

William Labov

Este capítulo apresenta passo a passo os procedimentos metodológicos que utilizamos na pesquisa. Expomos exemplos contrastivos dos ambientes fonológicos semelhantes, ditongos falsos e verdadeiros. Iniciamos com os procedimentos em consonância com a metodologia variacionista laboviana. Em seguida, apresentamos os procedimentos que utilizamos para a coleta de dados, bem como as definições das variáveis dependentes e independentes utilizadas para a consecução da pesquisa.

4.1 Procedimentos segundo a metodologia variacionista

Em qualquer comunidade de fala, as variantes lingüísticas são condicionadas socialmente, sobretudo numa comunidade como é a cidade do Recife, com tantos habitantes³⁴, e, com uma realidade socioeconômica heterogênea, como o são os grandes centros do País. Para este estudo selecionamos dados recolhidos nos bairros de alto e

³⁴ Segundo o censo do IBGE, 2005, O Recife possui 1.581.008 (um milhão, quinhentos e oitenta mil e oito habitantes). Maiores informações sobre os dados gerais do Recife, como o PIB, *ranking* em relação a outras as cidades, ver anexo I.

baixo poder aquisitivo, em outubro do ano de 2005 a fevereiro de 2006. Utilizamos na pesquisa métodos tradicionais da sociolinguística quantitativa (LABOV, 1972). Para o levantamento do perfil dos entrevistados, associamos ao método laboviano certo procedimento utilizado nos estudos de redes sociais observados em Milroy (1980), Bortoni-Ricardo (1985b) e Gumpersz (1976), de que nos valem para a seleção dos informantes que deveriam constar do nosso envelope de pesquisa.

A amostra foi constituída por 48 informantes (24 residentes em bairros de periferia, 24 em bairros centrais) da cidade do Recife. Na escolha dos bairros, levamos em consideração a tradição e o poder aquisitivo do bairro, motivo pelo qual não inserimos para constar de nosso *corpus* o bairro Boa Viagem, pois, em que pese o elevado poder aquisitivo desse bairro, ele não tem tradição, ou seja não nasceu com o Recife, nem mesmo surgiu mediante sua primeira urbanização. Seguindo o padrão já observado por outros pesquisadores, selecionamos os bairros em dois grupos: 1) bairros de alto poder aquisitivo (Apipucos, Casa Forte, Torre, Boa Vista e Espinheiro; 2) bairros de baixo poder aquisitivo (Jardim São Paulo, Barro, Estância, Afogados e Várzea). Neste último, podemos dizer que o poder aquisitivo dos seus moradores é, de certa forma, misto, por ter se tornando um bairro calçado em quase sua totalidade, arborizado, com algumas características dos bairros originários de sítios dos engenhos.

Com o propósito de fornecer dados que facilitem a compreensão quanto à seleção dos bairros, buscamos reconstruir um breve quadro sócio-histórico da cidade do Recife desde a sua formação, mostrando a criação de seus bairros os processos de urbanização, a partir do que estaremos observando os contatos lingüísticos que os falantes do Recife tiveram por ocasião das migrações e já teremos também uma idéia da formação dos bairros de alto poder aquisitivo). (Cf. Cap. III, p. 44)

Como observadora-participante, podemos afirmar que os recifenses do primeiro grupo (alto poder aquisitivo) são, em sua maioria, moradores de bairros centrais³⁵, e os recifenses pertencentes ao segundo grupo (os de baixo poder aquisitivo) não têm condições de habitar em tais bairros, conhecidos “nobres”, residindo, por conseguinte, nos bairros de subúrbios.

Na escolha dos bairros, levamos em consideração a situação socioeconômica dos entrevistados, para isso, consideramos *centrais* os bairros de alto poder aquisitivo (embora sejam quase todos cercados por comunidades carentes) e os bairros de

³⁵ Para efeito metodológico, consideramos os bairros que constam dos respectivos grupos em: centrais *versus* suburbanos. Os bairros que escolhemos como centrais não coincidem com os bairros constantes da RPA 01 (ver capítulo III). Aqui consideramos centrais os bairros de alto poder aquisitivo, que funcionam independentes do centro do Recife.

subúrbios, aqueles de baixo poder aquisitivo Para atender à variável *faixa etária*, distribuímos os entrevistados em três grupos seguindo o modelo apresentado por Tarallo (1985a) A – 17 a 25; B – 26 a 49 e C 50 em diante.

A observação participante forneceu dados relevantes para as descrições qualitativas. As entrevistas sociolinguísticas foram montadas com vistas a obter amostras de fala espontânea de cada informante, com gravações com a média de 30 a 40min. Nestas entrevistas procuramos estimular a produção de narrativas sobre experiências pessoais, a saber: os módulos de perigo de morte, infância, experiências do cotidiano, seguindo as orientações de Labov (1972). Tais dados linguísticos constituíram o *corpus* para a análise quantitativa que será apresentada adiante.

Para os dados deste estudo, em que se verifica a aplicação da regra de apagamento de ditongos decrescentes orais, tínhamos de início, o firme propósito de verificar o grau de relacionamento entre os falantes com pessoas de outras esferas sociais, por acreditarmos que as redes de relacionamento exerciam influência na variação dos grupos sociais, por isso construímos o perfil social dos informantes selecionando os 48 que atendiam a nossa expectativa como dito no primeiro parágrafo dessa abordagem metodológica. Para gravar devidamente as entrevistas registradas em fitas cassete, aplicamos o questionário sociolinguístico com questões abertas e questões monitoradas, na intenção de estudar as características dos falantes de maneira mais sistemática, tal como o fez Labov em Martha's Vineyard.

As perguntas foram elaboradas com o propósito de gerar frases que motivassem o aparecimento de palavras que contivessem ditongos e exploravam o *status* socioeconômico do informante. Os ditongos orais decrescentes com os *glides* (w, j) deveriam surgir “casualmente”, quando da fala monitorada e da leitura da listagem de palavras com ditongos em posição de *onset*, meio e coda na palavra, bem como aplicação do questionário lexical que previa uma resposta do informante com palavras que continham ditongos nas posições já referidas. Elaboramos um texto para uma leitura corrente (cf. Apêndice II), para isso utilizamos palavras de uso diário a fim de levar o leitor a uma leitura mais natural, uma vez que o ideal seria buscar uma situação natural de fala, além do mais, a escrita tem sua marca que a diferencia da fala. Em busca de uma fluência que despreocupasse o entrevistado quanto à questão do ditongo, usamos a estratégia de despistar nosso objeto de estudo, dizendo que observaríamos a dinamicidade da leitura, a interpretação que ele daria ao conteúdo. Procuramos deixar os entrevistados relaxados quanto à natureza do trabalho, pedindo mesmo que eles

simulassem uma situação natural de fala, o que só alcançávamos nas questões que exigiam deles uma narração de fatos da vida pessoal. Em que pese a presença do gravador, interferindo algumas vezes na naturalidade do falante, buscamos na análise dos dados, levar em consideração se havia ou não alteração na referida naturalidade de fala do entrevistado, que por se tratar de pessoas conhecidas (muitas delas pertencentes a nossa rede de relacionamento), facilitou sobremaneira a observação das falas.

Numa análise prévia dos dados, constatamos que apenas nos falsos ditongos, o apagamento dos *glides* é previsível. Para melhor abordagem das redes sociais, cuja natureza dos relacionamentos foi correlacionada aos dados lingüísticos, de modo a observar se os mais estreitos são afetados pela dinâmica sociolingüística da variação, procuramos mostrar como a fala de cada informante está intrinsecamente ligada a sua rede de relacionamento.

Uma de nossas preocupações seria quanto à influência das redes sociais sobre o fator “escolaridade” na determinação da variante padrão da língua, pois de acordo com Votre (1994, p. 75), falantes com elevado grau de escolarização são os que possuem maior conscientização lingüística, por conseguinte os que optam pela variante de prestígio. Esses tais são os que ocupam posição mais elevadas na escala social. Alguns pesquisadores apresentam em suas pesquisas a relevância dessa variável no comportamento lingüístico do falante (AMARAL, 2002, p. 111). Acreditando que para definir falantes da norma de prestígio (ou norma culta) seria o bastante observar, *a priori*, a rede de relacionamento dos informantes, colher informações (do tipo: escolaridade, profissão, classe socioeconômica etc.) sobre seus ascendentes, parentes, aderentes e amigos mais próximos (aqueles com os quais mantenham contato diário ou nos programas de final de semana), assim o fizemos, no intuito de compreendermos as redes afetadas pela dinâmica sociolingüística da variação.³⁶ Entretanto, fez-se necessário, por conseguinte, uma análise lingüística (fonológica) detalhada para melhor

³⁶ Em Sociolingüística, o estudo das redes sociais ocupa-se essencialmente com as questões de manutenção ou deslocamento de línguas ou dialetos em comunidades tradicionais que começaram a sofrer influência modernizadora (Gumperz, 1976). Uma curiosidade inicial em nossa pesquisa era verificar como a rede de relacionamento pode afetar sensivelmente os falantes dos bairros centrais e os falantes dos bairros de subúrbio. Mostrar que um falante do subúrbio, com mais de oito anos de escolaridade com formação superior, pode demonstrar marcas profundas da variante não culta, uma vez que em sua rede de relacionamento não interage com outros falantes sobre seus conhecimentos mais recentes.

verificar se a variável em estudo obedece a uma ordem social, ou seria um fenômeno de ordem estrutural.³⁷

4.2 Utilização das redes de relacionamento na escolha dos entrevistados

No estudo do fenômeno da variação do ditongo, adotamos a noção das redes de relacionamento como critério de apoio ao entendimento da variação lingüística. Para a escolha dos entrevistados, a noção de redes sociais é percebida a partir da categorização dos bairros do Recife, conforme a Tabela 1, da seção (3.2, p.).

Algumas marcas de falas estão relacionadas à rede de relacionamento dos falantes. Os entrevistados que compuseram o nosso envelope de pesquisa são moradores de bairros centrais, com alto poder aquisitivo e falantes dos bairros de subúrbio (Cf. Cap. 4, seção 4.1, p. 51). É preciso compreender que um falante do subúrbio com formação superior, pode demonstrar marcas profundas da variante não padrão, uma vez que em sua rede de relacionamento não interage com outros falantes sobre suas aquisições de conhecimento mais recentes. Normalmente pertence à sua rede social, falantes com pais, tios e amigos carentes, com até quatro anos de escolaridade, pessoas que apresentam baixo grau de consciência política, enfim, com visão de mundo restrita e de convívio diário com a variante desprestigiada, sendo, por conseguinte, menos afetado pela variante padrão. O que não acontece ao morador dos bairros centrais, de alto poder aquisitivo, cuja rede de relacionamento é socialmente prestigiada, uma vez que a condição socioeconômica vai garantir uma inserção maior em outras variedades além da sua. São pessoas, cuja condição de politicamente dominante já lhes garante um *status* social frente aos que têm uma condição socioeconômica subjugada, e que vai interferir em sua auto-estima como bem observara Labov (1972). Pertencem normalmente à rede social desses falantes pessoas bem informatizadas, com oportunidades de “ampliar os horizontes” através de viagens a outras comunidades de fala – dentro ou fora do país –, com elevado grau de consciência política. Neste caso, justamente esse convívio, essa interação lingüística com tais sujeitos, afetará sobremaneira sua variedade, tendo ele grande probabilidade de possuir também elevado grau de competência lingüística e comunicativa, por conseguinte maiores possibilidades de usar em menos marcas da variante estigmatizada sua variedade lingüística.

³⁷ Em princípio, hipotetizávamos que as variáveis sociais determinavam o comportamento do ditongo, quando se trata de um fenômeno categórico na língua, as explicações para a regra variável se dá mais pela análise estrutural. (Cf. Cap. 5)

4.3 Procedimentos para a coleta de dados

Em princípio, levantamos o *corpus* com dois estilos de leitura: um coletado em entrevista, outro mediante leitura de listagem de palavras contendo ditongo e um texto previamente elaborado.

A coleta de dados para constituição do *corpus* se iniciou em outubro do ano de 2005 e foi até fevereiro de 2006, como dito na seção anterior. Cada entrevista teve a duração média de 30 a 40 minutos, durante os quais, em conversa dirigida, aplicamos um questionário sociolingüístico, mediante o qual estimulamos a produção de fala espontânea. Para a composição do perfil de cada informante, utilizamos fichas sociais, nas quais se encontram dados pessoais do informante. Não houve, entretanto, resultados díspares em ambos os dados (tanto na fala espontânea, quanto na fala monitorada pela leitura) o que justifica a hipótese de que estamos tratando de um fenômeno praticamente categórico na língua, ou seja, os *glides* /j/ e /w/ que compõem os ditongos decrescentes, como demonstraremos a seguir, são suscetíveis ao apagamento.

Algumas palavras apresentaram proximidade nos dados qualitativos da entrevista e da leitura quanto ao apagamento dos *glides* (j, w).

Quadro 2- *Contrastes de ocorrências entrevista versus leitura*

PALAVRA	ENTREVISTA		LEITURA	
	0	Y/W	0	Y/W
Janeiro	19	-	20	-
Fevereiro	20	-	20	-
Europa	6	30	1	2
Outono	32	30	13	7
Outubro	20	02	20	5
Eira	30	10	16	1
Beira	24	10	14	3
Aplauso	42	1	27	-
Faixa	31	11	24	14
Caixa	17	9	14	4

Como podemos observar, os dados acima corroboram a hipótese de que os resultados tanto da fala espontânea (entrevista) e quanto da fala não espontânea (leitura) são similares, uma vez que os dados quantitativos são muito próximos. Observando as palavras: *tesourada*, *janeiro* e *fevereiro*, vemos que a regra variável de apagamento do ditongo é aplicada indistintamente tanto na leitura quanto na entrevista.

Mesmo as palavras que foram utilizadas apenas na entrevista encontram correlação com outras do quadro de leitura por estarem em ambiente fonológico semelhante. Vejamos alguns exemplos no quadro abaixo:

Quadro 3 – *Contraste de ocorrência com mesmo ambiente fonológico*

PALAVRA	ENTREVISTA	PALAVRA	ENTREVISTA
---------	------------	---------	------------

	0	W/Y		0	W/Y
Maneira	12	2	Carneiro	10	3
baixa	3	7	Faixa	31	11
Feixe	8	3	Feixe	7	6
Moleira	8	1	boleira	6	1

Como podemos visualizar no quadro acima, algumas palavras utilizadas na fala espontânea estão correlacionadas a outras usadas na leitura (Quadro 5), que embora distintas, têm o mesmo sufixo e estão em ambientes fonológicos similares. Em *maneira* > *carneiro* temos o contexto fonológico seguinte um tepe /l/ e os ditongos estão em sílabas tônicas. No levantamento dos dados, observamos que muitas ocorrências foram de palavras composta com o sufixo *eiro*. A literatura diz que este sufixo é produtivo, possui apenas uma vogal na estrutura subjacente sendo, por conseguinte, favorecedor do apagamento do ditongo.

O mesmo se dá com *baixa* > *faixa*, palavras distintas, porém com contexto fonológico seguinte idêntico (fricativa palatal desvozeada). Esse contexto parece ser favorecedor da monotongação. A correlação *feixe* > *eixo*, em que a primeira foi usada na entrevista por apenas 11 pessoas, das quais 8 monotongaram o ditongo /ej/ e 3 realizaram o *glide* /j/ em suas falas. Essa correlação também apresenta semelhança ambiental (o contexto fonológico seguinte é uma fricativa palatal) como dito, esse ambiente é favorecedor de apagamento do ditongo. Em *eixo*, usada na leitura, deu-se que 24 aplicaram a regra de apagamento e 10 realizaram o *glide* /j/. Isso significa que tanto na leitura quanto na fala espontânea, a tendência é o apagamento categórico do ditongo. (BISOL, 1994, p. 124).

A mesma tendência à aplicação da regra variável em estudo se dá na conjugação do verbo *querer* no presente do subjuntivo, com uma sutil diferença, o que possivelmente se deveu a uma leitura pausada interferindo minimamente no processo de monotongação. Na entrevista, os falantes apagaram mais a primeira pessoa do singular e a terceira do plural.

Quadro 4 – *contraste com flexões do verbo Querer*

PALAVRA	ENTREVISTA		LEITURA	
	0	Y	0	Y
Queira	12	9	11	11
Queiram	13	4	12	07

Como se pode observar no quadro acima, tanto na leitura quanto na fala espontânea, o grau de realização do ditongo da primeira pessoa do verbo *querer* é praticamente mesmo; a terceira pessoa do plural apaga-se um pouco mais na entrevista do que na leitura.

Vejamos o ditongo *ow* situado em ambientes fonológicos semelhantes. No contexto fonológico seguinte temos o tepe /l/, e, no precedente a fricativa alveolar vozeada. Em todas as palavras o ambiente se mostra favorecedor de apagamento.

	tesouro
Tesoura / calouro	besouro
	Tesoura
	Caloura

Nas palavras *tesouro* e *calouro*, o ditongo [ow] está em ambiente idêntico às três primeiras constantes da lista de palavras para a leitura. Em ambos os quadros, o acompanhamento do ditongo [ow] foi semelhante, com tendência ao apagamento como se pode observar nos dados quantitativos.

Quadro 5: Ditongo /ow/ em mesmo ambiente fonológico

PALAVRA	ENTREVISTA	
	0	Y
Tesoura	20	1
Calouro	18	-
PALAVRA	LEITURA	
	0	Y
Besouro	45	2
Tesoura	46	2
Caloura	47	1

Sabemos que as palavras na fala espontânea não se comportam igualmente quando na leitura devido a fatores de ordem psicológica, emocional ou mesmo intencional. Para um estudo acurado do comportamento do ditongo, utilizamos no *corpus*: leitura de listagem e de texto e fala espontânea através de questionário sociolinguístico, com questões abertas, mediante as quais pudemos coletar os dados para nossa análise. Observamos, por conseguinte, que mesmo na fala não espontânea (leitura de textos e listagem) o resultado foi bastante próximo ao da fala espontânea, o que nos levou a juntar todos os resultados, por entendermos ser incontestável o fato de que o ditongo se apaga na fala não só dos recifenses, como é fenômeno comum na fala dos brasileiros.

Os ditongos propriamente ditos (os fonológicos) não costumam monotongar. Seja na fala espontânea ou na fala não espontânea, os falantes em sua maioria não costumam apagar. Tivemos em nosso *corpus* vários casos de verdadeiros ditongos que não foram monotongados por nenhum dos entrevistados, inclusive por aqueles com

baixo grau de escolaridade, a exemplo de: *leitor, leite, prefeito, paulo, noite, respeito, direito, lauda* (Cf. seção 2.2 – II sobre os falsos e verdadeiros ditongos).³⁸

Apresentamos a seguir (Quadro 6) alguns exemplos de tais ditongos.

Quadro 6 – Ditongos falsos e verdadeiros

FALSOS DITONGOS	VERDADEIROS DITONGOS
peixe, feixe, queijo	leite
Queijo	leitor
eira, beira	noite
baile,	prefeito
baixa/caixa/faixa	respeito
coube, soube	direito
Ouçó	precaução
Ouvir	paulo
outro, outubro, outono	paulista
ouro, ourives, ouriçar, ouriço	trauma
ousar, ousadia, ousado	saudade
achou, gostou, acabou	feudal, feudalismo

Para as palavras que contém os falsos ditongos, não houve diferença significativa em ambos os estilos do *corpus*, no que respeita ao apagamento dos *glides* /j/ e w, o baixo índice de apagamento com os falsos ditongos foi praticamente o mesmo, justificando ainda mais a atitude que tomamos em juntarmos os dados da fala espontânea com os da fala não espontânea. Acreditamos que na fala recifense, como pudemos comprovar mediante a coleta de dados (da fala espontânea e da fala orientada através da leitura), o apagamento do ditongo é uma realidade e possivelmente se encontra internalizado entre os falantes. Por conseguinte, para melhor interpretação sem prejuízo dos resultados, rodamos novamente os dados da coleta, dessa vez juntos, no programa Goldvarb 2001, que utilizamos para análise dos dados, um *software* à semelhança do Varbrul, através do qual calculamos de modo percentual a probabilidade de aplicação da regra variável em estudo, ou seja, o apagamento dos ditongos decrescentes orais.

4.4. As variáveis

³⁸ Quanto à compreensão dos falsos e verdadeiros ditongos, indicamos, ver Bisol (1994, 2005).

O ditongo decrescente é suscetível à aplicação da regra variável de apagamento, como observado no Capítulo II, seção 2.2. Para melhor compreensão do comportamento dos ditongos decrescentes orais na fala recifense, valemo-nos do controle das variáveis lingüísticas (dependentes e independentes).

4.4.1 A variável dependente

A variável dependente que consideramos na pesquisa é o apagamento dos *glides* /j/ e /w/, nos ditongos orais decrescentes /aj/, /ej/, /oj/, /aw/, /ew/, /ow/.

4.4.2 As variáveis independentes

Para consecução deste estudo, consideramos dois grupos independentes: as *variáveis sociais* e as *variáveis estruturais*, por acreditarmos que somente a partir da análise das referidas variáveis, com as devidas interações dos dados, é que teremos um estudo mais completo que ateste a aplicação da regra variável do apagamento do ditongo pelos recifenses.

Para os fatores sociais, selecionamos as seguintes categorias: *sexo*, *faixa etária*, *escolaridade* e, como se trata de uma análise também da variação interna da norma culta, dentre as variáveis comumente selecionadas, incluímos mais uma, referente ao bairro de origem do informante (*localização de moradia*), com a qual podemos controlar a variação lingüística *versus* origem social do entrevistado. Consideramos a relevância desta variável referente ao bairro de origem, por estar relacionada à condição socioeconômica dos falantes. Os moradores dos bairros “centrais” são pessoas de posição socioeconômica privilegiada, possuindo, portanto, mais acesso a informações, mais contatos com as diversas variedades lingüísticas; já os moradores de subúrbios são geralmente pessoas que se inserem em esferas sócio-histórica e cultural distintas. O bairro do informante, por conseguinte, pode sinalizar sua classe social.

Quanto aos fatores lingüísticos ou estruturais, consideramos os seguintes contextos, como prováveis favorecedores do condicionamento do fenômeno, por acreditarmos que interferem na aplicação da regra variável de apagamento do ditongo: *posição do ditongo*, *tonicidade*, *contexto precedente*, *contexto seguinte* e *classe gramatical*.

Antes de seguirmos com a exposição das variáveis, apresentaremos dois quadros onde resumimos o conjunto das restrições sociais (Quadro 7) e estruturais (Quadro 8),

que decidimos controlar nesta pesquisa, com seus respectivos símbolos usados na codificação dos fatores para rodada do programa Goldvarb 2001.

Quadro 7: as variáveis sociais

Sexo	Escolaridade
m – masculino	1 – até 4 anos
f – feminino	2- mais de 4 anos
Faixa etária	Localização de moradia
a – 17-25	@ - subúrbio
b – 26-49	# - centrais
c – mais de 50	

Quadro 8: as variáveis estruturais

Posição do ditongo na palavra	Cont. fonol. precedente	Classe gramatical
j- início n- meio q- final	Vogais: a e i o u	s- substantivo g- adjetivo &- numeral r- pronome v- verbo h- outros
Tonicidade	Contextos fonol. seguinte	
t- tônica p- pretônica k- postônica	c – coronal l – labial d- dorsal v- vogal z- zero	

Para análise dos dados, realizamos a primeira rodada com todas as variáveis (Cf. quadros 7 e 8). Em uma segunda rodada, separamos os *glides* constitutivos da variável dependente (j e w) para melhor apreciação dos dados. Entretanto, devido aos *knockouts* com os dados em algumas variáveis, fez-se necessário amalgamarmos e excluirmos algumas delas, o Programa desprezou algumas das variáveis que selecionamos: Tonicidade e Contexto precedente, para verificar o apagamento do *glide* /j/; Posição do ditongo e Classe de palavras, para o *glide* /w/. Alguns fatores inerentes às variáveis independentes por nós selecionadas, também foram desprezados pelo Programa, a saber: para a Posição do ditongo, foi desprezado o fator *posição final*; para a variável Tonicidade foi desprezado o fator *postônica*; para a Classe gramatical, todos os fatores foram preteridos, depois da primeira rodada; quanto ao Contexto seguinte, selecionamos para uma primeira rodada do Programa os seguintes fatores: *dorsal*, *labial*, *vogal* e *nulo* (Ver Quadro 8). Deu-se que, para facilitar as interpretações, alteramos os fatores para: coronal e não coronal, ao tempo, em que percebemos que a nova classificação não fora suficiente para atender as especificidades necessárias à análise do fenômeno variável em estudo, desta feita, a fim de obter valores mais significativos optamos, para uma terceira rodada, pelos seguintes fatores: Lateral Palatal, Lateral Alveolar, Tepe, Oclusiva

Alveolar, Nulo e Fricativa alveolar, ainda assim o Programa desprezou alguns desses fatores. As possíveis justificativas da não relevância de tais variáveis serão discutidas posteriormente no Capítulo V.

4.4.2.1 As variáveis sociais

As variáveis sociais consideradas para essa pesquisa foram *sexo*, *idade e escolaridade*, entretanto como se trata também de uma análise da variação interna da norma culta, dentre os fatores extralingüísticos comumente selecionados, incluímos mais um referente ao bairro de origem do informante. Com essa variável podemos controlar a variação lingüística *versus* origem social do entrevistado. Por entender que só alcançamos um resultado satisfatório da análise, se aliarmos a descrição quantitativa à qualitativa, concordando com Dittmas, 1982, p.23 (apud TARALLO, 1982, p.221), optamos por fazer o ajustamento interpretativo utilizando os índices quantitativos como reza a Teoria da Variação laboviana (1972, p. 71) e os interpretando à luz da Sociolingüística. Para tanto acrescentamos às tradicionais variáveis sociais a *localização de moradia*, mediante a qual associaremos à questão das redes sociais como mais um indicativo para análise também de uma possível variação interna da chamada norma culta, embora estejamos tratando de um fenômeno variável, mas não necessariamente de variante padrão e não padrão. (Ver Quadro 3).

O Programa selecionou como relevantes algumas variáveis para o *glide* /j/ e outras para o *glide* /w/. Para atestar a aplicação da regra variável do apagamento do ditongo com o *glide* /j/ foram selecionadas as seguintes variáveis: *sexo*, *escolaridade e faixa etária*; quanto ao *glide* /w/ o Programa selecionou: *escolaridade*, *faixa etária e localização de moradia*.

4.4.2.2 As variáveis estruturais

Quanto aos fatores lingüísticos, ou estruturais, consideramos os contextos segmentais *prosódico* e *posicional* de ocorrência do ditongo, assim como a categoria gramatical em que o mesmo é encontrado e, por fim, verificamos e descrevemos a influência da situação socioeconômica sobre a variante em uso. Para a interpretação dos resultados, controlamos os dados quantitativos com uma avaliação qualitativa do *corpus*.

Selecionamos as variáveis de acordo com a observância de fatores lingüísticos condicionantes para o tratamento do objeto, ou seja, dos ditongos decrescentes orais. O

programa selecionou como relevantes as seguintes variáveis: Para o *glide* /j/ foram selecionadas as variáveis *posição do ditongo na palavra, contexto fonológico seguinte e classe de palavra*; já para o *glide* /w/ foram selecionadas as seguintes variáveis: *tonicidade, contexto fonológico precedente e contexto fonológico seguinte*. (Ver Anexo II, onde se encontra as tabelas das as variáveis que o Programa desconsiderou. Essas variáveis preteridas, possivelmente, servirão como material de apoio para as considerações fonológicas no decorrer da discussão dos resultados).

5. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

It is surprising that this simple and economical approach achieves results with a high degree of consistency and regularity, and allows us to test the original hypothesis in a number of subtle ways
William Labov.

Neste capítulo, descreveremos os dados probabilísticos de *apagamento* dos *glides* /j/ e /w/ que compõem os ditongos decrescentes orais na fala dos recifenses /aj, ej, oj, aw, ew, ow/ em seguida, prosseguiremos com a análise dos resultados, a partir das discussões.

O *corpus* levantado apresentou 1135 ocorrências de ditongos decrescentes orais, das quais 690 foram palavras com ditongos formados com o *glide* /w/ e 445, com o *glide* /j/. Podemos melhor visualizar os percentuais de ocorrência na figura abaixo:

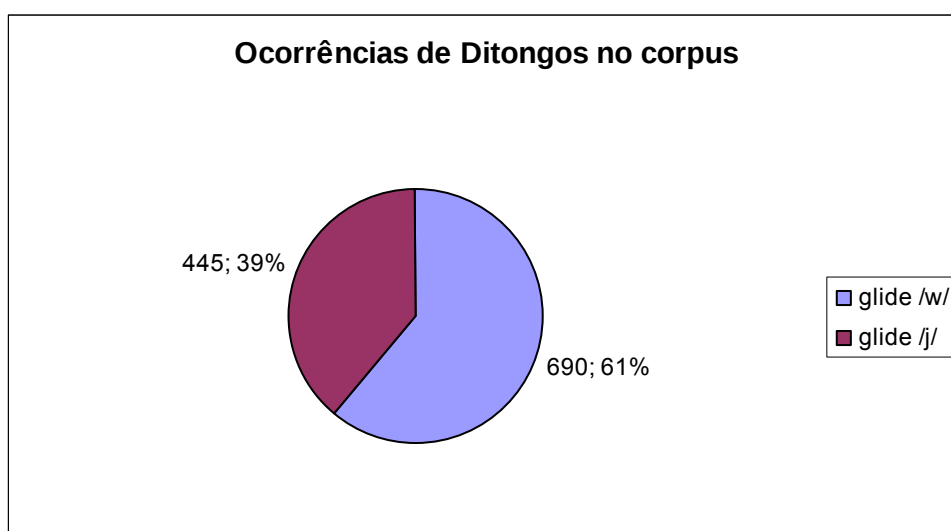


Fig.6 – Ocorrências de Ditongos no *corpus*

Todas as ocorrências foram encontradas após a audição das 48 entrevistas, devidamente codificadas. Para a análise quantitativa das variáveis lingüísticas, submetemos os dados da pesquisa à análise do programa Goldvarb 2001.

Apresentamos, de início, uma discussão preliminar em que abordaremos o fenômeno variável em estudo com lista de exemplos para melhor entendermos os resultados posteriormente demonstrados. Para análise e discussão dos dados, obedecemos à mesma seqüência de variáveis expostas no capítulo da Metodologia, (cf. p. 62) visando manter a coerência interna e permitir uma interpretação do condicionamento ao apagamento dos ditongos decrescentes orais pelo leitor.

Com relação à interpretação dos dados obtidos, tomamos por base a revisão da literatura constante no Capítulo II, em que se encontra o aporte teórico selecionado para a consecução deste estudo, utilizando o método quantitativo, mas buscando dar aos dados um tratamento qualitativo que melhor esclareça a aplicação da regra variável pelos recifenses.

Em virtude de os dados terem apresentado resultados diferentes para os *glides* /j/ e /w/, disporemos seus resultados em separado, como veremos mais adiante, com a finalidade precípua de facilitar a interpretação dos referidos dados.

5.1 Discussão preliminar

É relevante dizer que o *glide* que sofreu mais apagamento foi o (w), até porque a redução do ditongo /ow/ em /o/, por exemplo, parece configurar regra na fala espontânea do Português do Brasil (CABREIRA, 1996). A título de exemplo, listamos algumas ocorrências com o ditongo [ow], cujo *glide* w foi apagado na fala de quase todos os falantes: *ouço*, *ouriçar*, *ouriço*, *ouro*, *ourives*, *ousar*, *outorgar*, *outorgado*, *outorgante*, *outono*, *outro*, *outubro*, *ouvinte*, *ouvir*, *duradouro*, *acabou*, *achou*, *falou entre outras*. Já para as palavras com o ditongo ej, a regra variável de apagamento do ditongo foi diversificada, muitas vezes até pelo mesmo falante, por exemplo, quando respondiam ao questionário sociolingüístico sobre as pessoas que, sem recurso financeiro para se manterem com alguma dignidade, são consideradas pessoas sem [‘ej.ra] nem [‘be.ra], percebemos que a segunda palavra, por ter sido pronunciada

depois, agiu sobre ela a regra de apagamento do *glide*/j/, obedecendo talvez a lei do menor esforço.³⁹ Na verdade, não podemos precisar o que tenha influenciado a monotongação apenas da segunda palavra, na seqüência prosódica em questão, o que ora fazemos é tecer conjecturas a fim de tentar explicar o ocorrido, em que possivelmente teríamos uma situação de ordem cognitiva ou que algumas pessoas tenham as duas variedades (realização ou apagamento do ditongo), é possível que a variação ocorra indistintamente.

Um caso interessante que se deu na coleta dos dados foi que em algumas palavras nas quais esperávamos a redução dos *glides* /j/ e /w/, por estarem em ambiente favorável à monotongação (contexto seguinte: tepe /l/), deu-se que a vogal posterior /o/ precedente ao *glide* w é que desapareceu; ao que interpretamos que recebeu, por assimilação, a influência das vogais seguintes. A título de exemplo temos: *ourives* > /urives/; *ouriçar* > /uriçar/; *ouricuri* > /uricuri/. De qualquer forma, ocorreu monotongação. Como tais palavras são pretônicas, o que pode ter acontecido seria, segundo Schwindt (2002, p.174), o fato de o contexto fonológico precedente possivelmente ter-se combinado à regra de harmonia vocálica para elevar a pretônica. Outra sugestão é que primeiramente tenha ocorrido a monotongação para, em seguida, ocorrer a alteração com a elevação da vogal posterior “o” em “u”.

Os resultados apresentados no quadro 2 sinalizam que o apagamento dos ditongos já é, de certa forma, bastante difundido na língua portuguesa falada no Brasil, uma vez que já atingiu a leitura, que por gerar a fala não espontânea, não condicionaria, a princípio, a aplicação de regra variável, entretanto, o apagamento ocorreu em ambos os estilos de *corpus*. Faz-se necessário deixar claro que o Recife não apresentou resultados categóricos, nem de apagamento, nem de realização do ditongo entre os falantes, e que estamos diante um caso perceptível de variação lingüística.

5.2 Análise estatística e discussão dos resultados

5.2.1 As variáveis controladas

Como dissemos anteriormente, na abordagem metodológica, nossa variável dependente é o apagamento dos *glides* /j/ e /w/, e as variáveis independentes, as quais

³⁹ Esta pronúncia mais descontraída na segunda palavra ocorreu nas falas de alguns entrevistados, tanto no subúrbio (Jardim São Paulo) quanto em bairros centrais (Torre, Boa vista), com falantes de nível superior. Outras pessoas de bairros centrais, em menor quantidade realizaram o *glide* nas suas falas. O fato é que, independente da localização de moradia e da escolaridade, há ocorrência de apagamento do ditongo.

chamaremos de restrições sociais e estruturais. O Programa selecionou por ordem de significância as seguintes restrições sociais para verificação do apagamento do *glide* /j/: sexo, escolaridade, idade (sociais), bem como *posição do ditongo*, *contexto fonológico seguinte* e *classe de palavra* (estruturais); para o *glide* /w/, o Programa selecionou: *escolaridade*, *idade* e *localização de moradia* (sociais), bem como, *tonicidade*, *contexto fonológico precedente* e *contexto fonológico seguinte* (estruturais) (Cf. Quadros 8 e 9)

Para melhor visualização e compreensão das variáveis selecionadas pelo Programa, separamos, nos quadros a seguir, variáveis sociais e estruturais especificadas:

Quadro 9 – variáveis selecionadas pelo Programa Goldvarb 2001-Glide /j/

VARIÁVEIS SOCIAIS	ESTRUTURAIS
SEXO – masculino – feminino	POSIÇÃO – início de palavra – meio de palavra
ESCOLARIDADE – até quatro anos – mais de quatro anos	CONTEXTO SEGUINTE – lateral Palatal – oclusiva Alveolar – lateral Alveolar – nulo – fricativa alveolar – tepe
FAIXA ETÁRIA a - de 17-25 anos b- de 26-49 anos c - acima de 50 anos	CLASSE GRAMATICAL – substantivo – adjetivo – verbo – outros

Quadro 10 – variáveis selecionadas pelo Programa Goldvarb 2001-Glide /w/

VARIÁVEIS SOCIAIS	ESTRUTURAIS
ESCOLARIDADE – até quatro anos – mais de quatro anos	TONICIDADE – tonicidade – pretônica
FAIXA ETÁRIA a - de 17-25 anos b- de 26-49 anos c - acima de 50 anos	CONTEXTO PRECEDENTE – vogal central a – vogal anterior e – vogal posterior o
LOCALIZAÇÃO – subúrbio – central	CONTEXTO SEGUINTE – oclusiva bilabial /p b/ – fricativa alveolar /s z/ – oclusiva alveolar /t d/ – fricativa velar /x/ – oclusiva velar /k g/ – final absoluto – fricativa labial /f v/ – tepe

Diante do que vemos nos quadros acima (9 e 10), se compararmos com os quadros das primeiras variáveis que controlamos (7 e 8, p. 63), podemos perceber que algumas variáveis foram preteridas, bem como alguns fatores que selecionamos foram desprezados pelo Programa, a saber: o fator Posição do ditongo em final de palavra (8), o ditongo em *postônica*, as vogais *i* e *u* no Contexto precedente e todo o Contexto seguinte. As possibilidades dessa ocorrência comentaremos a seguir:

Em relação à variável Posição, o Programa desprezou o fator *final de palavra*, como havíamos selecionado de início (ver Quadro 9) (início, meio e final de palavra),

isso se deu por causa do baixíssimo índice de ocorrências com ditongo em final de palavra, sobretudo, para o *glide* /j/ (*jóquei*, *pônei*, *nissei*, *olho de boi*). Ocorre que essa escassez de palavras com ditongo na posição final (com os *glides* /j/ e /w/) no *corpus* da pesquisa se deu possivelmente porque na Língua Portuguesa há poucos registros dessas palavras, salvo os verbos. A questão é que os entrevistados davam preferência às narrativas em terceira pessoa, quando os instigávamos a uma narração espontânea, e, neste caso, a desinência da terceira pessoa é /ow/.

A variável Tonicidade foi selecionada como relevante apenas para o *glide* /w/, possivelmente pelo fato de o maior índice de ocorrência dos ditongos ter sido com o *glide* /w/, sobretudo com o ditongo /ow/ nas desinências verbais de terceira pessoa.

Para a *variável* Contexto precedente, havíamos selecionado todas as vogais, entretanto, pelo baixo índice de ocorrência com as vogais altas (i e u), o Programa preteriu as ditas vogais para atestar o apagamento do ditongo.

Já com a *variável contexto seguinte*, houve muitas alterações. Anteriormente havíamos escolhido os seguintes fatores: *coronal*, *labial*, *dorsal*, *vogal*, *zero* (Cf. Quadro 8 p.64). Ocorreu entretanto, desde a primeira rodada, que esses ambientes não foram suficientes para justificar o apagamento dos *glides* que compõem os ditongos decrescentes orais, uma vez que, para tanto, necessitávamos de mais especificidades. Desta feita, escolhemos para uma segunda rodada os seguintes fatores: *lateral palatal*, *lateral alveolar*, *tepe*.

5.2.1.1 Restrições sociais

Apresentamos a seguir os resultados das tabelas selecionados pelo Programa Goldvarb 2001. Para verificarmos o apagamento do *glide* /j/, o Programa selecionou como relevante as variáveis *sexo*, *escolaridade* e *faixa etária*; para o apagamento do *glide* /w/, o Programa selecionou: *escolaridade*, *faixa etária* e *localização de moradia*.

Sexo

Embora vários estudos sociolinguísticos (LABOV, 1972, SCHERRE, 1968, BISOL, 2002, entre outros) afirmem que as mulheres usam de preferência as variantes de prestígio, evitando as que transgridem de alguma maneira a norma chamada padrão, nesta pesquisa, os coeficientes de probabilidade atribuídos à variável *sexo* não apresentaram essa distinção. Não corroborando os resultados de Pereira (1996, p.68), em que as mulheres apresentaram-se mais conservadoras, em nossos resultados as mulheres foram mais inovadoras. As mulheres apagaram mais do que os homens (0.57,

cf Tabela 2), sobretudo no apagamento do *glide* /j/. Deixamos registrado que a afirmação de que as mulheres preferem as variantes de prestígio dependerá da variável analisada. Em que pese o uso do ditongo ser considerado uma forma prestigiada, por seguir as regras da escrita, ou seja, embora faça parte da norma culta, não podemos afirmar que seu apagamento seja uma forma desprestigiada⁴⁰, uma vez que falantes universitários, independente do sexo, também apagam. Segundo Paiva (1992, 71) as mulheres só lideram o processo de mudança, quando se trata de implementar na língua formas de prestígio e, tornam-se conservadoras quando a implementação se dá com formas desprestigiadas. O que entendemos, a partir dessa observação, é que o apagamento do ditongo é considerado também como forma de prestígio entre os recifenses, uma vez que as mulheres são inovadoras e não conservadoras do processo.

Tabela 2 – Variável Sexo *Glide j*

Variável Sexo			
Fatores	Aplic. Total	%	P. Rel.
Masculino	169/224	75	0.42
Feminino	161/221	72	0.57

Os dados probabilísticos da Tabela 2 nos levam a refletir sobre a generalização desse fenômeno variável, em que mesmo as mulheres aplicam a regra variável de apagamento do ditongo.

Escolaridade

Nossa hipótese para a variável *escolaridade* foi que os falantes com menos escolaridade aplicam mais a regra do que os com grau de escolaridade mais elevado. Os dados da pesquisa quantitativa mostraram, conforme o esperado, que, no caso do *glide* /j/, os mais escolarizados apagaram menos, tanto em termos percentuais (67% para 83%), quanto em se tratando de peso relativo (0.33 para 0.72) o mesmo se deu com a verificação do apagamento do *glide* /w/, em que os falantes com mais de 8 anos de escolaridade apagaram menos (0.40 para 0.58). Como podemos perceber, a escolaridade não alterou a previsibilidade de outros estudos que destacam sua importância no

⁴⁰ A rigor o apagamento é regra inovadora, portanto desprestigiada, pois não segue as normas da escrita, entretanto, o apagamento dos *glides* que compõem o ditongo, incorrendo em sua monotongação já anda bastante difundido entre os falantes da norma culta, portanto não é considerado desprestigiado socialmente.

controle da língua, entretanto, fomos levados a buscar a compreensão para esse resultado na interação com outras variáveis (Cf. seção 5.2.1.1.1, p. 74, 75), em que, pelo cruzamento das variáveis, poderemos visualizar a interação desta variável com a *localização de moradia*, e verificar até que ponto a variável escolaridade interfere nos resultados ou se não seria a *localização de moradia* (onde se tem a influência do bairro de origem do falante) o fator determinante na aplicação da regra variável.

Tabela 3 – Variável Escolaridade - *Glide /j/*

Variável escolaridade			
Fatores	Aplic. Total	%	P. Rel.
Até quatro anos	152/183	83	0.72
Mais de quatro anos	178/262	67	0.33

Tabela 4 – Variável Escolaridade - *Glide /w/*

Variável escolaridade			
Fatores	Aplic. Total	%	P. Rel.
Até quatro anos	300/359	83	0.58
Mais de quatro anos	246/331	74	0.40

Faixa etária

Nossa hipótese para a variável *faixa etária* é, como previsível para os falantes de qualquer região, que os mais jovens são mais inovadores e os mais velhos, mais conservadores, ou seja, quanto mais jovem o falante, mais aplica a regra do apagamento dos *glides* dos ditongos decrescentes orais.

Com referência ao apagamento do *glide /j/*, os resultados para os falantes das faixas a, b e c foram 0.45, 0.69, 0.27, respectivamente; (Cf. Quadro 2), e com relação ao apagamento do *glide /w/*, os pesos relativos foram 0.45, 0.63 e 0.38 nas respectivas faixas, como podemos observar nos dados das tabelas 5, os falantes da faixa b, ou seja, os adultos de 26 a 49, são os que mais aplicaram a regra. O que podemos justificar quanto a isso é que na vida adulta aumentam as pressões advindas de necessidades profissionais, quando necessitamos ingressar no mercado de trabalho. Nessa fase, os valores da sociedade se impõem e a rede de relacionamento aumenta com os novos contatos. O falante dessa faixa etária é, portanto, o que apresenta mais possibilidades inovadoras. O falante da faixa c, como prevíamos, é o mais conservador (0.27 e 0.28) para os respectivos *glides /j/* e */w/*. Uma das possibilidades de justificação seria o fato de

pertencerem à classe que normalmente se retira do mercado de trabalho pela aposentadoria; as pressões da sociedade e do mercado deixam de agir sobre eles, tornando-os mais conservadores, como apontam os resultados. Por outro lado é importante que entendamos que as pessoas não deixam sua variedade lingüística apenas porque saem da vida profissional, além do mais, os falantes em geral, independente da idade, da posição que ocupam na sociedade, já apagam em seu falar natural.

Além da influência da mídia, outras variáveis, como escolaridade e localização de moradia, podem ter influência direta sobre tais resultados. Para verificar a relevância desta variável, observaremos o seu cruzamento com as variáveis mencionadas (Cf. Tabelas 9 e 10, seção 5.2.1.1).

Tabela 5 – Variável Faixa Etária - *Glide /j/*

Variável <i>faixa etária</i>			
Fatores	Aplic. Total	%	P. Rel.
Faixa a – 17-25	146/186	78	0.47
Faixa b- 26-49	122/153	79	0.69
Faixa c- 50 em diante	62/106	58	0.27

Tabela 6 – Variável Faixa Etária - *Glide /w/*

Variável <i>faixa etária</i>			
Fatores	Aplic. Total	%	P. Rel.
Faixa a – 17-25	271/326	83	0.45
Faixa b- 26-49	180/222	81	0.63
Faixa c- 50 em diante	95/142	66	0.38

Localização de moradia

Como podemos verificar na tabela abaixo, os falantes do subúrbio aplicam mais a regra variável de apagamento do ditongo (0.57 contra 0.37).⁴¹

Tabela 7 – Variável Localização de Moradia - *Glide /w/*

Variável <i>localização de moradia</i>			
Fatores	Aplic. Total	%	P. Rel.
Bairros de Subúrbio	382/468	81	0.57
Bairros Centrais	164/222	73	0.37

⁴¹ Para o *glide /y/* embora com um percentual pouco expressivo, os falantes dos bairros de subúrbio aplicam a regra variável em número percentual mais elevado que os falantes dos bairros centrais.

Os percentuais acima revelam a tendência ao apagamento do ditongo nos bairros de subúrbio, resultado que nos leva à necessidade de interação desta variável com a *Escolaridade* para melhor compreender o resultados percentuais desta última categoria. (Ver seção 5.2.1.1-III, p. 76)

5.2.1.1.1 Interação dos dados das restrições sociais

I - Faixa etária versus Escolaridade

No cruzamento da *escolaridade* com a *faixa etária*, verificamos, para o *glide* /w/, que, independente do grau de escolaridade, os falantes mais jovens (faixa a e b) apagaram mais que os falantes acima de 49 anos (faixa c), o que atesta serem estes mais conservadores, conforme prevíamos (85% - faixa a e b contra 75% - faixa c). No caso do *glide* /j/ surpreendentemente ocorreu que os mais escolarizados da faixa b (26 a 49 anos de idade) apagaram mais que os falantes menos escolarizados (82% contra 69%), atestando variação da chamada norma padrão, e, os falantes com baixo grau de escolaridade da terceira faixa foram os que mais apagaram entre os mais escolarizados das outras faixas (86% contra os mais escolarizados nas faixas a- 68%, b-82% e c-41%). Cabe saber se estes falantes da faixa c apagaram mais porque têm baixo grau de escolaridade ou porque talvez pertençam ao subúrbio onde os falantes naturalmente apagam mais que os dos bairros de prestígio, e compreender também o porquê de os falantes mais escolarizados da faixa b terem apagado mais que os menos escolarizados. É possível que essa variação interna da norma culta tenha sofrido influência da *localização de moradia* que mostra aplicação da regra do apagamento do ditongo pelos moradores de subúrbio com maior intensidade que os moradores dos bairros de alto poder aquisitivo.

Tabela 8 - Cruzamento Faixa etária X Escolaridade

ESCOLARID. F. ETÁRIA	OCORRÊNCIA DE APAGAMENTO	1 %	2 %
a	Glide /j/	85	68
	Glide /w/	85	79
B	Glide /j/	69	83
	Glide /w/	85	79
c	Glide /j/	86	26
	Glide /w/	75	63

II - Faixa etária versus Localização

Na interação da *faixa etária* com a *localização de moradia*, a análise quantitativa dos dados confirma que os mais velhos (faixa c) são mais conservadores que os mais

novos (a e b). É relevante ratificar que os resultados para as faixas a e b foram praticamente os mesmos (a e b nos bairros centrais, 76% e no subúrbio a-85% e b-83%). Os resultados indicam ainda que os falantes do subúrbio (80%, 83% e 56%) apagam mais do que os dos bairros centrais (76%, 76% e 61%), nas respectivas faixas para o *glide* /j/. O mesmo se deu com relação à variável /w/, em que os falantes dos bairros centrais (78%, 78% e 64%) apagaram menos que os do subúrbio (85%, 83% e 69%). Aqui podemos inferir que alguns fatores talvez tenham interferido no comportamento do ditongo para a variante /j/ pelos falantes dos bairros centrais, tais como: influência da mídia, rede de relacionamento ampla, enfim, com mais contato os falantes têm mais possibilidade de aplicar regras variáveis.

Tabela 9 Cruzamento faixa etária X Localização

LOCALIZ. F. ETÁRIA	OCCORRÊNCIA DE APAGAMENTO	CENTRO %	SUBÚRBIO %
a (17-25)	Glide /j/	76	80
	Glide /w/	78	85
B(26-49)	Glide /j/	76	83
	Glide /w/	78	83
c(de 50 em diante)	Glide /j/	61	56
	Glide /w/	64	69

III - Escolaridade *versus* Localização

Os dados percentuais do cruzamento da variável *escolaridade* X *localização de moradia* demonstram que os falantes mais escolarizados do subúrbio apagaram um pouco mais que os escolarizados dos bairros centrais (78% contra 71%) no que respeita ao *glide* /w/. Embora com percentual pouco expressivo, a variável localização aponta para uma tendência maior ao apagamento do ditongo do que mesmo a escolaridade. Esta variável quase não altera os dados dos falantes os quais apagaram mais no subúrbio: os escolarizados com relação ao *glide* w (78% contra 71%) e os não escolarizado, com relação ao *glide* j, mas com percentuais não expressivos (86% contra 82%).

É possível que tal resultado se deva ao fato de a escola freqüentada pelos falantes do subúrbio ser mais desfavorável do que a dos bairros centrais em relação ao controle da língua ou mesmo porque as variáveis sociais tiveram pouca, ou quase nenhuma interferência na aplicação da regra de apagamento dos ditongos decrescentes orais, devendo ser sua condicionante de ordem estrutural e não ordem social.

Tabela 10 – Escolaridade X Localização

ESCOLARIDADE LOCALIZACAO	OCCORRÊNCIA DE APAGAMENTO	MENOS %	MAIS %
CENTRO	Glide /j/	82	69
	Glide /w/	86	71

SUBÚRBIO	Glide /j/	86	68
	Glide /w/	83	82

5.2.2 Restrições estruturais

Submetemos os dados coletados à análise do pacote estatístico Goldvarb 2001. Para uma segunda rodada, selecionamos apenas às variáveis que o Programa considerou relevante em termos de motivação ao apagamento dos *glides*. Para atestar o apagamento do glide /j/, o programa considerou as seguintes restrições: *posição, e contexto seguinte e classe de palavras*. Já para o apagamento do glide /w/, o programa selecionou as seguintes variáveis: *tonicidade, contexto precedente, contexto seguinte*. Para surpresa nossa, não foram as mesmas variáveis selecionadas para ambos os *glides*; esperávamos que, pelo menos houvesse mais coincidência de variáveis selecionadas, uma vez que estamos tratando de um fenômeno com suspeita de ser categórico na língua falada, porém só houve duas: *tonicidade e contexto seguinte*. Para esta última variável, havíamos escolhido anteriormente as seguintes: coronal, labial, dorsal, vogal, nulo. (Ver Quadro 3), entretanto esses ambientes não foram suficiente para justificar o apagamento dos *glides*, uma vez que, para isso, necessitávamos de mais especificidades. Desta feita, escolhemos para o contexto fonológico os seguintes fatores: lateral palatal, lateral alveolar e tepe, cujos índices de apagamento foram significativos.

Para melhor visualização dos dados, apresentamos, em separado, os dados para /j/ e /w/.

I- Glide j

A primeira variável selecionada para análise do fenômeno variável para o apagamento do glide /j/ foi a *posição do ditongo na palavra*, entretanto a *posição final de palavra* foi desprezada, possivelmente, em virtude do índice reduzido, na língua, de ocorrência de palavras com ditongos constituídos por glide j em posição final de palavra. Os verbos que obtivemos em nosso *corpus*, em sua maioria, estavam na 3ª pessoa do singular, devido ao fato de, por ocasião das entrevistas, quando instigávamos o falante a uma narração, ele dava a preferência por narrar em terceira pessoa, neste caso a desinência verbal era o ditongo /ow/ e não /ej/ a exemplo dessas palavras extraídas da entrevista: *apagou, cantou, falou, achou, acabou*. Inclusive o texto por nós elaborado para uma leitura dinâmica (ver apêndice II) é uma pequena narração em terceira pessoa.

A variável Posição do ditongo

O programa desprezou o fator *final de palavra* e deu como mais favorecedor do apagamento do *glide* /j/ o fator *meio de palavra*, cujo peso relativo é 0.66, como podemos ver na Tabela 11. O baixo índice de ocorrência no *corpus* da pesquisa na posição final da palavra, devido ao fato provável de haver na língua um número menor de palavras com ditongo em final de palavras (na seção 5.2.1), possivelmente interferiu nos resultados. Além disso, os ditongos com o *glide* /j/ em posição final não se apagam quando precedido da vogal central a (Cf. a variável *contexto precedente*), são ditongos verdadeiros formadores de pares mínimos (pai ~ pa), quando apagados alteram o significado da palavra.

Tabela 11 – Variável posição do ditongo *glide* /j/

variável posição do ditongo			
Fatores	Aplic. Total	%	P. Rel.
Início de palavra (caixa)	231 / 330	70	0.43
Meio de palavra (cadeira)	98 / 113	86	0.66

A significância dessa variável em termos de condicionamento do fenômeno variável em estudo não foi muito expressiva, uma vez que os pesos relativos dos fatores estão aproximados da neutralidade, o fator *início de palavra* (0.43), abaixo do ponto de referência (0.50) e o fator *meio de palavra*, acima (0.66).

A variável contexto fonológico seguinte

Nossa hipótese para a variável *contexto fonológico seguinte* é que esta é a restrição estrutural de maior importância em termos de condicionamento do apagamento do ditongo decrescente oral, sobretudo constituído pelo *glide* /j/, uma vez que os ditongos leves são criados por processos assimilatórios, principalmente para os fatores tepe e palatal (Cf. Bisol, 1991).

Os contextos seguintes que tiveram relevância em termos de influenciar o apagamento do *glide* foram as palatais e o tepe (0.54 e 0.56 respectivamente). Os dados da Tabela 12 nos mostram a sobrelevância desses ambientes em relação aos demais tanto em termos percentuais (77% e 78%), quanto em peso relativo (0.54 e 0.56).

Tabela 12 – Variável Contexto Fonológico Seguinte *glide* /j/

Variável contexto fonológico seguinte			
Fatores	Aplic. Total	%	P. Rel.
Palatal	114 / 121	77	0.54
Alveolar	15 / 25	60	0.28

Tepe	212 / 271	78	0.56
------	-----------	----	------

A Tabela acima atesta que a frequência e o peso relativo apresentados pelo Tepe /f/ (0.56) apontam para que este contexto, juntamente com o contexto palatal (0.54), sejam os que mais favoreceram o apagamento do ditongo, enquanto o contexto alveolar não se mostrou condicionador do fenômeno variável em estudo (0.28); já o contexto com as fricativas não foi relevante no sentido de condicionar o apagamento do *glide* /j/ do ditongo decrescente. O baixo grau de peso relativo para as alveolares talvez deva-se ao fato de que a maioria dessa ocorrência corresponde em nosso *corpus* aos verdadeiros ditongos, que não costumam apagar, como vimos na seção 3.2-II deste trabalho. Vejamos alguns exemplos desses ditongos arrolados no *corpus* da pesquisa: *leitor*, *noite*, *prefeito*, *oitenta*, *oitizeiro*, só para citar os ditongos que precedem a oclusiva alveolar /t/, todos com *glide* /j/. (Cf Quadro 6)

Os resultados da tabela 12 corroboram as afirmações de Bisol (1991, p.51). Referindo-se às palatais, a autora propõe que o *glide* pode ser acrescido ou apagado antes de palatal, sem alteração de sentido.

Todo ditongo, diante de palatal, segundo a proposta Bisol (1994, p. 124.), possui uma só vogal na estrutura subjacente, devido ao traço alto da palatal, o *glide* pode ser acrescido ou, no caso do fenômeno estudado nesta pesquisa, pode ser apagado, uma vez que ele não existe nas representações da estrutura profunda, a exemplo de *peixe*, *faixa*, *caixa*. (Ver seção 2.2 do Cap. II). No caso do contexto seguinte ser o tepe, a proposta é que ele alterna livremente com a vogal simples, ocorrendo a possibilidade do apagamento do *glide* j.

A variável classe gramatical

Para a variável estrutural *classes gramatical* selecionamos os seguintes fatores: *substantivo*, *adjetivo*, *verbo*, *numeral*, *pronome*, *outros*, entretanto devido a alguns *knockouts*, reunimos as classes *numeral* e *pronome* em uma única (*outros*) para uma nova rodada.

Tabela 13 – Variável Classe Gramatical *glide* /j/

Variável classe gramatical			
Fatores	Aplic. Total	%	P. Rel.
s – substantivo	254/ 320	79	0.57
g – adjetivo	22/ 35	62	0.37
v - verbo	50/ 6	59	0.27

h – outros	4 /6	66	0.69
------------	------	----	------

Como podemos observar, o substantivo foi a classe de palavra que mais favoreceu o apagamento (0.57) a exemplo de *peixe, caixa, janeiro, fevereiro*; só perdendo para o fator *outros*, porque neste foram amalgamadas outras classes: numeral (primeiro), pronome (outro) e conjunção (outrossim), cujo peso relativo deu 0.69. O fator verbo teve o menor peso relativo (0.27) talvez porque tivemos em nosso *corpus* baixo índice de verbos com ditongos constituídos pelo *glide* /j/, como dito anteriormente. (Cf. seção 5.2.2 –I). Uma possível explicação é que muitos dos ditongos com esse *glide* eram ditongos fonológicos, que não apagam. (Cf. 6, p. 73). Para termos melhor compreensão das ocorrências com o *glide* /j/, observemos o Quadro 7 (Cf. p. 73), o qual apresenta lista de palavras com os ditongos que apagaram.

II - Glide /w/

O apagamento do *glide* /w/ no ditongo está generalizado na língua falada no Brasil, sobretudo quando precedido da vogal posterior /o/. Sua monotongação é confirmada na fala recifenses.

A variável *tonicidade* foi a primeira variável selecionada para atestar o apagamento do ditongo com o *glide* /w/, o que significa dizer que é essa variável a que mais fortemente condiciona a aplicação de regra variável de apagamento do ditongo. Entretanto, o Programa desprezou a categoria *postônica* em virtude de não ter sido encontrado índice relevante de ocorrência de ditongos nessa posição, em nosso banco de dados.

A Variável *tonicidade*

Com base nas leituras de resultados de outras pesquisas, nossa hipótese para a variável *tonicidade* é que o fator *sílaba tônica* seja o fator mais favorecedor do apagamento do ditongo. Como podemos ver na tabela 14, o maior peso relativo de apagamento se deu com os ditongos em sílabas tônicas (0.59) contra (0.39) das pretônicas. Isso se deve ao fato provável de que em nosso *corpus*, além das tônicas de verbos, tivemos alto índice de ocorrências com palavra *outro*, cujo apagamento se justifica pelo baixo grau de saliência fônica dos fonemas /o/ e /w/ (/owtru/ > /o'tru/), como já foi observado em Naro; Leme (1976 apud SILVA, 2004, p. 35).

Os nossos resultados corroboram o estudo de Cabreira (1996 apud SILVA, 2004, p. 35), em que as sílabas tônicas favorecem a monotongação e os de Silva (2004, p.40) em relação ao ditongo /ow/, em que o maior peso relativo também foi nas tônicas (.52 e .17).

Ao contrário do que vimos com os ditongos [aj] e [ej] – as sílabas tônicas favorecem a monotongação. Esse resultado parece dever-se ao fato de todo verbo, quando conjugado, terminado em ou ter o *glide* suprimido, restando apenas a vogal o, como em vo (vou), ganho (ganhou), levanto (levantou), determino (determinou) etc. Em todos os casos, independente do tamanho do vocábulo, a aplicação é categórica. (SILVA, 2004, p.40).

Nossos resultados não confirmam os resultados de Farias, no nordeste do Pará, em que as pretônicas foram mais freqüentes do que as tônicas (88,2% contra 70,5%). Entretanto, em relação à justificativa da autora supracitada, é possível que isso tenha ocorrido em relação ao ditongo tônico em posição final de palavras (verbos), a exemplos desses extraídos de nosso *corpus*: [a`šo], [fa`lo], [goS`to], [aka`bo], em que se tem realização quase categórica do apagamento do ditongo na fala espontânea. Os resultados podem ser vistos na Tabela 5 a seguir.

Tabela 14 – Variável *Tonicidade - glide /w/*

Variável Tonicidade			
Fatores	Aplic./ Total	%	P. Rel.
Tônica	315/371	84	0.59
Pretônica	231/319	72	0.39

Com o ditongo /aj/ temos: *caixa, faixa, baixa*, com o ditongo /ej/ tivemos *peixe, feixe, eixo*; sabemos, entretanto, que o contexto seguinte desses exemplos é uma palatal, uma forte condicionante de apagamento do ditongo, talvez por isso o Programa não selecionou essa variável para o *glide /j/*, que embora esta variável tenha se mostrado relevante em termos de demonstrar que sílabas tônicas motivam o apagamento do ditongo em relação às pretônicas (75% contra 25% - cf. Anexo II), a maioria dos exemplos para o *glide /j/* se encontram em ambiente de palatal. Nossos resultados não confirmaram os de Silva (2004, p. 39), em relação ao ditongo /ej/ cujas pretônicas tiveram peso relativo maiores do que as tônicas (.67 e .48 respectivamente).

A Variável contexto fonológico precedente

Para o contexto fonológico precedente, o fator que se mostrou, podemos dizer, contundente foi a vogal posterior *o* (0.64) em relação à vogal anterior *e* (0.15) e à vogal central *a* (0.12) que não se mostraram fatores motivadores ao apagamento do *glide w*. Os pesos relativos da Tabela abaixo refletem a saliência fônica para a vogal posterior /o/

Tabela 15 – Variável Contexto fonológico precedente - *glide /w/*

<i>Variável contexto precedente</i>			
Fatores	Aplic. Total	%	P. Rel.
Vogal posterior - <i>o</i>	463 520	80	0.64
Vogal central - <i>a</i> ⁴²	39 100	39	0.12
Vogal anterior - <i>e</i>	44 70	62	0.15

Como podemos observar na tabela acima, em termos de frequência e de peso relativo, o contexto precedente /o/ o que mais favoreceu o apagamento do ditongo em relação aos demais (vogal central *a* e vogal anterior *o*). Para citar alguns exemplos temos: *ouro*, *ourives*, *outrossim*, *outro*, *outubro*, *ouço*, *ouvir*, *ouvinte*, *ouvidor*, etc., No caso do fator *vogal anterior e*, ter se mostrado, em termos percentuais, condicionante com 62%, foi o fato de a maioria das ocorrências com o ditongo /ej/ serem palavras com o sufixo “eiro(a)”, o que possivelmente interferiu no resultado, contudo o peso relativo (0.15) apresenta o resultado mais plausível. A título de exemplificação podemos citar: *marinheiro*, *ferreiro*, *coqueiro*, *costureira*, *moleira*, etc.

Variável contexto fonológico seguinte

Nossa hipótese para o contexto seguinte é de que o tepe e a fricativa são os maiores condicionantes do apagamento do ditongo, uma vez que seus traços compartilhados levam ao processo de assimilação.

Como prevíamos, o fator *fricativa labial* mostrou-se, podemos dizer, quase categórico no apagamento do *glide /w/* (0.80). O mesmo não se pode dizer das fricativas alveolares, que se mostraram abaixo da referência 0.50, com peso relativo 0.37. Outro fator motivador do fenômeno variável em estudo foi o *tepe*, como prevíamos, e também como atestado em outros estudos, mostrou-se favorecedor da aplicação da regra variável de monotongação (0.57). É provável que esse resultado se deva ao fato de o *corpus* ter apresentado alto índice de ocorrências com palavras, cujo contexto seguinte é o *tepe*, a exemplo de *ouro*, *ourives*, *ouriço*, *ouriçar*, enquanto para o contexto seguinte *oclusiva*

⁴² As palavras, cujo contexto precedente foi a vogal central /a/ tiveram maior incidência com o *glide /y/*, a exemplo de *caixa*, *faixa*, *baixa*, *baile*, *bailista*.

bilabial (0.33), o índice foi muito inferior; é bem verdade, entretanto, que tivemos aí a influência do contexto precedente /o/ mencionado na Tabela 15, como condicionantes da aplicação da regra variável em estudo.

Tabela 16 - Variável Contexto Fonológico seguinte – <i>Glide</i> /w/			
Contexto Fonológico Seguinte - <i>glide</i> /w/			
Fatores	Aplic./Total	%	P.Rel.
Oclusiva Bilabial /p b/	21/39	53	0.33
Oclusiva Alveolar /t d/	200/245	81	0.50
Oclusiva Velar /k g/	13/21	61	0.21
Fricativa Labial /f v/	57/60	95	0.80
Fricativa Alveolar /s z/	86/126	68	0.32
Final Absoluto	38/43	88	0.50
tepe//	117/142	82	0.57

A Tabela 16 indica que os fatores apresentam pesos relativos diversificados, como podemos observar, a maior frequência e o maior peso relativo foi apontado pelas fricativas labiais, enquanto que os contextos *oclusivas bilabiais* (0.33), *fricativas alveolares* (0.32) e principalmente *oclusivas velares* (0.21) não se mostraram fatores condicionantes à aplicação da regra variável em estudo, como atestaram seus pesos relativos. Isso se deu talvez por causa do baixo índice de ocorrência de palavras com tais contextos (*soube, ouço, pouca*)

O fator *final absoluto* foi surpreendente, em termos de frequência, em que verificamos altíssimo índice (88%), entretanto, seu peso relativo foi equilibrado (0.50), indicando neutralidade. Esse resultado também pode ser justificado pelo fato de que o elevado índice de ocorrência desses ditongos correspondem aos verbos em terceira pessoa do singular: *achou, falou, gostou, acabou*, como visto no 3º § da seção 5.2.2.

Em razão das especificidades articulatórias do *tepe* /l/ que o aproximam das fricativas, esperávamos que este fator tivesse peso relativo semelhante ao das *fricativas labiais* /f/, /v/ (0.80), mas não com as *fricativas alveolares* /s/, /z/ (0.32). Entretanto, isso não aconteceu, o que nos levaria à interação dos dois contextos (seguinte e precedente). Entretanto o programa não ofereceu o cruzamento dessas duas variáveis, para que pudéssemos fazer a interação dos fatores, apenas a interação do contexto precedente com outros fatores, o que já foi suficiente para atestar a recorrência do [ow], a exemplo das palavras, *ouro, ourives, ouvir, ouvidor, ouvinte*. Observamos que as fricativas labiais foram mais favorecedoras do fenômeno variável do que o Tepe (0.57), entretanto é bom destacar que elas correspondem a palavras que têm por base o mesmo

radical e que têm um alto índice de ocorrência no *corpus*. Este fator pode ter contribuído para a elevação de seu aparente favorecimento.

Esses resultados, combinados com os do contexto fonológico precedente, dirigem-nos à seguinte inferência: o apagamento do ditongo /ow/ é muito difundido no Recife (como o é na língua portuguesa falada no Brasil) e se justifica em termos estruturais.

Enquanto, para o apagamento do *glide* /j/, o contexto de *tepe* teve o maior índice de apagamento em termos de frequência (78%) e de peso relativo (0.56), para o *glide* /w/, este contexto foi o segundo colocado com peso relativo (0.57), só perdendo para a fricativa labial que teve a maior frequência e peso relativo (95% e 0.80, respectivamente), em relação aos demais contextos seguintes.

Os nossos resultados se aproximaram dos de Pereira (1996) (cf. seção 2.3, p.35) nos primeiros *corpora*, em que o contexto posterior se mostrou forte condicionante ao apagamento, pelo menos as palatais e o *tepe*.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo se desenvolveu à luz da Teoria da Variação, mediante a qual apresentamos um fenômeno bastante recorrente na língua falada no Brasil: o apagamento dos ditongos decrescentes orais. A comunidade de fala onde realizamos a pesquisa empírica foi a cidade do Recife.

Fizemos um estudo descritivo do comportamento de tais ditongos na fala recifense e verificamos, em princípio, que tal como em vários pontos do País, o ditongo decrescente quando fonético, ou seja, quando possui na estrutura subjacente apenas uma vogal, é apagado em situação natural de fala.

Dada a constatação acima, de que o chamado falso ditongo é suscetível de apagamento, ao contrário do ditongo fonológico ou “verdadeiro ditongo” que tem duas vogais na estrutura subjacente da língua⁴³ e parece não apagar nunca, nem mesmo na fala de pessoas com baixo grau de escolaridade (menos de quatro anos), iniciamos então uma pesquisa empírica no Recife, onde entrevistamos 48 falantes, divididos em dois

⁴³ No nível subjacente todas as semivogais são vogais semelhantes as vogais altas. Durante o processo de silabação, as vogais altas se tornam *glides*. Os ditongos que apagam (passam a monotongos) são então chamados de falsos ditongos (Cf. seção 2.2, p. 32)

grupos: falantes do subúrbio e falantes de bairros centrais do Recife, metade dos quais com escolaridade de nível superior e metade com baixo grau de escolaridade, os primeiros considerados falantes da norma culta, e os últimos, falantes da norma não culta, todos devidamente distribuídos em três faixas etárias (a-17-25; b-26-49 e c- de 50 em diante), como dito na metodologia deste trabalho (Cf. Cap. 4).

Do *corpus* que havíamos definido para a pesquisa não constava a separação de falsos e verdadeiros ditongos, isso possivelmente interferiu nos resultados, elevando o grau de realização dos ditongos entre os falantes recifenses. Conscientes da possibilidade dessa interferência, interpretamos o fenômeno variável de apagamento dos ditongos decrescentes orais sem prejuízo para análise, uma vez que compreendemos a natureza dos ditongos, cujo índice de apagamento foi bem menor para os verdadeiros ditongos, do que para os falsos ditongos. Por sabermos que todo processo de variação e mudança tem a influência direta ou indireta do extralingüístico, não poderíamos desprezar em nossa pesquisa o componente social, por isso selecionamos pelo menos quatro variáveis sociais que poderiam motivar o fenômeno variável em verificação (sexo, escolaridade, idade e localização de moradia). Entretanto, em se tratando de um fenômeno de certa forma categórico na língua, a exemplo de Tubarão/SC (Cf. seção 2.3) o apagamento não se define por condicionantes sociais, mas sua justificação se dá por condicionantes estruturais. Assim resumimos abaixo, algumas conclusões a que chegamos para análise das variáveis sociais:

- A tendência ao apagamento dos ditongos decrescentes orais é perceptível entre os recifenses;
- A variável social localização de moradia tem relevância em termos de apontar a tendência ao apagamento dos *glides*, mas não condiciona o fenômeno.
- A variável faixa etária demonstrou ser até mais relevante que as variáveis *localização de moradia e escolaridade*;
- As variáveis sociais não são condicionantes para o apagamento dos ditongos decrescentes orais;
- Os resultados quantitativos sinalizam para que as condicionantes do processo de apagamento sejam de ordem estrutural e não social.

Já para análise das restrições estruturais (ou lingüísticas), verificamos sua relevância em termos de condicionamento do fenômeno variável de apagamento dos *glides* que compõem os ditongos decrescentes orais na fala do Recife. Tomamos como referência,

os trabalhos sobre o ditongo, desenvolvido por Bisol (1981, 1989, 1991, 1992, 2002, 2005), devidamente listados nas Referências desta dissertação.

Depois da análise dos resultados, apontamos as seguintes variáveis como realmente motivadora do apagamento dos ditongos:

1. *Contexto fonológico precedente* – fundamental em termos de que definir os ditongos, posto que está na base da sua constituição e cujo fator *vogal posterior* teve peso relativo (0.64.) em relação aos outros fatores.
2. *Contexto fonológico seguinte* – O Programa Goldvarb 2001 selecionou esta restrição estrutural para análise de ambos os *glides* (j e w). Os resultados dos dados probabilísticos das tabelas apontaram como favorecedores do apagamento os seguintes fatores: *glide* /j/ - tepe /f/ (0.56) e palatais (0.54); *glide* /w/ fricativa labiais (0.80) e tepe /f/ (0.57). Em que pese o alto índice no peso relativo das fricativas labiais, o fator tepe /f/ se manteve favorecedor para os dois *glides* /j/ e /w/. O que temos, como apontado dos estudos de Bisol (1991, 51-52), é o tepe e as palatais como favorecedores do apagamento do ditongo.
3. *Tonicidade* – Esta variável apresentou como relevantes dois fatores: *sílaba tônica* e *sílaba pretônica*. O resultado dos dados apresentou, tanto para o *glide* /j/ como para o *glide* /w/ como mais favorecedor do apagamento o primeiro fator *sílaba tônica*.

Na observância das duas variáveis (contexto fonológico precedente e contexto fonológico seguinte) vimos que o apagamento do ditongo categórico na fala é o /ow/ (pelo menos em algumas regiões (cf. os resultados de Gerusa Pereira, seção 2.3, p. 41). Em nosso *corpus* a maioria dessas ocorrências se deu com as seguintes palavras: *ouvir*, *ouvinte*, *ouvidor*, o que poderia configurar uma particularidade desses itens lexicais. Os resultados desta pesquisa apontam que o fenômeno variável estudado está mais condicionado a fatores estruturais. Confirmam também o que diz Bisol (1991, p. 51-52), quanto ao contexto seguinte, que as palatais e o tepe são os fatores mais condicionantes do apagamento do ditongo, principalmente quando o contexto precedente for a vogal posterior /o/.

Os ditongos que foram mais apagados pelos recifenses são os seguintes:

/aj/ - *caixa, faixa, baile* (xingamento), *beijo, queijo*;

/ej/ - *peixe, feixe, eira, beira, cadeira, enfermeira*

/oi/ - *loira*

/ow/ - *soube, coube, ouro, outro, ouvir, outono*

Para o ditongo /oj/, a regra só foi aplicada na palavra *loira*, cuja pronúncia também poderia ser *loura*, e, dessa feita, esta última é talvez quem proporcione o apagamento. Os ditongos /au/ e /ew/ quase não foram apagados por nenhum falante constante do nosso envelope.

A análise fonológica que dê conta do fenômeno apresentado nessa dissertação, ainda é muito limitada. A interpretação do apagamento dos *glides* é mais fácil quando acontece em contexto seguinte de palatais. Segundo Pereira (2004), quando o contexto seguinte é o tepe, o apagamento ainda é questionável. Em que pese a direção que vem tomando o apagamento dos *glides* que compõem os ditongos decrescentes nas diversas regiões do Brasil, muito há ainda que se descrever, em termos de justificar a supressão e comprovar que apenas os ditongos fonéticos (ditongos leves), favorecem o apagamento de seus *glides*, enquanto que os fonológicos (ditongos pesados) não são suscetíveis à monotongação.

Esperamos, por fim, que o estudo aqui apresentado, embora reflita resultados preliminares, contribua para o conhecimento da monotongação do fenômeno tratado e motive a realização de estudos adicionais que sirvam para alargar nossa compreensão sobre fenômenos variáveis como o estudado nesta dissertação.

REFERÊNCIAS

AMARAL, A. *O dialeto Caipira*. São Paulo: Anhembi, 1955.

AMARAL, M. P. A síncope em proparoxítonas: uma regra variável in BISOL, L; BRESCANCINI (orgs.). *Fonologia e variação: Recortes do Português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

ANDRADE, G. O. Migrações internas e o Recife. Recife: Fundação Joaquim Nabuco - Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1979. 100p (série Estudos e Pesquisas, 12).

AQUINO, M. de F. de S. *A ditongação na comunidade de João Pessoa: uma análise variacionista* 1998, Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade da Paraíba, João Pessoa, 1998.

BEZERRA, M. L. Os instrumentos de ordenamento e desenvolvimento urbano da cidade do Recife: aplicabilidade e eficácia. *Caderno de Estudos Sociais*, v. 11, n.1, 172p 1995 p. 11.

BISOL, L. *Harmonização vocálica: uma restrição variável*. 1981. Tese (Doutorado em Lingüística) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1981.

_____. O Ditongo na perspectiva da fonologia atual. *D.E.L.T.A*, São Paulo, v. 5, n. 2, p.185-224, 1989.

_____. O Ditongo em Português. *Abralin*, v. 11. 1991, p. 51-58p.

_____. Aspectos da fonologia atual. *D.E.L.T.A*, São Paulo, v 8, n.2, 1992. p. 263-283.

_____. Ditongos derivados. *D.E.L.T.A*, v. 10, n.. Especial. 1994. 123-140p.

_____. (org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDPUCRS, 2005.

_____.; RESCANCINI (orgs) *Fonologia e variação. Recortes do Português brasileiro*: Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

BORTONI-RICARDO, S. M. A contribuição da análise de redes ao ensino da língua materna. *Anais do Seminário de Aprendizagem da Língua Materna: Uma abordagem interdisciplinar*, INEP, 1982.

_____. A migração rural-urbana no Brasil: uma análise sociolingüística, in: TARALO, F. (Org.) *Fotografias Sociolingüísticas*. Campinas: Pontes Editores e Ed. UNICAMP, 1985.

_____. S. M. *Nós cheguemos na escola, e agora? Sociolingüística & educação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

CABREIRA, S.H. *A monotongação dos ditongos orais decrescentes em Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre*. 1996. 115 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996.

CALLOU, D.; LEITE, Y. As vogais pretônicas do falar carioca. *Estudos Lingüísticos Literários*. Salvador: UFBA, v. 5, 1986.

_____.; _____. *Introdução à fonética e fonologia*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1990.

CASTILHO, A. (Org.). *Gramática do português falado*. Campina: UNICAMP, 1996, v.3.

CHOMSKY, N.; HALLE, M.. *The Sound Pattern of English*. New York: Harper & How, 1968.

CLEMENTS, G. W. The Geometry of phonological Features. *Phonology Yearbook*, LONDON, n. 2, p. 225-252, 1985.

_____. Place of articulation in consonants and vowels. *Working Papers of the Cornell Phonetics Laboratory*, London, n. 5, p.37-76, 77-123, 1991.

_____.; HUME, E.V. The internal organization of speech sounds. In: GOLDSMITH, J.A. (Ed.). *The handbook of phonological theory*. Cambridge: Blackwell, 1995.

COLLISCHONN, G. O acento em Português. In: BISOL, L. (org.). *Introdução a estudos de fonologia de português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005, p. 135-169.

_____. A sílaba em Português. In: BISOL, L. (org.). *Introdução a estudos de fonologia do Português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005, p.101-169.

COSTA, C.F. *Fonologia Lexcal e Controvérsia neogramática; análise das regras de monotongação de /ow/ e vocalização do /l/ no Português do Brasil*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

COUTINHO, I. *Gramática histórica*. 7ª ed., ver. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1976

CUNHA-HENCKEL, R. *Tráfego de palavras. Africanismos de origem Banto na obra de José Lins do Rego*. Recife: Fundaj: Massangana, 2005.

D.E.L.T.A. São Paulo: EDUC, v. 5, n.2, 1989.

FARIAS, M.A.R.; MORAIS, M.B. *Variação fonética dos ditongos [ej] e [ow] no nordeste do Pará*, 2002.

FERREZ, Gilberto. *Raras e preciosas vistas e panoramas do Recife: 1755-1855*. Rio de Janeiro. Coleção Pernambuco. Fundação Pró-Memória Recife: Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco. FUNDARPE, 1984.

FREYRE, G. *Recife & Olinda*. Desenhos de Tom Maria ; Legendas de Thereza Regina de Camargo Maia. [São Paulo]: Nacional; Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1978.

FISHER, J.L. Social Influences on the choice of a linguistic variant. *Word*, n. 14, p. 47-56, 1958.

GOLDMITH, J. *Auto-segmental phonology*. Bloomington: Indiana University Linguistic club, 1976.

GORDON, E. Sex, speech and stereotypes: Why women use prestige speech form more than men. *Language in society* U.S.A, v. 26, n. 1, p.47-63, 1997.

GUMPERZ, J. Social Network and Language Shift. In: J. Cook Gumperz and J.J. Gumperz (eds.), *Papers on Language and Context, Working Paper no. 46*. Berkeley: Language Behavior Research Laboratory, University of Califórnia, 1976.

GUY, R; BISOL, L. A teoria fonológica e a variação. *Organon*, Porto Alegre: UFRGS, v.5, n.18, p. 126-136, 1991.

HAYES, B. Inalterability in phonology. *Language*, New York, n. 62, p. 321-352, 1986.

HORA, D. da. *A palatização das oclusivas dentais: variação e representação não linear*, 1990. Tese (Doutorado em Lingüística Aplicada) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1990.

- _____. *Diversidade lingüística no Brasil*. João Pessoa: Idéia, 1997.
- _____. *Estudos Sociolingüísticos: perfil de uma comunidade*. João Pessoa: UFPB/BC, 2004. 286p.
- _____.; COLLISCHONN, G. (orgs). *Teoria Lingüística. Fonologia e outros temas*. João Pessoa: Ed. Universitária /UFPB. 2003.
- JAKOBSON, R.; FANT, G.; HALLE, M. *Preliminaries to speech analysis: the distinctive features and their correlates*. Cambridge: M.I.T. Press, 1976.
- KOSTER, Henry. *Viagens ao Nordeste do Brasil*. Recife: Massangana, 2002.
- LABOV, W. The social motivation of sound change. *Word*, New York, n. 19, p. 273-307, 1963.
- _____. *The social stratification of English in New York City*. Whashington: Center for Applied Linguistics, 1966.
- LABOV, William (1972b). *Language in the inner city*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- LABOV, W. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University Pennsylvania Press, 1972.
- _____. *The intersection of sex and social class in course of linguistic change: language variation and change*. Cambridge: University press, 1990.
- _____. *Principles of linguistic social factors*. Social factors. Oxford: Blackwell Publishing, 2001.
- LEIRIA, L.L. *A ditongação variável em sílabas tônicas finais travadas por /s/*. 1995. Dissertação (Mestrado em Letras e Lingüística.) – Pontificia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1995.
- LEITE, Y.; CALLOW, D.; MORAES, J. Processos em curso no Português do Brasil: A ditongação. In: HORA, D.; COLLISCHONN (orgs). *Teoria lingüística. Fonologia e outros temas*. João Pessoa: Editora Universitária, 2003, p. 232-249.
- LEME, M.; NARO, A. J. Competências básicas do português, *Relatório final de pesquisa apresentado às instituições patrocinadoras Fundação Movimento Brasileiro (MOBRAL) e Fundação Ford*. Rio de Janeiro, 1977.
- LEROY, M. *As grandes correntes da lingüística moderna*. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1974.
- LINUS, J. *As idéias de Chomsky*. São Paulo: Cultrix, 1970.
- LOPES, R. *A realização variável dos ditongos [ow] e [ej] no Português falado em Altamira*. Dissertação de Mestrado em Lingüística, apresentada a Universidade Federal do Pará, 2002.
- LUCCHESI, D. *Sistema, mudança e linguagem: um percurso na história da lingüística*

moderna. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MARROQUIM, M. *A língua do nordeste*. (Alagoas e Pernambuco). São Paulo: Nacional, 1934.

MATTOSO CÂMARA Jr., J.M. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. Rio de Janeiro: Simões 1953.

_____. *Problemas de lingüística descritiva*. Petrópolis: Vozes, 1970.

_____. *História da lingüística*. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1970.

_____. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1975.

_____. *Estrutura da Língua Portuguesa*, 15ª, Petrópolis: Vozes, 1985

_____. *História da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1986.

_____. *Dicionário de língua e gramática*. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 1992.

MELO, J. A.G. de. *Gente da Nação – novos judeus em Pernambuco*. 2ª ed. Recife: Fundaj. Editora Massangana, 1996.

MELO, G. C.de. *A língua do Brasil*. Rio de Janeiro: Agir, 1946.

MENEGHINI, F.M. *O fenômeno da monotongação em Ibiã*. 1983. Dissertação (Mestrado em Letras e Lingüística) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1983.

MENEZES, J.L.M (org). *Atlas histórico cartográfico do Recife*. Recife: Ed. Massangana, 1088.

MILROY, L. *Language and social networks*. Oxford: Blackwell, 1980.

MILROY, J. *Linguistic variation and change*. Oxford: Blackwell, 1992.

_____.; MILROY, L. Varieties and variation, In: COULMAS F. *The handbook of sociolinguistic*. Cambridge: Blackwell, 1997 (2ª ed, 2004).

MOLLICA, M.C. de M. (Org.). *Introdução à sociolingüística variacionista. Cadernos didáticos*. FL /UFRJ, 1994.

_____. *Variação, mudança e escrita*. In: CARDOSO S. (Org.). *Seminário Nacional sobre Diversidade Lingüística e o Ensino da Língua Material*, 1996, Salvador. *Anais...* . Salvador: EDUFBA, 1996. p. 136-164.

_____.; BRAGA, M. L. (orgs). *Introdução à Sociolingüística. O tratamento da variação*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2004.

MORALES, H. L. *Sociolinguistic*. Madrid: Gredos, 1993.

MOTTA, R.(Org.). *Seminário de Tropicologia*. Recife. *Anais...*Recife: Fundaj: Ed.

Massangana, 1987. T. 11, 244p.

MOURA, M. D. (org.) *Variação e ensino*. Maceió: EDUFAL, 1997.

NARO, A. J. The social and structural dimensions of a syntactic change. *Language*. (Baltimore) Nova York. v. 57, n.1, 1981.

_____. O dinamismo das línguas In: MOLLICA, *Introdução à Sociolingüística. O tratamento da variação*. 2004. p. 43-50.

_____. & SCHERRE, M. (1991). "*Variação e Mudança Lingüística: Fluxos e Contrafluxos na Comunidade de Fala*", *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 20: 9-16

_____. Introdução à sociolingüística variacionista. *Cadernos didáticos*. FL/ UFRJ, 1994.

_____.; SCHERRE, M. M. P: *Variação e mudança lingüística: fluxo e contrafluxos na comunidade de fala*. *Caderno de estudos lingüísticos*, Campinas. v.20, p.9-16, jan./jun, 1991.

_____.; _____. Sobre as origens do português popular do Brasil. *D.E.L.T.A*, São Paulo, v.9, n. especial, p. 437-454, 1993.

NASCENTES, A. *O Linguajar Carioca*. 2 ed. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.

PAIVA, M.C.A. de. Supressão das semivogais nos ditongos decrescentes. In: OLIVEIRA, Giselle M. de. E SCHERE, S. M. *Padrões Sociolingüísticos*. Tempo Brasileiro: UFRJ, 1996.

_____.; SCHERRE, M.M.P. Retrospectivas sociolingüísticas: contribuições do PEUL. *D.E.L.T.A*, n.15 especial, 2001-232, 1999.

PAUL, H. *Princípios fundamentais da história da língua*. 2.ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1966

PEREIRA, A *monotongação dos ditongos no Português falado em Tubarão (SC): Estudo de casos*. Dissertação (Mestrado em Ciência da Linguagem), Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão-SC, 2004.

PESSOA, Marlos. *Formação de uma variedade urbana e semi-oralidade: o caso do Recife*. Tubingen: Max Niemeyer Verlag Tubingen, 2003, 334p.

PRETTI, D. *Estudos de Língua Falada. Variações e conflitos*. São Paulo: Humanitas/FLLCH/USP, 1998.

RODRIGUES, A.N. *O dialeto caipira na região de Piracicaba*. São Paulo: Ática, 1974.

RONCARATI, C.N. & MOLICCA, M.C. (orgs) *Variação e Aquisição*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

SÁ, M. da P. de et al (org). *A linguagem falada culta na cidade do Recife*: Programa de

Pós-Graduação em Letras da UFPE, 2005.

SANKOFF, D. Variables rules. In: AMMON, U.; DITTMAR, N.; MATTHEIR, K.J. (Ed.). *Sociolinguistics: an international handbook of science of language and society*. New York: Walter de Gruyter, 1988. p. 984-988.

_____.; LABOV, W. On the user of variables rules. *Language in society*, London: Cambridge University Press, n. 8, p. 189-222, 1970.

SAUSURRE, F. de *Curso de lingüística geral*. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blickstein. 5.ed. São Paulo, Cultrix, 1973.

SCHAR DONG, R. *Monotogação de [ey]*: Projeto n: 04, p. 30-38, 1994, (S.N.T)

SCHERRE. M.M.P. Variação e mudança lingüística: Fluxos e contrafluxos na comunidade de fala. In: SILVA, G.M.; TARALLO, F. (Org.). *Caderno de estudos lingüísticos*, Campinas: UNICAMP, n. 20, p. 9-16, 1991.

_____. The serial effect on internal e external variables. In: *Language variation and change*. Cambridge, n 4, p.1-13, 1992.

_____. Pressupostos Teóricos e Suporte Quantitativo. In: SILVA, G.M.de O.; SCHERRE, M. M.P. (Org.). *Padrões sociolingüísticos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p. 335-378, 1996.

SCHWINDT, L. C. A regra variável de harmonização vocálica no RS, in: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. (orgs.) *Fonologia e Variação: Recortes do Português Brasileiro*, Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

SILVA, F. S. O processo de monotongação em João Pessoa. 1997. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, [1997], in: HORA, D. (Org.) *Estudos Sociolingüísticos. Perfil de uma comunidade*. João Pessoa: UFPB, 2004, p. 29-43.

SILVA, T. C. Fonética e Fonologia do Português: roteiro de estudos e guia de exercícios . 6ª ed. São Paulo: Contexto, 2002.

SITE: <http://www.recife.pe.gov.br/pr/secplanejamento/inforec>

TARALLO, F. *Relativizations Strategies in spoken brazilian portuguese*. Tese (Doutorado) – University of Pennsylvania, Philadelphia, 1983.

_____. F. *A pesquisa sociolingüística*. São Paulo: Ática, 1985a.

_____. (Org.). *Fotografias sociolingüísticas*. Campinas: Pontes, 1985b.

_____. *Tempos Lingüísticos*. São Paulo: Ática, 1990.

THUDGILL, P. *Sociolinguistics: an introduction*. Great Britain: Penguin Books, 1974.

TRASK. R.L. *Dicionário de linguagem e lingüística*. São Paulo: Contexto, 2004.

TROUBETSKOY, N.S. *Principles de phonology*. Paris: Klineksemk, 1961.

VOTRE, S.J. Escolaridade. In: MOLLICA, M.C (org). *Introdução à Sociolingüística variacionista*. Cadernos Didáticos. FL/UFRJ, 1994.

WEINREICH, U.; LABOV, W; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial. 2006.

WETZELS. L. *Estudos fonológicos das línguas indígenas brasileiras*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.

APÊNDICES

APÊNDICE I

O acesso à cidade e os municípios vizinhos é feito o quadro a seguir descreve:

Quadro 10

Destino	Vias de acesso PE - BR	Distância
São Paulo	BR 101 Sul	2660 Km
Fortaleza	BR 101 Norte	819 Km
Natal	BR 101 Norte	297 Km
Salvador	BR 101 Sul	838 Km

APÊNDICE II

TEXTO 1

Eulália – autêntica moradora do Recife – era fã de uma banda internacional de Rock. Quando soube que seus ídolos desembarcariam no aeroporto em outubro, o que já seria no outro final de semana, ou melhor, na sexta-feira as 18h, não coube em si de tanta euforia.

Suplicou dia e noite aos pais que precisava recepcioná-los, entretanto, a tiete sabia dentro de si, “queiram ou não queiram” seus pais, ela iria ao aeroporto dos Guararapes, onde até pessoas sem eira nem beira poderiam ver seus ídolos sem qualquer ônus, Eulália quis ultrapassar a “faixa amarela” e, quando saía sorrateiramente de casa, sua mãe a viu e exigiu a sua volta. Ela percebeu, pelo olhar sombrio da mãe, que a “maré não estava para peixe”, beijou-a e retirou-se para o quarto mais cedo que de costume, esperando meio que ansiosa que a dor que sentia no peito não fosse do tipo “duradoura”... Seria preciso pouca inteligência ir de encontro às ordens dos pais.

Suas amigas do bairro a consolavam dizendo que preferiam assistir a gloriosa chegada dos roqueiros pela TV. Trouxeram pipoca e guaraná e tudo terminou em festa.

ANEXOS

Anexo I - Recife - Aspectos gerais

Recife, capital do Estado de Pernambuco, situa-se no litoral nordestino e ocupa uma posição central, a 800 km das outras duas metrópoles regionais, Salvador e Fortaleza, disputando com elas o espaço estratégico de influência na Região.

Clima: quente e úmido / **Temperatura média:** 25,2° C/ **Altitude:** 4 m/ **Coordenadas geográficas:** latitude 8° 04' 03" S e longitude 34° 55' 00" W **Área:** 219,493 km²

Composição da área territorial:

Morros: 67,43%

Planícies: 23,26%

Aquáticas: 9,31%

Zonas Especiais de Preservação Ambiental - ZEPA: 5,58%

Extensão de praia: 8,6 km.

Divisão territorial:

94 bairros

6 Regiões Político - Administrativas - RPA:

RPA 1 - Centro: 11 bairros

RPA 2 - Norte: 18 bairros

RPA 3 - Noroeste: 29 bairros

RPA 4 - Oeste: 12 bairros

RPA 5 - Sudoeste: 16 bairros

RPA 6 - Sul: 8 bairros

66 Zonas Especiais de Interesse Social - ZEIS

População residente (2000): 1.422.905 habitantes, correspondendo a 43% da população da Região Metropolitana.

Taxa de crescimento geométrico anual: 1,02 (1991/2000)

Bairros mais populosos: Boa Viagem (100.388 hab), COHAB (69.134 hab), Várzea (64.512 hab)

Bairros com maiores taxa de crescimento geométrico anual (1991/2000): Sítio dos Pintos (9,92), Caçote (6,56) e Passarinho (6,47).

Densidade populacional: 64,78 (hab/ha)

Bairros mais densos: Alto José do Pinho (299,57); Brasília Teimosa (292,78); Mangueira (290,05)

Composição etária da população (2000):

0 a 14 anos: 26,16%

15 a 64 anos: 67,33%

64 anos e mais: 6,51%

Domicílios particulares permanentes: 376 022

Densidade domiciliar: 17,13 (dom/há)

Proporção de domicílios ligados à rede geral de abastecimento de água: 87,96%

Proporção de domicílios ligados à rede geral de esgotamento sanitário: 43,00%

Proporção de domicílios com coleta domiciliar de lixo: 96,22 %

Composição setorial de emprego: (2003)

Indústria Transformação 8,58%

Construção Civil 5,65%

Comércio 18,99%

Serviços 57,22%

Outras Atividades 9,56%

Valor do rendimento nominal médio mensal dos responsáveis por domicílios: R\$1.024,96

Valor do rendimento nominal mediano mensal dos responsáveis por domicílios: R\$350,00

Taxa de alfabetização da população de 5 anos e mais: 86,61%

Proporção de crianças alfabetizadas na faixa de 5 a 9 anos: 55,70%

Proporção de crianças alfabetizadas na faixa de 10 a 14 anos: 92,47%

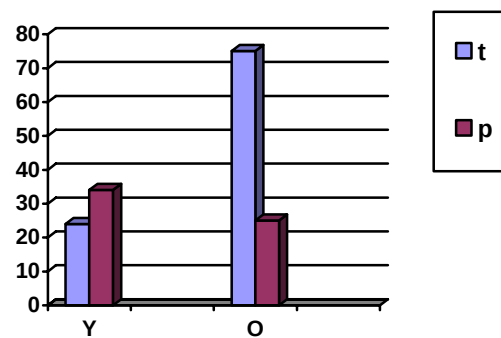
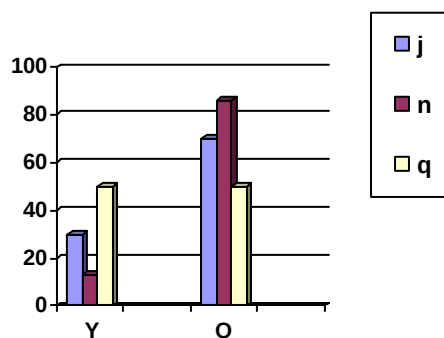
Fonte: <http://www.recife.pe.gov.br/pr/secplanejamento/inforec/>

Anexo II – Visualizando as variáveis estruturais e sociais pelos gráficos

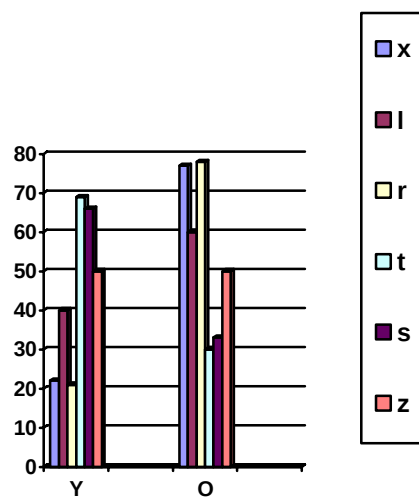
A. Glide Y

1. A variável posição do ditongo

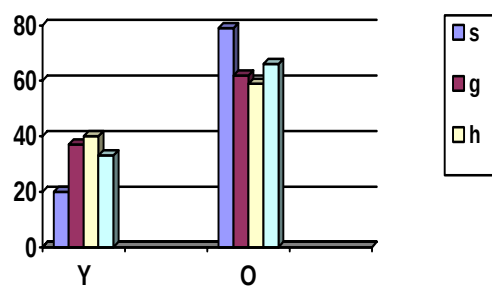
2. A variável de tonicidade



3. Contexto fonológico



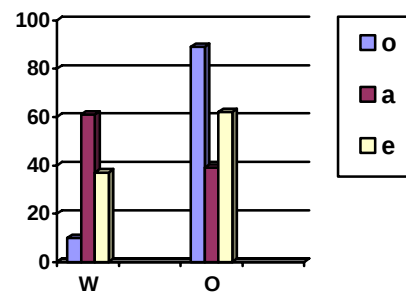
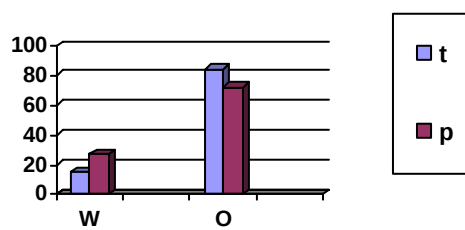
4. Classes e Palavras



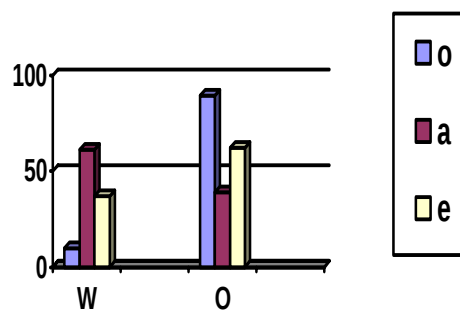
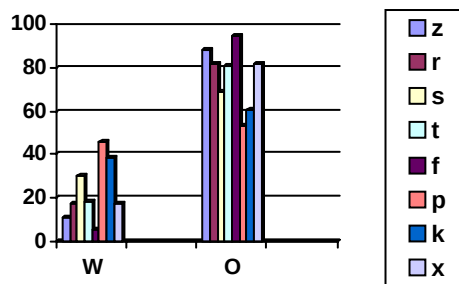
B. Glide W

1. Variável tonicidade

2. Variável contexto fonológico precedente



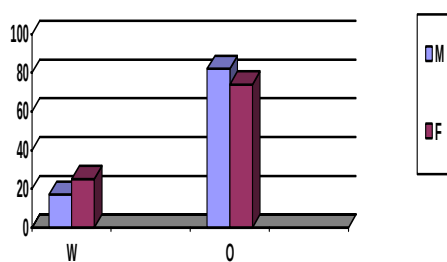
3. Variável contexto fonológico seguinte



5.2 Variáveis sociais a variável sexo

Tabela 1 A Glide /y/

Tabela 1 B Glide /w/



(2) a variável escolaridade

Tabela 2 A Glide /y/

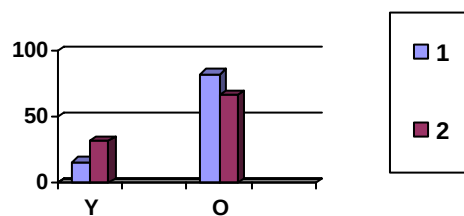


Tabela 2 B Glide /w/

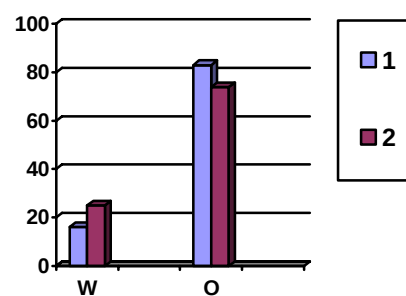
(3) a variável *faixa etária*

Tabela 3 A Glide /y/

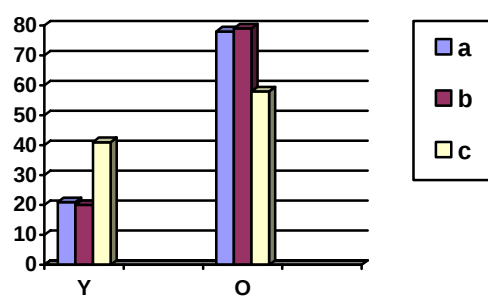


Tabela 3 B Glide /w/

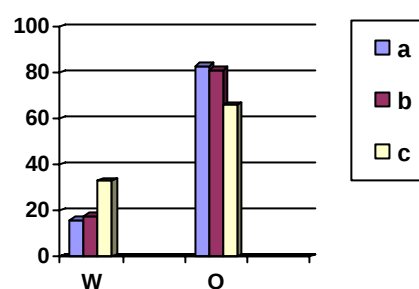
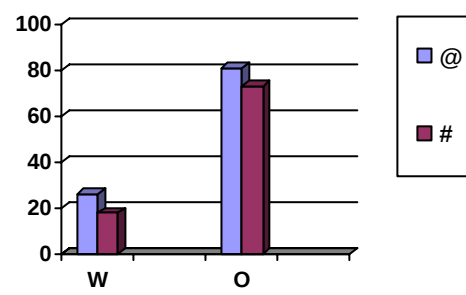
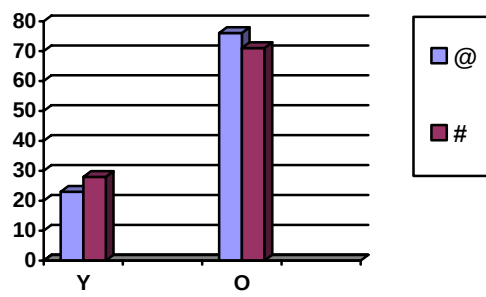
(4) a variável *localização de moradia*

Tabela 4 A Glide /y/

Tabela 4 B Glide /w/





O Bairro do Recife visto de cima



Vista Aérea do Centro do Recife, com o Rio Capibaribe, à esquerda o Bairro de Santo Antônio, na Ilha de Santo Antônio, e à direita o Bairro do Recife Antigo



Uma das Pontes do Recife



Forte do Brum, no Recife, Pernambuco, Brasil. Os portugueses o iniciaram em 1629, os holandeses o terminaram em 1631. O mais importante forte de Recife é hoje um museu militar, que exhibe desde armas antigas e modernas até o esqueleto de um soldado da época da invasão holandesa

